



REVISTA



"São os do Norte que vêm..."

1849 -- NABUCO -- 1949

☆☆☆☆☆

☆☆☆☆☆

Samuel Mac Dowell Filho

Alocação proferida na sessão magna promovida pela Congregação da Faculdade de Direito do Recife, em homenagem a Joaquim Nabuco, no dia 17 de agosto de 1949, pelo prof. Samuel Mac Dowell Filho:

A Congregação da Faculdade de Direito da Universidade do Recife houve por bem designar-me para falar em seu nome na sessão ou na cerimônia em que oficialmente se associa às homenagens prestadas à memória de Joaquim Nabuco. No transcurso do primeiro centenário do nascimento deste ilustre brasileiro, Curvo-me obediente à injunção, embora, seja-me permitido observar sem desapeito, dolorosamente consciente do descuido do critério que inspirou, neste passo, um grupo ilustre de homens, geralmente prudente e sábio nas suas resoluções.

A agudeza do espírito, o brilho da palavra, o esmero da cultura, são apêndices que não rareiam entre os membros componentes desta Faculdade. Pareceu-me, pois, estranha a imbrança de destacar, dentre esses membros componentes, aquele a quem mais falta saber, engenho e arte, e de destacá-lo justamente, para tratar, para dizer, da personalidade brasileira que, pelo conjunto, pelo ajuste, das suas qualidades morais, intelectuais e físicas, é única talvez, certamente uma das poucas, entre mortos ou vivos, que evoca, na plenitude da sua adoração ao ser humano do sexo masculino, o conceito canônico de uma composição alta e milagrosa. Pareceu-me inoportuno o alvitre de escolher, dentre quantos podiam ser objeto da escolha, o mais obscuro e insignificante, e isso justamente para apreciar, no cenário da vida brasileira, o desempenho, a atuação, de uma das suas figuras mais expressivas, ou para focalizar, no firmamento espiritual da Pátria, a clotização de um dos seus astros de maior grandeza. Pareceu-me ainda paradoxal, com redobrada veia o confesso, que, para celebrar uma das gemas mais imarecivelmente refulgentes no sacário dos valores nacionais, uma das glórias mais duradouramente inscritas nos fatos da nossa história, se a sociedade, e, no sentido amplo e belo, política, delegasse a proclamação Congregação alguma que, só a título precário ou transitório, tem a honra de pertencer-lhe, e isso quando luzem no seu seio tantos talentos de água definitivamente conferida e consagrada.

Entretanto, apesar de tantos e tão flagrantes contrastes, de tantas e tão acusadas deficiências minhas, ouço crer e dizer que, poucos, no seu primeiro contacto com o pensamento escrito de Joaquim Nabuco, sentiram emoções tão estranhamente vivas, tão palpavelmente atuais, como as que me empolgaram quando, na Europa, há mais de trinta anos, ainda adolescente, ou melhor, emergindo da adolescência, após um longo currículo de aprendizagem escolar em estabelecimentos franceses e ingleses, veio ler-me às mãos um exemplar desse maravilhoso livro intitulado "Minha Formação".

Naturalmente, quando falo nas minhas emoções em comparação com as de outros, no primeiro contacto com Nabuco, não aludo aos que o conheceram pessoalmente, aos que, como Graça Aranha, puderam dizer ou podem dizer, recordando uma experiência vivida: "No espelho da minha Saúde se refletem de Joaquim Nabuco três imagens: a imagem da Beleza, a da Inteligência e a da Bondade". Muito menos aludo aos que, desde o vigor dos seus dias, conviveram diuturnamente no afago do olhar, independentemente de quaisquer atributos peregrinos da pessoa, se expandiu, como disse o mesmo Nabuco na carta encantadora que serve de prefácio ao livro da sua filha, aquele amor sublime que dispensa os méritos e se alimenta da sua própria dedicação.

Aludo, sim, aos que de Joaquim Nabuco apenas conheceram, por assim dizer, os objetos materiais, as produções de sua pena, meros fragmentos da personalidade do autor, e que, se, de fato, encerram e revelam muitos traços característicos deste, não proporcionam, entretanto, a visão do todo organismo, da união infelavelmente harmoniosa da alma e corpo, de espírito e matéria, da fusão misteriosa daquelas três imagens, Beleza, Inteligência, Bondade, na fórmula só e irredutível que fez de Joaquim Nabuco, segundo Graça Aranha, a mais feliz expressão da nossa raça.

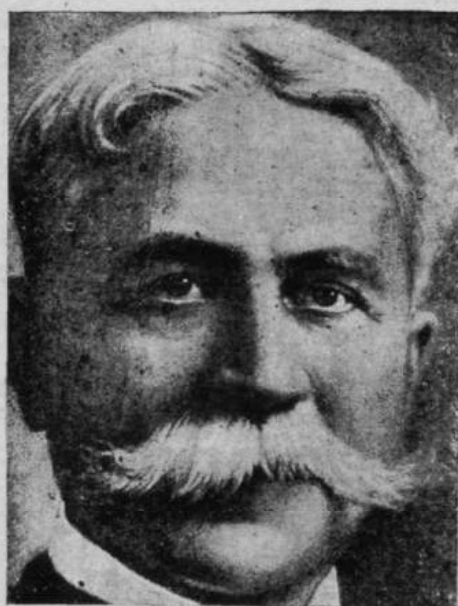
Essa visão, as próprias fotografias a transmitirem imperfeitamente, e só mesmo um pintor de gênio talvez houvesse conseguido captar e perpetuar na tela para a posteridade, o momento de esplendor humano encarnado por Nabuco, por Nabuco vivo, por Nabuco na presença atuante, posto que sempre admiravelmente comedida, do seu sentir, do seu pensar, do seu agir. Mas este pintor, ou escultor que fosse, livrar-se-ia da perventura do frenesim dramático com que Miguel Ângelo, segundo a lenda, alucinado pela impotência do próprio gênio, feriu raivosamente com o cinzel o mármore do seu Moisés para compeli-lo a falar, arrebatado feroz, sobre a água do rio.

Inda assim, a etíca estampada nessas fotografias, pálida claro daquele esplendor, é suficiente para concretizar, nos olhos de quem a contempla, o bosquejo febrilmente lírico que, na tragédia de Shakespeare, traça Hamleto da figura do pai: as voltas apolônicas do cabelo; a própria fronte joviana; o olhar, como o de Marie, que intima e impera; o porte heral de Mercúrio recém-pousado no cume da rocha que aflora o céu; uma combinação, verdadeira, e uma forma onde cada um dos deuses parecia haver apostado o seu sêlo para dar ao Mundo a segurança de que ali estava um homem!

Mesmo nas fotografias, mais divulgadas, de Nabuco prematuramente encanecido e algo combatido, sente-se, adivina-se, que luta juvenil do olhar apenas se transformou, se abrandou, na limpa luminosidade da velhice indolente, consoante os belos versos de Victor Hugo:

Et Von voit de la flamme aux des jeunes gens.
Mais dans l'oeil du vieillard on voit de la lumière.

E, como, diante da majestade que resume da fisionomia dos últimos retratos, majestade onde, hoje podemos presumir, já se insinuava a calma consciente, a calma augusta, de quem enfrenta a Morte, como disse Cruz e Souza, sereno do dever cumprido e na alta confiança do triunfo, como, diante dessa majestade,



Joaquim Aurélio Barreto Nabuco de Araújo

tade, não desorientamos, na cômica sugestão da metáfora de Whitman, o estuário que se alarga e expande grandiosidade ao derramar-se no grande mar?

Pois bem, desse Nabuco vivo, que de balde procuro reconstituir pelo esforço da imaginação e com a ajuda poderosamente mágica dos poetas, colhi nas páginas de "Minha Formação", na época e nas paragens longínquas a que me referi, algumas vibrações que suscitaram no meu íntimo as mais profundas ressonâncias.

Era um brasileiro, um eminente e laureado brasileiro, que reconhecia explicitamente a subordinação a disciplinas estrangeiras do seu raro dom de expressão, do ritmo envolvente da sua dicção, da arte sedutora, dire-se-ia candidamente sedutora, ingenuamente cativante, suave e forte ao mesmo tempo, com que expunha idéias, traduzia impressões, relatava fatos, descrevia coisas, animava séries. Era um brasileiro, um eminente e laureado brasileiro, que armava, pode-se quase dizer, o problema da sua personalidade cultural sob a forma de um binômio franco-inglesês, e que, não obstante os dados exóticos e sem prejuízo aparente das suas propriedades as mais singulares, oferecia, apresentava, do problema, soluções irrecusáveis de caráter a um tempo genuinamente nacional e transcendentemente humano.

Hoje, é certo, penso que Nabuco iludiu-se um pouco à si mesmo quanto à intensidade das influências estrangeiras no seu feto moral e intelectual. Ele próprio consignava nas impressões indelévelmente gravadas na sua alma de menino pelo complexo Natureza-Sociedade que o cercou, durante vários anos, no Engenho Massangana, no Engenho Massangana que não dista muito de outros engenhos: Sapucaí, Massangará, onde se, que estive, nada conservo da estadia, pois que tinha apenas meses de idade, quando lá me levaram meus pais em visita à casa senhorial de bisavós maternos que, por sinal, eram também meus padrinhos. E essas sensações de infância sempre se foram dilatando com a crescente maturidade de Nabuco, como se vão delatando, sem apagar-se, à medida que o tronco se evoluiu e enfiouse, os sinais insculpidos na carne tenra das jovens árvores. E o que o próprio Nabuco reconhece quando, com a graça inimitável do seu estilo, observa que o traço todo da vida é para muitos um desenho da criança esquecido pelo homem, mas ao qual ele terá sempre que se cingir senão o saber. E acrescenta que por sua parte acredita nunca ter transposto o limite das suas quatro ou cinco primeiras impressões.

Ademais disso, a vida escolar de Nabuco desenrolou-se integralmente no Brasil, e do seu senso inato, espontâneo, e jamais embotado, do vernáculo e dos seus legítimos expoentes, é atestado frisante o culto precoce que votou a Camões e a especialização que muito cedo adquiriu em tudo quanto se relaciona com o que a imprensa portuguesa. Foi ainda no Brasil, sob o paládio de autênticos auspícios e ao calor de autênticos lares nacionais, sempre na medida em que o elemento lus está visceralmente incorporado ao acervo cultural brasileiro, que Nabuco se iniciou nas justas literárias e notadamente na atividade jornalística.

Como negar, diante disso tudo, que a sua formação mental assentasse em arraigadas e sólidas bases caselras? E não parece haver lugar aqui para a distinção, que postara de fazer Nabuco, entre formação instintiva e formação refletida ou consciente.

A vocação, que o atraiu para ideais de cultura franceses ou ingleses, representa apenas, ao meu ver, tendências concorrentes,

jama! preponderantes, de um espírito cuja extraordinária sensibilidade estética o tornou, de certo modo, no sentido goethiano, um cidadão do Mundo. É possível que certa vaidade ou afetação, de que o homem, com toda a sua superioridade e mesmo um pouco por causa dela, não era isento, o induzisse ocasionalmente a conferir, a emprestar, a essas tendências um relvêo exagerado ou artificial, do que, aliás, não pouco se aproveitaram os seus censores ou detratores. Mas, essa fraqueza, anódina, venial e tão desculpável, se enriqueceu o anedotário satírico em torno de Nabuco, não alterou, nem desmaturou a sua fibra essencial.

Devo confessar, por exemplo, e com escândalo talvez de muita gente, que não consigo vislumbrar, no estilo de Nabuco, o decantado toque renano, e muito menos sob a forma de influxo decisivo na configuração desse estilo. Nem mesmo o vislumbre quando Nabuco escreve em francês, idioma de que sempre usou, note-se de passagem, com a mais apurada correção e elegância, porém, na minha opinião, sem o cunho distintivo que assinala a sua lava na prata de casa.

Renan era mestre, e mestre consumado, do dizer ambíguo, do enunciado dúbio. Raramente emitiu juízos de ordem moral, ou mesmo sentimental, em termos diretos, claros, inequívocos. E, dado que essa vezo importa em vício, no mesmo vício incorrem muitos dos seus juízos de ordem científica ou pseudo-científica, juízos históricos, filológicos, teológicos. Neste terreno, comprazia-se em multiplicar hipóteses, não pelo azeite azeite e feudo de alcançar a Verdade, sim pelo gozo estéril, ou direi satânico? de semear a Dúvida.

As suas melhores qualidades de estilo, a cadência musical, a flexibilidade da frase, o tom de intimidade, o dom de evocação, ora vaporosa, ora autnua, de seres e personagens místicas ou históricas, o colorido matizado das paisagens, a transposição destes num plano onde os espetáculos da Natureza parecem converter-se em prolongamentos do próprio estudo d'alma do espectador, essas qualidades, umas com us, outras com outros, éle as compartilha com vários escritores franceses que o precederam: Rousseau, Châteaubriand, Sénancour, Lamartine, Maurício de Guérá. Sob muitos aspectos, os seus famosos "Souvenirs d'Enfance et de Jeunesse", "Reminiscências da Infância da Mocidade", são quase uma réplica das pouco lidas, injustamente pouco lidas, "Confidências de Lamartine". Quanto aos contemporâneos, a sua não menos famosa "Oração sobre a Aerópole" é, mutatis mutandis, pouco mais do que um decalque, um tanto diluído, da Invocação à Tanit na "Salambô" de Flaubert, rematado por um magnífico alexandrino onde condensou todas as suas impressões de opulência descritiva hauridas na leitura ou no convívio do parnasiano cético e visionário Leconte de Lisle.

E verdade que essas qualidades todas, que são, pelo menos, algumas delas, as que o próprio Nabuco com a sua compartilha, Renan ajunta o que, no seu estilo, é tipicamente, peculiarmente seu, a vaselina de uma bonomia simulada ou falsa, que é em que consiste a sua ironia específica, e o visgo rançoso de uma certa unção religiosa, que provavelmente lhe ficou do seminário, e que é em que consiste o seu apego ao senso didático.

Não nego o sortilégio sutil e mórdo, macio e pegajoso, que se desprende dessa mistura habilmente mistada e da qual resulta o que se pode chamar um autêntico estilo pega-mocas. Nabuco deixou-se pegar por ele, e qual de nós, nesta ou naquela fase de nossa evolução intelectual, não succumbiu, temporariamente embora, ao enlho, traiçoeiramente delicioso, dessa carícia desvirilizada, que lembra as artes com que Balzac, entranhado nas redes energias de Sansão, não vejo que Nabuco, preso embora, como rapidamente afirma, ao feitiço desse estilo, o tenha, de qualquer modo ou em qualquer tempo, assimilado. Não vejo que Nabuco jamais se mostre evasivo, sinuoso, turvo, e muito menos deliberadamente tortuoso, na expressão do seu pensamento. E repare-se como a ironia é rara, quase inexistente e nunca ferina, em Nabuco, a ironia que não vejo que Nabuco, preso embora, como rapidamente afirma, ao feitiço desse estilo, o tenha, de qualquer modo ou em qualquer tempo, assimilado.

Em suma, acho que se pode dizer que o estilo de Renan é um estilo desonesto ao passo que o de Nabuco é um estilo honesto ou, moderando a rispidez dos termos, que o estilo de Renan é um estilo manhoso ao passo que o de Nabuco é um estilo leal, e se aliquid for isso que se formule o contrário, não posso dizer que possa haver maior diferença do que essa entre dois estilos, a não ser a diferença, que não ocorre na espécie, entre o estilo do indivíduo que de fato sabe, e o estilo do indivíduo que apenas pensa que sabe escrever.

Essas considerações todas que ora faço, e outras muitas que tenho feito e que me abstenho de reproduzir aqui para não inflatar demasiadamente os ouvidos das suas considerações todas, não as fazia eu, entretanto, no período de vida a que me refere o texto. Naquele tempo, guardadas as proporções, e nem sei mesmo se naquele tempo as guardava, percebia apenas entre o caso de Nabuco e o meu caso o que me parecia uma analogia alva-reira e como que um radioso presságio do destino futuro.

Se Nabuco então, confesso que sonhei, ser um dia, na minha pátria uma espécie de Nabuco, um outro Nabuco. Não sei se imitação servil das suas técnicas ou dos seus gestos, pois que isso só por si, dada a originalidade do modelo, exclui a realidade do sonho. Sonhei sim, trazer a minha contribuição própria, inconfundível, e porque não disse-lo? no meu sonho acalmada, à obra de que Nabuco me parecia ser e de fato era, após um certo ponto, o empuerço prestioso, o pedreiro cantante a construir tetos de ouro, como o de Nabuco é um sonho de ouro, obra de síntese de cultura, como esse Shakespeare das albas, construído de cultura de cultura, de cultura de cultura, de cultura espiritual dos povos ou, em toda o caso, das elites, no domínio

(Continua na 2a. pag.)

1849 - NABUCO - 1949

(Continuação da 1.ª pag.)

TÓPICOS



Capela de Massangana — Desenho de M. Bandeira.

NÓS E NABUCO

Nabuco, pelas suas antecipações no terreno das conquistas sociais — assinaladas brilhantemente por Gilberto Freyre em memorável conferência na Faculdade de Direito do Recife — está tão perto de nós que as comemorações realizadas pela passagem do 1.º centenário de seu nascimento tiveram um cunho de atualidade como se ele estivesse presente a todas elas.



O campeão do abolicionismo, o estadista e o escritor — analisados por Oscar Mendes, Nilo Pereira, Barbosa Lima Sobrinho, Clemente Mariani e Carolina Nabuco, sem falar na conferência de seu biógrafo, Celso Vieira, trouxeram às gerações mais novas um maior conhecimento de Nabuco, o menino de Massangana que sempre foi em toda a sua vida. E a de Aníbal Fernandes soube mostrar ao povo do Recife que Nabuco é um dos nossos, um combatente de primeira linha pelo progresso, pela cultura, e sobretudo pelas liberdades democráticas que tiveram no seu verbo o mais decidido e culto de seus defensores em terras pernambucanas.

Por tudo isso, ainda sob a impressão das retumbantes e justas homenagens que o governo e o povo prestaram à memória de Joaquim Aurélio Barreto Nabuco de Araújo, "Nordeste" dedica este número ao cidadão do Recife e ao libertador de uma raça.



que Nabuco sempre soube seguir com a elegância e o bom gosto de um verdadeiro escritor.

Por isso não é demais lembrar aqui aos que ainda não leram Nabuco da necessidade de não só conhecer o Nabuco orador como também o Nabuco erudito, o Nabuco esteta. Esteta da política e da arte, numa união das mais felizes que até hoje podemos apresentar aos olhos do mundo das letras e das artes.

Nabuco e a poesia

Uma das páginas mais notáveis pela sua franqueza humilde e de poder de auto-crítica está em "Minha Formação". Refere-se ali, o autobiógrafo, aos seus versos e à poesia em geral, dizendo com simplicidade franciscana que não lhe roubou o dom do verso, porquanto fazer versos não é somente alinhar palavras sonoras. Antecipou-se mais uma vez Joaquim Nabuco a todos os modernistas e revisionistas atuais da poesia declarando humildemente que, na distribuição das graças eternas, a cã não lhe roubou o engenho da arte.

Nabuco camoniano

Soube o sr. Nilo Pereira traçar, em lídicas palavras a situação de Nabuco nos Estados Unidos como divulgador e amante da lira camoniana. As conferências de Nabuco sobre Camões revelam um político de sabor clássico que não improvisou a sua cultura para efeitos externos, mas que foi, em toda a sua vida, um laborioso trabalhador intelectual.

Nabuco camoniano é uma outra face do campeão do abolicionismo que precisa ser repetidamente indicada como exemplo à nova geração afirmando que ele não se deixa embalar pela improvisação cultural e sabia buscar as raízes de sua tradição literária na obra do vate universal da língua portuguesa.

NABUCO, O ESTETA

Foi o ministro Clemente Mariani que, em notável conferência no Teatro Santa Isabel, salientou a estética de Nabuco, as diretrizes de filosofia da arte

alcançado e imponderável da comunhão universal no Belo, no domínio resplandecente e ressedente das galas prenunciadoras do advento da Walt-Literatur, da Literatura Mundial vaticinada por Goethe.

Poderiais, sem dúvida, interromper-me nesta altura, como Romeu interrompeu Mercúto quando dissertava fantasiadamente sobre a Rainha Mab, a travessa Fada dos Sonhos, e poderiais dizer-me como o mesmo Romeu então disse a Mercúto: Calate, calate, e deixa de sonadas, para não dizer de beateiras, pois que sonadas são, contestavelmente, os sonhos, que, eu teus, que nunca se realizaram". E terias toda razão. Hoje, eu bem sei que, ainda quando as circunstâncias externas de nossas vidas houvessem sido rigorosamente iguais, eu sempre me poderia ter dirigido à sombra de Nabuco como Bocage, este, aliás, sem razão, dirigiu-se à sombra de Camões:

Modêlo meu tu és... Mas, oh tristeza... Se te imito no transe da natureza. Não te imito nos dons da natureza.

Nabuco, em qualquer hipótese, teria sido, como foi, para mim uma espécie de Rainha Mab, sem contudo a malícia, pois, que culpa tem ele na frustração de meus sonhos? Há, entretanto, alguma volúpia melancólica no recordar dos sonhos, quando a gente pode recordá-los. Grande parte da nossa vida, desta feita, é feita, e tecida dessa substância, inconsistente como o ar, dizia Merito, inconsistente como o vento, impalpável como os raios da lua. E não era Antônio Nobre que applicava às mocas cantadeiras lá da terra que, com as suas límpidas cantigas, desaterrassem das ruínas do seu lar,

Todas aquelas ilusões antigas que viu morrer num sonho, como um al...

E certo que a minha cantiga se assim posso chamar a esta locução, é insôsa, tósca, desafinada. E, entretanto, o que de meu, o que de pessoal e isso mesmo com excessiva cópia, talvez, de citações alheias, tinha para vos oferecer, o que mais posso vos dizer, do que o que tenho?

É privilégio, aliás, dos grandes espíritos, não sei se o privilégio de que sejam particularmente ciosos mas, em todo o caso, privilégio deles, despertar nas almas dos pequenos, nas almas dos homens comuns, desses grandes sonhos, grandes demais para a capacidade de quem os acienta, mas que, por isso mesmo, ainda quando desfeitos ou esvaziados, deixam por onde passam uma noção, um padrão, uma positiva ante certos espetáculos de miséria e mesquizez. Sob esse aspecto, penso que o preito de homenagem que ofereci ou que ofereço a Joaquim Nabuco é, pela sua desvalia mesma, digno da grandeza do homenageado.

Outros com toda a autoridade e proficiência necessárias, vos dirão, se já não o sabeis, o que foi Joaquim Nabuco como homem público, como estadista, como diplomata, como orador, como escritor.

Outros vos descreverão o realce incomparável com que representou a sua pátria no exterior e o desvelo constante e extremado com que a serviu no interior; desvelo constante, digo eu, porque nem sempre servir a pátria é servir o regime e tenho para mim que a firmeza doutrinária, a coerência ideológica, o senso de fidelidade, que fizeram com que Nabuco renunciasse às atividades políticas depois da proclamação da República, constituem, para as gerações brasileiras, um exemplo mais robre e precioso do que a assanhada sofreguidão de muitos corifeus do então novo regime. Foi, aliás, o mesmo exemplo que o meu avô, obscuramente, logrou aos seus.

Outros vos apontarão os méritos notáveis, excepcionais, de livros como o "Estadista do Império" ou o "Balmaceda"; aquele, no dizer de Ruy Barbosa, "monumento erigido ao gênio do pai pelo do filho", este, monumento também a seu modo, mas monumento erigido ao gênio da Liberdade Política, em protesto contra a raça detestável e demasiadamente prolifera dos tiranetes sulamericanos. Aquêlo, "O Estadista do Império", modêlo insuperável de biografia política, de entrelaçamento judicioso e lúcido dos fatos da vida de uma Nação com os fatos da vida de um dos seus cidadãos mais opositores e influentes, onde apenas se discerne, de vez em quando, uma pontinha, a bem dizer natural e inevitável, de parcialidade na valorização pelo filho da pessoa e dos atos do pai. Este, "O Balmaceda", verdadeiro compêndio de elevada filosofia, donde destacarei apenas no momento, pela oportunidade da ocasião, a idéia avançada por Nabuco e que talvez possa ser tomada em consideração pela Congregação desta Faculdade, de ser criada nas Escolas de Direito do Continente Sulamericano, ao lado e como complemento da cadeira de Direito Constitucional, uma cadeira de Revolução Comparada.

Outros vos pintarão o Nabuco heróico, o herói da Ação e do Verbo, que foi na prosa e que Castro Alves foi no verso, campeões ambos, com armas diferentes, mas igualmente galhardos e flamejantes, da Dignidade humana, na Campanha Abolicionista. E talvez haja quem também vos pinte, com tonalidades mais discretas, e vale a pena pintá-lo, o herói, não direi obscuro, mas oculto, das pugnas íntimas pelas quais Nabuco, depois de ajudar a emancipar o seu povo dos grilhões da escravidão, libertou a própria alma das trevas espirituais em que mergulhava.

Outros vos falarão ainda, talvez do Nabuco simplesmente humano, da suprema delicadeza do homem que, às solicitações fascinantes de sucessos mundanos, que para ele teriam sido fáceis e variados, sobrepuja uma austera, quase sacerdotal concepção da família e das responsabilidades do chefe de família, sem que contudo a austeridade da concepção de modo algum regessasse as fontes donde dimanavam perenemente todas as doçuras do afeto humano e todas as efusões de um coração enamorado e embevecido da beleza das cousas.

Outros enfim vos dirão algo sobre Nabuco e Pernambuco e talvez possam desvendar-vos, além das contingências triviais do berço e do túmulo, o que há, o que deve haver, de misteriosamente simbólico na estranha correspondência entre os dois nomes, na chela e grave querência da rima rica e perfeta. Amnhã mesmo, teréis o ensaio de ouvir neste recinto, sobre o grande Pernambucano, Joaquim Nabuco, o conceito sempre previsto e justo, a palavra sempre alerta e pitoresca, de outro grande Pernambucano, Gilberto Freyre, e talvez isso vos possa compenetrar o sacrifício de, ter-me ouvido hoje com tamanha condescendência ou resignação.

Outros, em suma, vos mostrarão Nabuco, como disse Mallarmé,

Tel qu'en lui-même enfin l'Eternité le change.

tal como Nabuco se apresenta, na beleza estilizada das suas atitudes, na pureza cristalizada das suas intenções, na fecundidade sempre viva dos seus ensinamentos, aos olhos das gerações presentes e vindouras. Em contraste com este esplendor total e imorredouro, eu vos pude apenas mostrar o brilho fútil, o vazio fugaz, de uma estrela cadente, da passagem de um sonho, mas de um sonho que representa para mim um desses momentos infelizes de aconchego carinhoso, de colóquio íntimo, que mantemos, à sua revelia, com os grandes espíritos e que só eles geram nos recessos das nossas almas.

E verdade que, no meio desses devaneios todos, quasi esquecia de que estou falando aqui em nome da douda Congregação de Faculdade de Direito do Recife, aliás, só muito relativamente presente no local.

Sabemos que Nabuco concluiu nesta instituição o seu curso jurídico iniciado em São Paulo. Sabemos mais, por informação de Carolina Nabuco no seu livro, que, depois de colar grã, Nabuco pretendia continuar na sua cidade natal, exercendo a profissão para a qual se tinha preparado, embora essa profissão não devesse condizer muito com a índole, com o temperamento pessoal e sincero, do homem que havia de escrever mais tarde que os principais recursos, os principais efeitos, do advogado são a arte do lugar comum esculhido e a falacia lógica. Como quer que fosse, Nabuco, dócil ao conselho expresso do pai e, sem dúvida, ao aceno, invisível mas imperioso, do seu alto Destino, rumou para outras plagas e outros afazeres.

Se Nabuco houvesse, conforme o seu desejo, permanecido no Recife, no cumprimento das tarefas mais ou menos rotineiras da atividade forense ou jurídica, é possível que o seu retrato, lamentavelmente ausente desta Faculdade, figurasse hoje, pela ordem natural, ou melhor, pela ordem normal das cousas, na galeria dos antigos mestres.

Tal, porém, não ocorre.

Nestas condições, que posso eu dizer em nome da Congregação da Faculdade de Direito do Recife, senão o que disse certo membro da Academia Francesa, referindo-se a um glorioso escritor que não fizera parte dessa ilustre agremiação:

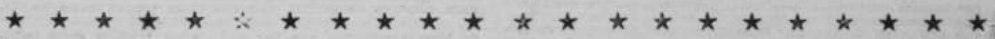
Rien ne manque à sa gloire. Il manquait à la nôtre.

Nada falta à glória de Nabuco. Ele é que faltou à nossa Humanidade.



«As pílulas eram grandes e de mau sabor, mas o doente enguliu-as, graças à paciência e habilidade do enfermeiro.»

(Do «O Dia» a Quatro, durante a campanha eleitoral de 78 — O barão de Vila-Bela (Domingos de Sousa Leão) faz o eleito do Recife engulir a pílula de «Nhô Quims».)



NORDESTE

REVISTA DE CULTURA

Editado pela Empresa JORNAL DO COMMERCIO S. A

Redação e gerência: RUA REAL DA TORRE, 701

Recife — Pernambuco

REPRESENTANTES:

- Hespanha (Barcelona) Cabral de Melo, neto
- França (Paris): Cleo Dias
- Estados Unidos (New York): Artur Coelho
- Elo de Janeiro: José Comê
- São Paulo: Eulo Silveira
- Alagoas: Sílvia de Macêdo
- Bahia (Salvador): Jota Soares
- Parahyba (João Pessoa): Ganbarra Filho
- Rio Grande do Sul (Porto Alegre): Sílvia Duran
- Rio Grande do Norte (Natal): J. Gonçalves de Medeiros
- Minas Gerais (Belo Horizonte): Lara Rezende
- Paraná (Curitiba): Dalton Trevisan
- Ceará (Fortaleza): José Edisio Albuquerque

Diretor: Esmaragdo Marroquim
Redator-chefe: Aderbal Jurema

— Solicitamos permissão com as publicações congêneres.

— Todos os livros enviados a esta revista, serão registados independentemente de crítica assinada.

Número avulso Cr\$ 4,00

Número atrasado Cr\$ 6,00

PROBLEMAS DA ECONOMIA AÇUCAREIRA VISTOS POR NABUCO

MANUEL DIEGUES JUNIOR

Ninguém como Joaquim Nabuco traduziu melhor o tipo humano criado pela chamada civilização açucareira do Nordeste. Nele se reuniam as qualidades características do elemento dela originado, e onde se conjugaram harmoniosamente duas forças antagônicas: a aristocrática e a democrática.

Aristocrata de nascimento, ainda mais pela formação moral e mental, Joaquim Nabuco foi igualmente um democrata, já agora nas atitudes políticas sociais; por mais paradoxal que pareça, na sua figura — quer na física, quer na moral — os traços marcantes de sua formação traduzem-se particularmente nos dois polos que o sistema econômico do açúcar equilibrava nas suas relações não somente humanas como políticas, ou melhor dito, nas suas relações econômico-sociais; e que são justamente o aristocrático e o democrático.

Aristocrático pelo fausto, pela riqueza criada, pela maneira fidalga de receber e de acolher; democrático pelo equilíbrio social nas relações humanas, pela miscigenação imprimida no contacto demográfico, às vezes também nas atitudes políticas — o engenho de açúcar representou, na formação da sociedade brasileira, o elemento de equilíbrio ou de união no contacto ou na aproximação de dois traços tão antagônicos. O equilíbrio de antagonismos, aqui como em outros casos, notado por Gilberto Freyre, permitiu, no sistema criado pela economia açucareira, reunirem-se o aristocrático e o democrático. De que, dessa união, se constituiu Joaquim Nabuco figura humana característica marcante de sua atuação, representativa, verdadeiro padrão.

De engenho, onde se harmonizaram, e não se antepuseram, essas duas forças, trouxe Nabuco para a atividade pública o entusiasmo pelo abolicionismo. Em engenho ele sentiu o problema que haveria de ser a flama de sua atividade política. Atividade, aliás, que se encerra nos seus quarenta anos, quanto vitoriosa a abolição e proclamada logo depois a República. Nabuco se afasta do campo político para dedicar-se quase inteiramente ao intelectual. Quando melhor lhe amadureciam as qualidades de político, na idade que os triunfos começariam a suceder-se, enriquecendo-lhe a carreira, é que Joaquim Nabuco deixa o cenário mais amplo e integra-se num de menor repercussão num meio como o do Brasil.

Torna-se, por isso mesmo, mais que tudo um escritor; um homem de letras, onde se juntam admiravelmente o escrever bem e o pensar ainda melhor. Mas nem por isso perdeu o cunho de sua atividade mais profunda, e que Silvio Romero reconheceu em sua personalidade de homem de letras predominante a partir dos seus 40 anos: «Mas o seu falar e o seu escrever — disse na História da Literatura Brasileira — tiveram sempre uma substância própria, matéria plástica que dava vigor à sua forma brilhante: a doutrinação político-social».

É nessa edoutrinação político-social que se encontra o substractum, o mais profundo da atividade de Nabuco; o pensador ali ressaltava. E, sobretudo, ressaltava o homem de visão larga, que alcançou, em sua época, além dos limites estreitos do tempo, vendo e sentindo a importância do problema social que a Abolição, por si só não resolveria, nem resolveria Nabuco enxergou, com uma antecipação de moderno sociólogo, o problema social em seu conjunto, encarrando o abolicionismo nos seus diversos aspectos, e não apenas restrito a um simples sentimento humano de liberdade.

Na verdade o problema da abolição transcendia da emancipação dos escravos em si; estendia-se ao da organização do trabalho, compreendendo, em sua amplitude, a situação dos trabalhadores da economia açucareira, que era a base da vida nordestina, mesmo das classes de gente livre, que em engenho de açúcar empregavam sua ati-

vidade. A Nabuco preocupava, de modo geral, a situação dos trabalhadores, problema que lhe foi sensível desde os primeiros instantes do «Massangana», e a respeito de que se manifestou em mais de uma oportunidade.

Ainda recentemente lembrava Gilberto Freyre que para Nabuco o abolicionismo não era apenas a libertação dos escravos; era também a libertação econômica e social, de moradores aparentemente livres de domínios essencialmente feudais. E o próprio Nabuco lamentava que os homens livres que trabalhavam em terras alheias não compreendessem ser o abolicionismo uma luta também por eles; uma luta de emancipação não puramente romântica ou sentimental em favor de negros escravizados, mas profundamente social por um novo sistema econômico de organização do trabalho. Não estaríamos longe de encontrar nesta campanha de que Nabuco foi o «leader» uma antecipação.

É de observar-se, aliás, que problemas por ele então suscitados ou sugeridos encontravam ressonância em sua época, tal como se pode verificar do interesse com que, mesmo em Pernambuco, no Congresso Agrícola do Norte (1878), se debatia a questão da organização do trabalho; para essa organização saindo do sistema escravagista é que algumas vozes, mesmo de agricultores, se fizeram ouvir e clamaram. Em Nabuco não havia teorismo, nem romantismo na campanha. Ao contrário: ele encrava o problema do abolicionismo objetivamente, com admirável visão social.

Pois essa visão social que foi a mais ampla, se não a maior em seu tempo, teve-a Nabuco



Retrato raro de Nabuco, tirado na fotografia Parisiense, à rua Barão da Vitória, 65 — Recife, 1889

num engenho de açúcar. Num engenho ele plasmou sua formação: «Os primeiros oito anos da vida foram assim, em certo sentido, os da minha formação, instintiva ou moral, definitiva».

— disse ele próprio em Minha Formação. Neste período, passado

no engenho de sua madrinha, no Cabo, deu-lhe a terra açucareira o que ele chamou o «plano de fundo» de sua existência. O ambiente de engenho fixou em Nabuco, como a capelinha de São Mateus, «o simbólico do sonho religioso»; e lhe deu também, com a senzala, com os rendeiros, com os moradores, o sentimento do problema social que o sistema econômico do açúcar oferecia; e do qual o elemento mais visível, mais às claras, era a escravidão. Foi o que ele chamou «os grandes fatos morais».

Estes fatos morais é que iriam alicerçar a obra política e social de Nabuco; deles decorreria sua pregação abolicionista para combater, no que a escravidão representava, não apenas a perda de liberdade de seres humanos, se não também o regime de exploração do solo através de grandes propriedades, a ausência de uma classe livre de lavradores, o rebaixamento político, o retardamento do progresso material; enfim, todos os males que a escravidão unida ao latifúndio e à monocultura pode criar.

Porque, na verdade, não foi contra a escravidão isolada e só que lutou Nabuco; foi contra o sistema de exploração econômica do açúcar estendido no trabalho escravo, na monocultura, no grande domínio territorial. Contra o que ele sentira, pela influência que lhe ficou dos primeiros anos de vida, num engenho de açúcar: o «Massangana». Daí verberar, ao lado do combate à escravidão, o regime de exploração agrária que condena em termos candentes em O Abolicionismo: «Nem é de admirar que a cultura do solo por uma classe sem interesse algum no

trabalho que lhe é extorquido dê esses resultados. Como se sabe o regime da terra sob a escravidão consiste na divisão de todo o solo explorado em certo número de grandes propriedades».

De modo que, em Nabuco, foi principalmente o ambiente do engenho de açúcar que lhe deu a moldura dos grandes problemas sociais objeto de suas cogitações, de seus estudos, de suas observações, de suas sugestões de pensador político e social. A escravidão representava, para ele, este conjunto de males que o meio social projetava; e que não somente projetava, como também sugeria ao estudo dos homens de pensamento. Dos homens que como Nabuco sentiram a gravidade dos problemas sociais aguçados nas relações entre senhores e escravos; entre proprietários e trabalhadores; entre donos de terra e lavradores livres.

Problemas todos eles traduzidos na época no sistema econômico do açúcar, fixaram-se na obra de Nabuco. E quando ele mostra os males da escravidão em relação à organização social o exemplo vai buscá-lo na economia açucareira: «O ouro realizado pelo açúcar foi largamente empregado em escravos, no luxo desordenado da vida senhorial; as propriedades, com a extinção dos vínculos, passaram das antigas famílias da terra, por hipoteca ou pagamento de dívidas, para outras mãos; e os descendentes dos antigos moradores e senhores territoriais acham-se hoje reduzidos à mais precária condição imaginável, na Bahia, no Maranhão, no Rio de Janeiro, Pernambuco, obrigados a recolher-se ao grande asilo das fortunas desbaratadas da escravidão, que é o funcionalismo público».

As duas facetas tão vemente verberadas por Nabuco — o grande domínio territorial e a escravidão — da organização social do Brasil, encontravam justamente no sistema econômico do açúcar sua expressão mais alta. A época de sua pregação, a imigração estrangeira, branca e livre, para São Paulo, contrabalançava, na economia cafeeira, a participação do trabalho servil, do preto e escravo. Na do açúcar, entretanto, esta continuava sustentáculo. E foi, pois, nela que Joaquim Nabuco sentiu a gravidade do problema e com sua ampla visão social enxergou os males, os defectos, os erros da organização social que a exploração latifundiária, monocultura e escravagista do açúcar representava.

A paisagem do «Massangana» impregnara-lhe a formação moral; e mais do que a moral, a mental. O pensador social que havia em Nabuco nascera no engenho de D. Ana Rosa Falcão de Carvalho; os moradores, os rendeiros, os escravos, a capelinha de São Mateus deram-lhe a realidade do problema social do Brasil na época. E Nabuco o sentiu como ninguém. Sentiu-o como o menino criado no engenho; sentiu-o como o homem que teve sua formação feita no ambiente da economia açucareira; sentiu-o como pensador que, no sistema de exploração agrária do açúcar, colheu as imagens vivas e nitidas que haveriam de ser, em toda a sua pregação político-social, o fundamento de suas idéias, de suas doutrinas, dos princípios pelos quais lutou.

Fisicamente representativo do elemento humano da civilização açucareira, não foi menos representativo dessa civilização em sua atitude mental; da religiosidade, e mesmo da anti-religiosidade de certa fase de sua vida, do combate à escravidão, da doutrinação político-social a que alude Silvio Romero, havia em Joaquim Nabuco como que o sentimento do homem que viera de engenho. Que em engenho se criara, plasmando sua formação moral no cheiro do mel de turo e em contacto com os negros escravos, os mulçucos de bagaceira, os cambiteiros, os moradores, os compadres, todas estas figuras ou tipos oriundos do sistema econômico do açúcar tal como foi explorado no Nordeste brasileiro.

3 Jan. 1932
52, Cornwall Gardens
Meu caro Dr. Graça,
"Falar Sarix" é o que me despi-
e ao seu amavel bed. febrer.
has suas indagações tenha em vista
a importância da press. invadida,
de serem os livros impressos, como
jornais, da noite para o dia, e
que a maior parte da imprensa
seja por enquanto em português.
Ja' agora pare a documentação ou
adoptar a forma "blue-book" para
haver uniformidade com os volu-
mes ingleses e pela quantidade de
matéria, desde que o documento
tem que ser produzido na integra.
Conven garantir, se tambem qua-
os documentos me serão enviados
tão rápidos como eu os mandei. Ha

estou disposto a tirar nova
cópia das cópias do libro para
imprimir.

Dejo que acabe Shanaan
e tambem que "o sucesso" não o
inflame para outro emprego
igual enquanto não tiver acabo
do Rio Branco. Se o amor que
me teve o Sr. não se consolaria
ao futuro, se eu ficasse estendi-
do na estrada pelo peso da carga
atrasa. Ganta forças portanto para
fôr a sua Secretaria empe da
guerra. De outra forma, se não
entrarei na Terra da Promissão.
Ficarei, como dizia o Machado,
na da Pro-Missão.
Affectuosas recordações ao Domi-
cio e ao Belgado.

Seu de coração
Joaquim Nabuco

ENCERRAMENTO DOS TRABALHOS DO CONGRESSO AÇUCAREIRO NACIONAL

— A PALAVRA ESCLARECIDA DO PRESIDENTE DO INSTITUTO DO AÇÚCAR E DO ALCOOL, SNR. EDGARD DE GOES MONTEIRO

Realizou-se no Hotel Quitandinha, em Petrópolis, de 17 a 24 de setembro, o 1.º Congresso Açucareiro Nacional, promovido pelo Instituto do Açúcar e do Alcool e com o comparecimento dos representantes da indústria açucareira de todo o país.

No encerramento do importante conclave, o presidente do Instituto do Açúcar e do Alcool, snr. Edgard de Goes Monteiro, pronunciou o seguinte discurso:

RIO — Oração do snr. Edgard de Goes Monteiro:

— Meus senhores — Quando, há sete dias passados, neste mesmo local, abrimos as portas deste Congresso, aos produtores de cana, açúcar e álcool, aos técnicos e às figuras mais representativas destes e de outros setores da produção, aos delegados da administração pública nos seus diversos graus de entidades de classe e finalmente a todos os homens de boa vontade, animados do propósito do estudo dos problemas ligados a agro-indústria do açúcar, que são, por assim dizer, cascais a vida de ponderável parcela da Nação, eramos, então, muito de nós, quase desconhecidos uns dos outros. A afinidade de propósitos, porém, manifesta no entendimento, e até nas divergências sinceras que logo encontramos solução na média dos princípios assentados, nos aproximou a todos, de tal modo que hoje podemos dizer, sem o perigo de incorrer em exageros ou otimismos, que somos mais unidos que há sete dias.

Para quantos laboramos, dia e noite, sem medir a extensão do cansaço físico ou intelectual, no estudo dos problemas e na composição das fórmulas, os resultados que já se tornaram possíveis afirmar, no curso dos trabalhos das reuniões plenárias, é bem uma idéia das tarefas cumpridas assim como um programa para o curso dos tempos imediatos. Homens da lavoura e da indústria, assessores técnicos, encontrarão por certo, nesta hora, ao rememorar as contribuições individuais ou os esforços havidos em equipe, num confronto com as conclusões aprovadas, uma justa recompensa pelos dias em que se afastaram dos seus trabalhos comuns para a composição deste conclave.

Tais resultados, de valor indiscutível, compreendendo propósitos de mais estreita cooperação de grupos econômicos para o constante engrandecimento do Brasil, valem sem nenhuma dúvida para consolidar a confiança que depositamos no futuro.

Semelhança convicção decorre, positivamente, do papel reservado ao açúcar no sistema econômico nacional, sendo suficiente assinalar que a cultura canieira ocupa em conjunto, as maiores áreas agrícolas do Brasil e se distribui por todo o seu território. Sobreleva assinalar, aqui, o teor de unidade nacional que preponderou em nossos trabalhos. Sobrepondo-se a qualquer regionalismo, prevaleceu sempre o critério do Brasil íntegro, na sua realidade física, no seu conteúdo sócio-econômico e político. E o açúcar, economia nacional por excelência, encontrou na real configuração dos seus interesses, comuns a todos os ramos da atividade canieira, o melhor testemunho da permanência do espírito tradicionalista, cuja preservação está implícita no consenso da transformação técnica e material guardados os preceitos da mais sã brasilidade, do mais puro amor à terra, fruto da sedimentação de gerações que têm alimentado, com suor do seu rosto, as lavouras e as

indústrias do complexo açucareiro.

Já se assinalou que uma das causas, senão a maior, dos nossos males, expressos nas inquietudes sociais, na fome, no pauperismo, no desequilíbrio do que se produz e do que se pode consumir, reside no fato de ser «sagradamente considerado» o problema político, deslocado para um plano secundário o problema econômico. A lição que vamos encontrar na história, porém, ensina que as guerras, os conflitos, as lutas civis, estão estreitamente ligadas às questões de produção e consumo ou, mais claramente, às da subsistência, como já reconheceu o Tratado de Versalhes em relação ao primeiro grande conflito universal.

Ainda em nossos dias, no claro-escuro deste após-guerra, voltamos as vistas pelo mundo e todos os focos de agitação que situarmos estão estreitamente relacionados, nas suas razões políticas, aos mais baixos índices econômicos, à miséria, em si, de populações inteiras, arrastadas desta maneira à exaltação materialista, esquecidas — possuídas do espírito e da inteligência, conturbada a razão, num deterioramento que, não fora a larga confiança que depositamos nos destinos da humanidade, nos pareceria irremediável.

No plano internacional a realidade tem mostrado o erro das economias estanques e autárquicas e do esquecimento dessa verdade, da prevalência do econômico. Sempre que o sentimento exacerbado do nacionalismo se sobrepõe ao princípio de solidariedade humana, a consequência lógica é o derriemento de forças que em dado momento, haviam se julgado absolutas.

Tem sido precisamente no sentido de fugir à perturbação dos sentimentos, pela suposição de um poderio limitado, que vimos nos consagrando, todos quantos labutamos nas lides da agro-indústria, do açúcar, a vencer os preconceitos da região, procurando emprestar-lhe o caráter unitário de um todo, constituído de parcelas homogêneas e bem definidas. Daí o grande mérito desta reunião — seu sentido nacional, sem no entanto irmãos à estranha pretensão de desconhecermos ou negarmos as influências ponderáveis que advêm da esfera internacional.

Nada de preponderância de interesses isolados, senão a procura de soluções que beneficiem igualmente à nação, como um todo, atendidas naturalmente as peculiaridades regionais, pois da conjugação das mesmas resulta o próprio equilíbrio da vida brasileira, no tripé econômico, social e político.

Pensar, no plano em que colocamos os nossos trabalhos, com a exclusão de regiões ou a hegemonia pura e simples do conjunto, é, seguramente, fator de quebra de unidade com as suas consequências rítmicas.

Não é verdade alheia ao conhecimento de todos quantos aqui estiveram no correr desta semana que existiram divergências e atritos, servindo, porém, para traduzir a vitalidade que governa os atos e atitudes de cada um de nós, característica de personalidade que, mercê de Deus, sabemos e saberemos manter. Resultaram da preocupação do estudo sincero, das contribuições individuais, para permuta de pontos de vista e, em último termo, de convencermos aquilo que, sendo a opinião média de todos nós, deva ser o caminho por onde, de hoje por diante, iremos andar, conduzindo sobre os nossos ombros a responsabilidade da estrutura da mais tradicional economia brasileira.

Nunca, em momento nenhum destes dias e destas noites de afanoso lidar, vimos rebentar a irritação descabida ou o desapeço pelas boas normas. Era que, acima dos interesses do Norte ou do Sul, dos homens da lavoura ou da indústria, so-



Sr. Edgard de Goes Monteiro, presidente do L.A.A.

breparava o mais legítimo interesse do Brasil.

Se decorrer dos nossos trabalhos, grande foi a nossa satisfação, constatando o alto nível de preparação intelectual e técnica dos congressistas.

Múltiplos foram os assuntos estudados e não houve um só ponto do Têrmiro adotado, que não merecesse detida consideração. Cerca de 150 teses, memoriais e indicações foram apresentados, constituindo quase todos valiosas contribuições para o encaminhamiento e a solução dos assuntos a que nos dedicamos.

Para que se possam colher as primeiras impressões dos resultados deste conclave, depois de assinalar o nível de compreensão e de harmonia que inspirou a todos, é bastante se ter em vista a importância e a complexidade das matérias debatidas.

No tocante aos problemas agrícolas foram verçados os mais relevantes aspectos relativos aos estudos experimentais de cultura da cana e das medidas para intensificação da defesa da gramínea, visando preservá-la das pragas e doenças; foram examinadas as condições em que funcionam as Estações Experimentais e indicadas quais as variedades de cana mais aconselhadas; foram trazidos ao conhecimento dos congressistas, os resultados e ensaios de adubação, da prática de mecanização, irrigação e drenagem apreciável subsídio para os que tenham interesse em aprofundar conhecimentos sobre estas especialidades.

As questões relacionadas com a indústria do açúcar e do álcool mereceram, por igual, toda a atenção dos congressistas.

Procurou-se fixar um critério para classificação das usinas e valiosas sugestões foram colhidas para a intensificação do reequipamento do parque açucareiro nacional, o que tem sido a preocupação mais constante da minha administração na autarquia açucareira.

Não foi menos o interesse, no que diz respeito ao contingente-mto da produção que, como todos sabem, é o ponto básico do sistema de defesa que todos desejamos preservar. Intensos e vigorosos foram os debates em face mesmo da significação imediata do problema para todas as regiões produtoras. E de se assinalar, também, que até mes-

mo neste particular, encontramos os produtores, fórmulas de entendimentos que possibilitaram a apresentação de recomendações, constituindo, já agora, sugestões para a contemplação dos estudos que já vinham sendo realizados no Instituto, para a conclusão de novas quotas de produção.

Foram também examinados os vários aspectos relacionados com a padronização da escrita das usinas, com o levantamento dos custos de produção e o estabelecimento dos preços dos principais produtos da cana.

Não foram também esquecidos os problemas de ordem comercial e financeira. Subsídios dos mais destacados valores foram trazidos sobre as questões que se relacionam com o zoneamento, transporte e distribuição dos produtos da cana e considerados os importantes aspectos correlatos, como sejam, a sua armazenagem e estocamento.

As questões financeiras foram por sua vez motivo de ampla atenção, sendo abordados variados aspectos, inclusive as modalidades e condições especiais das operações destinadas ao financiamento de entre-safras, warrantagem de açúcar, reequipamento e financiamentos especiais.

Coroando todas as indicações sobre tão importante assunto, sugeriram os congressistas a criação do Banco do açúcar, como um organismo a ser enquadrado no sistema de Jafca da produção açucareira. Trata-se, incontestavelmente, de mais um apreciável subsídio que deve ser levado a crédito do Congresso. Essa sugestão imposta pela realidade atual corresponde a uma aspiração que tem suas origens na lei básica que instituiu o sistema de defesa.

Não foram, por igual, esquecidos os problemas econômicos e sociais relacionados com o açúcar. Teses sobre a fixação do homem à terra, sobre a educação e formação do homem rural, aprendizagem técnica e prática para os trabalhadores da agro-indústria açucareira e a assistência social foram debatidas com o mais vivo entusiasmo e com o mais elevado espírito compreensivo, constituindo as conclusões dos estudos realizados em conjunto de recomendações do mais alto interesse para a solução do problema.

Enfim, podemos afirmar, certos de que não estamos exagerando, que as teses, memoriais e indicações, as notas taquigráficas dos trabalhos das sub-comissões e do plenário, os relatórios parciais e gerais daquelas e deste, serão a mais completa e rica contribuição para todos quantos se dedicam aos estudos desses problemas ou têm seus interesses ligados à economia açucareira.

Assumimos o compromisso de que tudo quanto foi aqui deliberado merecerá o exame atento do órgão executor da política açucareira, levando-se em conta a legitimidade de suas origens. Havemos de tornar efetivas, na medida das circunstâncias, as lições e as experiências desta reunião. Para isso, contamos com a cooperação de setores responsáveis da opinião pública, a começar pelo Legislativo Federal, que aqui esteve presente através de sua mais compacta bancada econômica, figuras das mais representativas da inteligência e de devotamento aos interesses do país. Desejamos fazer expressa referência ao exmo. snr. Presidente da República, que nos tem dado o grande exemplo de sã prudência, alcançando-se acima dos compromissos puramente partidários para dirigir os destinos do Brasil, numa difícil conjuntura de transição, conduzindo-o a rumos claros e bem traçados.

Os produtores aqui reunidos esperam continuar contando com seu decisivo apoio para solução dos novos problemas suscitados pela dinâmica da economia açucareira.

A compreensão das medidas aqui assentadas, resultantes do pensamento, é um imperativo da realidade, uma satisfação de

aspirações manifestadas em restrições pelos produtores do Brasil. E-nos grato lembrar que aqui não estiveram apenas produtores de açúcar, mas também outras atividades criadoras da riqueza nacional, na pessoa de delegados de entidades representativas de outros setores da produção, com justos títulos ao apreço público.

Temos hoje, mais do que nunca, por isso mesmo direito a melhor compreensão dos demais setores da vida brasileira, principalmente daqueles que estão em condições de orientar a opinião pública. Nunca nos arreceamos da crítica porque nela encontramos o estímulo ao trabalho, a busca das justas soluções para as causas justas. Aceitamos e até desejamos a crítica isenta pois nela reconhecemos uma força construtiva dentro do clima democrático em que desejamos viver.

Ao encerrarmos os nossos trabalhos, Snrs. Congressistas, os votos que faço na qualidade de Presidente deste I Congresso Açucareiro Nacional são para que, sempre unidos, os mais diversos grupos da economia canieira, sedimentemos os laços de nossa união, certos de que, se unidos temos vivido nestes dezesseis anos, como unidos viveremos por todo o passado, há de ser sempre nesta união que encontraremos, mesmo nos momentos mais difíceis, as energias para a sobrevivência, cumprindo o que nos é imposto pelos deveres de lealdade e respeito à gratidão da Pátria comum.

Por ocasião da sessão de encerramento do I Congresso Açucareiro Nacional, fizeram-se ouvir, além do Snr. Ministro da Agricultura e do Snr. Sales Filho, outros oradores, entre os quais o Senador Novaes Filho, representante dos fornecedores de cana, que ocupou a tribuna saudando o Snr. Presidente da República e congratulando-se com o primeiro magistrado da nação pelos resultados do certame.



Temos hoje, mais do que nunca, por isso mesmo direito a melhor compreensão dos demais setores da vida brasileira, principalmente daqueles que estão em condições de orientar a opinião pública. Nunca nos arreceamos da crítica porque nela sempre encontramos o estímulo ao trabalho, a busca das justas soluções para as causas justas. Aceitamos e até desejamos a crítica isenta pois nela reconhecemos uma força construtiva dentro do clima democrático em que desejamos viver.

Edgard de Goes Monteiro

JOAQUIM NABUCO E O TEATRO

VALDEMAR DE OLIVEIRA

De duas tentações não se salvaria Nabuco, em sua mocidade: de escrever versos e de escrever teatro. — E o Diabo que o arrastaria a uma e a outra não poderia ser — como não foi — senão Castro Alves. Eram companheiros de turma e inseparáveis. «Vimo-nos durante um ano, quase dia por dia, e nunca o vi dar um momento de atenção às realidades da vida, nem às ambições da mocidade», escreve Nabuco, alguns anos depois dessa camaradagem romântica, em São Paulo de 1868. Compreende-se: muitas eram as afinidades que os ligavam. Moços e belos, talentosos e apaixonados, «leaders», ambos, da juventude acadêmica, conquistavam, juntos, a sociedade do seu tempo. Castro Alves lhe seria o modelo ideal de orador, até porque também o seduzia, no poeta bahiano, a nota libertária que seria, em toda a campanha abolicionista, a que mais se faria ouvir na oratória de Nabuco.

Quando Barros Pimentel ajude ao auditório em delírio, no Teatro São José, ouvindo Castro Alves, não se esquece de dizer que «Joaquim Nabuco esteve sempre entre os que mais o aplaudiam». E o próprio Nabuco, quase vinte anos depois, no mesmo teatro, evocava «a figura do maior de todos nós, o poeta dos escravos, cujas estrofas eloquentes esta sala deve guardar o eco». De resto, tudo quanto escreve, em 1873, tem o timbre de uma imensa aspiração pela eloquência de Castro Alves, sem embargo das restrições que fazia ao seu estro poético.

Juntos se dirigem às massas, ao chegar a notícia da vitória de Humaitá; juntos comandam os estudantes da época, no Ateneu Paulistano; juntos saúdam, em nome da mocidade, José Bonifácio, que chega a São Paulo depois do golpe de 1868. São como irmãos, nesse ano tumultuoso em que a «boemia e as rapaziadas não eram mais de moda e predominava o prestígio intelectual e o da elegância». E quem os possuía em mais alto grau de sedução olímpica do que Castro Alves e Joaquim Nabuco, ombreado-se, embora, na mesma turma, com um Rui Barbosa, um Rodrigues Alves ou um Afonso Pena?

Os biógrafos de Nabuco ainda não estudaram a influência que, sobre os seus 19 anos, exercera o rapaz bahiano que do Recife chegara já bafejado pela glória. Tem-se a impressão de que Nabuco, então, o adorava. Decerto, a personalidade do moço pernambucano já se afirmava bastante forte e ninguém poderia dizer que pelos tempos adiante, qualquer marca estranha nela se revelasse, nítida e indelével. Sem dúvida, entretanto, encontrara, ele, em Castro Alves, um espírito de gratas ressonâncias, com o qual sintetizou rapidamente: amavam, ambos, abrir as portas das sensações para ver, na treva, a dor que lá dentro palpitava; visitavam, juntos, os altiplanos da eloquência e juntos apreciavam ao povo e às elites dos salões, entredisputando-se as suas simpatias. Foi, assim, de Castro Alves que lhe vieram, inicialmente, a sedução da poesia e a do teatro. Refiro-me àquelas primeiras tentativas poéticas de que não ficaram traços, posteriores, mesmo, a «O gigante da Polônia» e a «Truquiáias».

Anos depois, Nabuco escreveria «Amour et Dieu» — de que fez a própria crítica, no capítulo «A crise poética», de «Minha Formação», não sem alfinetar Castro Alves, ao afirmar que «cada é mais contrário à poesia do que a ênfase, o logar-comum e o patético da oratória. Onde começa o advogado ou o tribuna, acaba o poeta». Aliás, ele previra, ao agradecer a Machado, suas palavras animadoras, não se aplicar mais à poesia, de uma certa idade em diante, designando-se, completamente, «dissos mundos de visionários». Continuou: «Quando as minhas faculdades, concentradas pelo estudo e pela meditação, se puderem aplicar ao positivo, ao exato, deixarei de queimar incenso às Musas».

Compreenda, assim, que não nascera poeta. E viria esclarecer, mais tarde: «O fato é que não possuía a forma do verso, na qual a idéia se modela por si mesma e donde sai com o timbre próprio da verdadeira rima, que nenhum artifício nem esforço pode imitar...». «Quando mesmo, porém, eu tivesse recebido o dom do verso teria naufragado, porque não nasci artista. Da arte não recebi senão a aspiração por ela...».

Uma pausa, aqui, para voltar ao teatro de Nabuco. Há, em sua biografia, uma coincidência que não deve passar despercebida: no mesmo ano, 1868, em que se realiza, em São Paulo, a primeira representação de «Gonzaga», de Castro Alves, estreia-se Nabuco, como escritor dramático, fazendo encenar «Os Destinos», uma tragédia de que se perderam os originais, ou foram por ele destruídos. O que se sabe de essencial, é de que Carolina Nabuco nos diz: «A primeira representação foi a 2 de abril, pelos atores Furtado Coelho e Iandina». «O sr. Nabuco foi mais de uma vez chamado à cena e estrepitosamente aplaudido», diz o Correio Paulistano. Salvador de Mendonça escreve no Ipiranga, sobre a peça, um folhetim elogioso. A representação dos «Destinos» foi a despedida, em São Paulo, da Companhia que, a 12 do mesmo mês, estreliava com o drama no Teatro Ginásio, do Rio, onde o Imperador o viu, uma noite.

«Um dramalhão», diz a filha, de que as críticas trazem o enredo. Lamento não conhecê-lo, mas, ninguém pode duvidar de que tivesse mérito real: a Companhia o encenara em noite de despedida, em São Paulo e, mais expressivo ainda, com ele estreliara, no Rio, dias depois. Não o faria se fosse a peça destituída de valor, ainda mais assinada por um autor novo, sem nome feito na literatura. De resto, dramalhão era gênero da época, não o devemos ver com os olhos de hoje.

A coincidência de sua encenação é significativa, para fillar a primeira tentativa dramática de Nabuco ao êxito teatral de Castro Alves: «Gonzaga», escrito em 66/67, subira à cena neste último ano, na Bahia; «Os Destinos» possivelmente, de 67/68, e em 68, 2 de abril, que surge à luz do ribalto, foi o êxito teatral, porém, parece não contar para Nabuco, nem então, nem depois. Esquece-se dele, em «Minha Formação». E' o possivelmente uma das lacunas reconhecidas, por ele próprio, no prefácio do seu livro.

Não recolheu os despojos dessa borboleta irrisada que adevo, por um momento, diante de seus olhos deslumbrados de moço: sentiu-lhe, apenas, o frémito de alegria, o raio interior que o feriu, o contacto rápido com o deslumbramento... E este também se foi embora com ela...

Novamente lhe viria o prazer de vê-la voar quando «uma idéia, que estava em germen em uma de suas poesias, desprende-se dele e tomou em meu espírito as proporções extravagantes de um grande drama em versos». Durante mais de dois anos, entre as fins de 1875 e os princípios de 1877, absorve-se na composição da peça «L'Options». Uma peça em versos e escrita em francês?

De logo, vem-nos a pergunta: porque em versos e em francês?

Nabuco se encontrara, à época em que projetou a obra, em plena crise poética: «era em verso, ainda por cima — diz ele — que eu me sentia forçado a compôr». A preferência se explica pelas palavras que um dia haveria de escrever: «Há, além da poesia de sentimento e da poesia de criação (de que ele não se sentia capaz), outra poesia. O verso é a mais nobre forma de pensamento, a mais pura cristalização da idéia e, como se tem dito, o que não se pode expressar em verso, não vale quase a pena ser conservado». Escolhe-a, Nabuco, para nela vasar o tema de inspiração, menos, talvez, para provocar novos elogios de Renan ou de George Sand do que para vingar-se do humilhante silêncio de Edmond Scherer ou de Tackeray, que se não haviam manifestado sobre o seu primeiro volume de poesias. Ade-

mais, suas palavras são bastante claras: «A febre poética que se tinha apossado de mim, com esse primeiro ensaio de «Amour et Dieu», não devia ceder facilmente: eu queria resgatar esse esboço que me parecia inferior e imperfeito, substituí-lo...». Mais do que uma simples «febre poética», o que o assaltava era a «febre do verso francês». «La muito pouco o português, ainda não começara a ler o inglês e desaprendera o alemão — palavras suas, na mesma página em que, lastimando não possuir a «fôra forte, resistente, primitivamente áspera» (de nossa língua), limita-se a escrever «com aqueles dos seus fios e dos seus matizes que se ajustam ao meu teor francês».

O depoimento de Nabuco é bastante claro para que seja preciso acentuar as razões de sua escolha. Elas são muitas, já por ele reveladas, e de tudo — das relações que fez com as grandes personalidades francesas nas artes, nas letras, na ciência e na política, do amor que se tomou pela França visitada, então, pela primeira vez, de suas leituras de autores franceses, entre os quais Victor Hugo (o do «Hernani» quase exclusivamente), diz ele — e a particularidade mereceu um sinal a lapis vermelho), de tudo, como afirmou, «o resultado foi que me senti solicitado, co-



Joaquim Nabuco ladeado por Graça Aranha (de pé) e Carlos Magalhães (sentado).

gido pela espontaneidade própria do pensamento, a escrever em francês». De resto, um francês tão castigo que o crítico Jusserand lhe apontara alguns versos dignos da pena de Cormelle.

A preferência afinava, ademais, com o tema central do drama: a guerra franco-prussiana, de que observara, na alma francesa, os ferimentos ainda mal cicatrizados, e o problema que se lhe seguira — o da anexação da Alsácia Lorena. Há, em «Minha Formação», uma frase que tudo explica: «Em 1870, o meu maior interesse não está na política do Brasil, está em Sedan. No começo de 1871, não está na formação do gabinete Rio-Branco, está no incêndio de Paris». Assim, é da velha rocha francesa que arranca os personagens, mas, em verdade, eles vivem de uma vida universal.

Foi esse drama — «L'Options» — que o embaixador Maurício Nabuco, atendendo ao pedido que lhe fez para Washington, me enviou, na edição de 1910, da Librairie Hachette — gentileza que de público agradeço, tanta era curiosidade em conhecer Nabuco como escritor teatral e tamanha a honra de possuir um exemplar da peça.

Estamos na Paris de 1870, na véspera da declaração de guerra. O casal Henrique-Helena, ele general prussiano, ela, mulher da nobreza francesa, tem dois filhos: Clotilde, de 22, Roberto, de 21, oficial prussiano. O pai de Helena é o Duque de Lunéville, general francês. E há ainda, ao lado de diversos oficiais alemães (um deles, Valdemar, de 30 anos), dois franceses: o velho Marquês de Belfort e o jovem Rogério, além de um abade alaciano e de um professor alemão — Herz.

Ao iniciar-se a ação, numa sala que dá sobre a praça Vendôme — Valdemar corteja Clotilde, cujos sentimentos são profundamente franceses. — As propostas de amor do oficial prussiano são, por isso, recusadas. Respondeu-lhe ele:

«Merci! Vous me rendez tout entier à la Prusse. La France, je la hais deux fois depuis ce jour: Et de toute ma haine et de tout votre amour.»

Logo se sucede breve diálogo entre Helena e Herz, professor de seu filho Roberto. Ela o inquiriu sobre o espírito e o coração do filho. Herz informa:

«Oui. Je compte avancer tellement sa culture...»

E Helena o interrompe:

«Qu'il ne soit plus mon fils, mais votre creature? Sa jeunesse, pour vous, est comme un parchemin, que vous raclez, toujours, trépanant de votre main. Vous doutez, saturés d'une science amère. Sur la foi, sur l'amour, hérités de sa mère, Et vous sentez déjà, sous vos foras dissolvants, Pâliir mes chiffres saints, mes symboles vivants. Vous creusez dans la glace... Allez... Je suis sans crainte.»

Vous trouverez la flamme où reste mon empreinte.

HERZ

J'ai vu vos chiffres saints et les ai déchiffrés... Or, parmi les secrets, les trésors enterrés par votre amour, Madame, au fond de son enfance Il en est un de trop...

HELENA

Et celui-là, c'est...

HERZ

France!»

Uma vez saído Herz, entra Henrique. O diálogo entre ambos é de extrema beleza literária. O ar que se respira é de guerra. Os dois fortes sentimentos se cruzam e se chocam, amortecidos pelo amor que os une. Uma pequena amostra:

HELENA

En prenant votre nom, J'ai conçu notre amour, rêvé notre union, Comme le premier trait, Henri, d'une alliance Que grandirait la Prusse, en grandissant la France...

D'un côté mon pays, de l'autre mon amour. Mais si ce jour-là vient, je courberai la tête, En vous voyant partir, et je resterai prête, Quand vous me reviendrez, vaincu, mais généreux, A vous aimer deux fois, vous sachant malheureux.

HENRIQUE

Vous escomptiez toujours le succès, la victoire, Et nous voyiez vaincus.

HELENA

Non! Vous pouvez me croire: Quel que fût votre sort, prisonnier ou vainqueur, Je vous aurai gardé toujours ce même cœur.

HENRIQUE

Mais les temps sont changés et l'Allemagne est prête.

HELENA

N'importe! Ce serment je le répète.

HENRIQUE

Vous venez de signer une traite de sang...

HELENA

Et je crois tant en vous que je la signe en blanc...»

HENRIQUE

Le Roi déjà m'attend... Au moment de l'adieu, Je me confie à toi, je te confie à Dieu!

HELENA (fulminada)

Ce départ! C'est la guerre! Impossible! La guerre! Attends, attends, Henri!»

Vendo partir o marido, Helena cai em soluções nos braços do pai, o velho Duque de Lunéville, general francês, um convicção da vitória:

«Nous la tenons enfin! La Prusse, croisais-tu, n'a pas assez du Rhin, Et veut pour l'aigle noir l'air des Pyrénées... Tu vois, c'est un essai d'ambitions mort-nées.»

Mas, junta ele:

«Tous les noms allemands que portent leurs défaites Devraient mieux leur montrer où nos guerres sont faites.»

Helena sofre enormemente. Seu coração, fiel ao marido, é, antes de tudo, um coração francês. Ela teme a guerra, que destruirá ou seu amor ou sua pátria. Quando evitá-la, conclama o Duque a uma palavra que poderá salvar os dois. Mas, o Duque lhe responde:

«Pour inspirer ce règne, il est un autre nom. Plus grand, vivant encore... Tu sais, Napoléon.»

HELENA

C'est ce nom qui vous perd, c'est ce nome qui nous tue. (Mostrando a coluna Vendôme) Napoléon, voyez, n'est plus qu'une statue!»

E, como Helena se põe a rezar, o pai a inventiva:

«Tu n'oses l'espérer, mais, la mort dans le cœur, Tu voudrais voir Henri te revenir vainqueur. C'est bien là le soupir, le sanglot, qui t'opprime? Tu te mets à prier... Ta prière est un crime. Je ne veux pourtant encor te condamner; J'aime mieux d'abord vaincre et puis te pardonner.»

E sobrevém o grande final do 1.º ato. Em cena, Rogério, noivo de Clotilde, promete-lhe que, pelo Natal, os franceses estarão em Berlim. Fora, a multidão em delírio se aproxima. Helena se sente enlouquecer. Aumenta o rumor. Clarões iluminam a coluna Vendôme, em cujo cimo pompeia Napoleão. O imenso clamor toma toda a cena. «A Berlim! A Berlim!»

No 2.º ato, em plena guerra, Helena consegue chegar, nas linhas alemãs, a uma das salas do palácio de Versalhes, onde o Marquês de Belfort é prisioneiro de Henrique. Entre os dois esboços se trava um diálogo forte: Helena lhe vem pedir que poupe a França a maiores ultrajes. Será que a Alemanha, prestes a vencer a guerra, vai conservar a Alsácia-Lorena, como presa de guerra? Que ele interfira para evitar o desmembramento da França... E Henrique:

«Ma trahison n'aurait, croyez, qu'un résultat:

(Continua na pag. 6)

JOAQUIM NABUCO E O TEATRO

(Continuação da página 5)

Mon déshonneur; restez l'épouse du soldat. Oh! ne nous rendez pas malheureux l'un et l'autre. Je m'attache à mon nom! Il est aisé le vôtre.

Vous êtes mère, Hélène, et mon titre est celui que Robert doit porter; défendez-le pour lui.

E é então que Helena lhe abre tódá a alma:

«L'unité de ma vie est faite en ma pensée. La France, hier encore, je l'avais délaissée. Pour vous, car vous étiez alors l'amour plus fort. Celui que rien ne peut soumettre que la mort; Et c'est elle aujourd'hui qui déjà vous efface, Car l'amour menacé, maintenant, c'est l'Alsace!»

Desenvolve-se a ação. Mas, a resposta de Henrique é inalterável:

«Vous entendez? Je suis plus qu'un homme: une race, qui se présente au monde et demande sa place.»

Paris cá. Chega a notícia ao salão. E fecha-se o ato entre o angustiado desespero de Helena e as exclamações de vitória dos oficiais alemães...

E agora, ao iniciar-se o 3.º ato, num castelo da Alsácia, o grande problema da opção está lançado. Para os franceses da Alsácia-Lorena, urgia decidir: ou deixar a província ou tornar-se prussiano. Deixá-la, seria o exílio; ficar, a deshonra. A grande cena se desdobra entre Belfort e Rogério, que pensam diferentemente sobre a terrível questão. Hesitava o velho Marquês? Não: sua decisão está tomada; optará pela Alsácia. Rogério resolve partir. Tem, então, uma das mais belas falas da peça. Ele encarna, decerto, uma das correntes de opinião vigentes na época. O povo deverá fugir à escravidão odiosa dos vencedores. Carregando consigo as cinzas dos seus mortos, mães levando, nos braços, os filhos, soldados abraçados à sua bandeira, sacerdotes à sua cruz proscrita, sim, o velho Belfort os verá a todos partir, o coração despedaçado mas cheio de imortais esperanças, beijando, a cada passo, o solo, como um altar. A Alsácia, mas a porção roubada à Lorena, ficarão submissas ao meridiano alemão. Mas, os que partem levarão consigo seus horizontes, seus cidadãos, seus campos, seus sinos, seus ninhos, suas águas, suas montanhas, tudo o que ela é, a Alsácia, e não há de parar senão sob o céu da França. Deverá Rogério lembrar a Belfort o seu nome? Decerto, ele não irá assinar o termo de conquista... Os que emigram ali estão. Que Belfort se cofoque à sua frente!

Mas, o velho francês é inflexível. Responde:

«Ils sont cinquante mille... Il en reste un million... Penses au lendemain de notre annexion. Un peuple tout entier, renversé, sans racines. Ne trouvant plus son âme au milieu des ruines; Enfants, femmes, vieillards, même les vieux soldats qui ne peuvent marcher, pris pour des renégats. Le nom de France fait un reproche, un outrage... Oh! non! n'ajoutez pas la honte à l'esclavage...»

On se livre un pays jamais à l'étranger; Et fut-ce l'agonie, il faut la prolonger.

Sous la conquête ici nous ferons tous la chaîne, Pour retenu l'amour et pour barrer la haine. C'est notre tâche à nous de faire qu'à jamais Le pays garde au cœur ses souvenirs français, Et que, voyant pousser la nouvelle semence, On se dise aussitôt: Les champs où fut la France...»

Também entre Clotilde e Rogério, a luta se estabelece. Que ele se vá, se essa é sua vontade. Ela ficará, junto à mãe... E Rogério parte. Ao fundo, através da janela, desfilam os que emigram, preferindo o exílio à escravidão...

Sucedem-se o 4.º e o 5.º atos, sem interrupção aparente. Henrique, nomeado governador da Alsácia, impõe a Clotilde, sua partida da Alsácia. Tem, de Helena, uma profunda queixa: ela continua a ser uma mulher francesa. E há a razão terrível de haver arranjado as coisas para que Roberto não chegasse a receber o batismo de fogo. Clotilde deverá partir. Valdemar, que a ama ainda, convence-a de que é essa a melhor solução. Ela verá, longe, o enorme esforço de reparação da França. Ao passo que...

«Se vous restiez, Clotilde, au lieu de ce miracle. Vous auriez devant vous un autre spectacle. Vous verriez ce pays, parcant le sédition. Qui l'a converti, hausser son vieux front allemand. Il reste là malgré deux siècles de conquête; C'est du limon du Rhin que notre terre est faite; Et par le seul effet de cette affinité. Par la langue où l'ancien amour est incrusté. Et qui saute à travers tous les écarts, la race. Vous verriez notre enfant prodigue, notre Alsace, Reconnaisant enfin son père en son vainqueur, Allemande de sang, le devenir de cœur...»

Clotilde pensa alguns instantes e murmura:

«Le soc de Dieu labouré au plus profond la terre; Tourné vers l'aube, le Semeur s'élève, Dans les sillons nouveaux, vers d'autres moissons, Et ses âges n'ont pas le retour des saisons.»

E Valdemar, por amor de Clotilde, que lhe pede salvar Helena, aproxima os dois esposos. Surge Henrique. Clotilde intercede, tomada de ternura filial:

«Oh! vous l'aimez toujours, et de toute votre âme... Sauvez ma mère, au moins! Non! Sauvez votre femme!»

E o Pai, numa suprema resolução:

«Eh! bien, vous resterez en Alsace... Eh! bien, vous resterez en Alsace...»

E Henrique e Helena se avistam. O encontro é de uma dignidade ética. Ele explica as razões que o levaram a impôr a partida a Clotilde: a filha amava Rogério, que se ia... Antes longe deles do que amortilhada no túmulo da Alsácia. Quanto a ela, Helena...

«Non! Je voudrais rester près de vous, de la femme, Dont l'amour brilla seul dans la nuit de mon âme... Vous m'avez demandé ce que je ne pouvais; Le soldat fait la guerre et le pays la paix. Il me faudrait briser à vos pieds mon épée. Vous dites que vingt ans je vous aurais trompée... Et ne pourrais-je pas me croire aussi trahi?»

Je vois notre foyer par la haine envahi. Je vous aime pourtant comme en notre jeunesse. Mais d'où que cette crainte ou ce doute renaisse N'est-ce pas que vingt ans vous m'avez empêché De lire en votre cœur; que vous m'avez caché Ce souhait, le premier de votre âme jalouse. Où la mère eût toujours pour complice l'épouse?»

E já agora, tamanha é a beleza do texto, evitemos grandes cortes.

A pergunta de Henrique, Helena contrapõe: «Mais de quel voulez-vous m'accuser? Je ne sais... Quel était ce désir...»

HENRIQUE (lentamente)

Que Robert fût Français! Et vous n'avez rien vu qu'un dévouement sublime, Hélène, en ce complot, avec Dieu... dans ce crime! Mais, ce sanglot longtemps étouffé, je l'exhale. Dites, chez vous, la mère a-t-elle été loyale?

E Helena, sob intensa emoção:

«J'ai voulu que Robert, c'était mon sentiment. Eût des instincts français dans un cœur allemand. Il était votre fils... Je n'étais pas jalouse. Et la mère jamais n'a corrompu l'épouse.»

Mais maintenant sachez, si j'avais dans mon âme, Dans ce souffle dernier que Dieu donne à la femme, Assez de force encor pour laisser à jamais Mon empreinte sur lui...

HENRIQUE

Vous le feriez Français?

HELENA

Oui, Français, et deux fois: de naissance et de race, Pour être né de moi sur la terre d'Alsace...

HENRIQUE

La patrie est pour lui plus que le morceau De terre où le hasard aura mis son berceau.

HELENA

Français, oui, par la loi de la grande souffrance.

HENRIQUE

Madame, épargnez-vous cette folle espérance...

HELENA (Vendo Roberto, que entra)

Oui, Français par moitié...

HENRIQUE

Non! Arrêtez, Hélène!

HELENA

Vouant à la conquête une implacable haine; Aimant notre pays de tout son cœur depuis Que le mien fut brisé...

ROBERTO (Que lhe ouviu as últimas palavras)

Ce Français, je suis...

Reaberto o velário, uma cena única se segue. Roberto decidindo-se por Helena:

«Je dois payer le prix infini de ses larmes. Mon père, en refusant de porter dans mes armes L'aigle de Prusse avec l'aigle de Brandebourg. La noire emportant Metz, et la rouge Strasbourg.»

HENRIQUE

Ainsi, tu n'avais pas assez d'être un transfuge; Il te faut plus encore et tu te fais mon juge. Qui donc a pu rayer de ton cœur ce serment, Que j'avais fait pour toi, de soldat allemand? Cette première loi, dans le sang même écrite: On n'adopte jamais sa patrie, on l'hérite!

(A Helena)

Vous avez réussi! Vous les aviez donnés, Mes enfants, à la France, avant qu'ils fussent nés.

Prossegue o diálogo. «Perdê-me, meu País», pede Roberto:

«Je meurs soldat prussien; le reste est à l'oubli. Mon serment dans la mort est bien enseveli...»

Hez, que acaba de entrar, explica, ante o espanto geral, que Roberto está ferido no pulmão, em seguida a um duelo em que se empenhou para desagrarar a França, que alguém ofendeu, em sua presença. E-lo que vacila, cá, e, num começo de agonia, abre sua alma:

«J'héritai vos deux sangs, leurs haines, leurs colères; J'étais au confluent de ces courants contraires; Se repoussant, l'un l'autre, et débordant tous deux; Je flatterais toujours comme un débris entre eux. Je ne puis effacer l'empreinte de ma mère. Aucun cœur ne détruit lui-même sa chimère... Neutre entre vos pays, je ne voyais errant, Aujourd'hui sans patrie et demain émigrant. Vos pays sont toujours en marche vers la gloire. Ils se rencontreront encore dans l'histoire. Et Dieu seul sait quel prix alors vaudra la paix, Ce que paieront pour elle Allemands et Français. Quand tous deux ils n'auront qu'une pensée unique, On pourra dire enfin: «Le monde est pacifique.»

Père, tu l'as senti par ta propre souffrance, L'Allemande elle-même a besoin de la France.

Mère, regarde-la, la vieille cathédrale;

Elle est le testament de foi nationale. Comme elle, bâtitons dans nos cœurs, lentement. Une autre cathédrale, un autre testament... Mettons tout en commun, tout, excepté la haine; N'ayons qu'un seul amour, pour l'Alsace-Lorraine.

Roberto expira. E, sobre o seu corpo, Henrique e Helena se sentem ligados para sempre. E' a morte que os reconcilia.

Voltada a última página de «L'Options», há muito o que dizer. Em primeiro lugar, não é possível fugir à impressão de grandiloquência de suas imagens ou de um certo patetismo que, todavia, nos pode parecer, hoje, uma contrafação do teatro, um agravo às suas qualidades mais nobres, um falseamento de seus recursos naturais. Esse, porém, era o teatro da época, não o devemos esquecer — e seria exigir demais que, abordando o gênero literário novo para ele, entre todos, pudesse libertar-se da influência inequívoca do teatro hugoiano (sem falar no muito Corneille e Racine que deve ter lido, como modelos ideais dos seus vigorosos alexandrinos) e, muito mais, daquela pedante inspiração para a eloquência de que tanto amava as grandes frases, as bombas de retórica, embora as impregnasse, sempre, dos pensamentos mais altos e mais puros. Jamais se fará crítica de obra literária sem, antes, situá-la, precisamente, dentro de sua época.

O que o enganava, a Nabuco, nos seus versos, parecia-lhe sonoro e elevado, quando, em verdade, pertencia à eloquência e não à poesia. Indu-lo, também, no seu teatro, onde o mais aparentemente ligado às condições do êxito, antes pertencia ao «patético da oratória» do que, propriamente, ao teatro.

A rigor, a paródia não tem cabimento total. Vinte anos mais tarde, Nabuco volta a falar do seu drama (escuja única qualidade é, talvez, ser inédito), para relatar, ironizando-se a si mesmo, a leitura que dele fizera, «com egoísmo inflexível de autor», a um grupo de amigos de que fazia parte o barão Blanc, então Ministro da Itália em Washington.

O conhecimento da vida de Nabuco, tão tremendamente agitada, nos convence, desde logo, que semelhante homem não poderia jamais ter-se dedicado a uma vida fechada de gabinete, a criar mundos interiores e personagens que neles se movessem, sujeito às lutas com artistas e empresários. Até porque ainda não eclodira, nele, o homem de letras. «L'Options» representa uma aventura intelectual, numa época em que, deslumbrado pelas nascentes seduzções de glória, realiza sua primeira viagem à Europa, «rato de metamorfose pessoal, diz ele, que é, em minha vida, a passagem da cristaldia para a borboleta».

Decerto, será muito difícil despistar, no nomadismo espiritual de sua mocidade, quais as razões que o levaram ao teatro. Seria esta, provavelmente, a forma ideal que lhe permitiria, àquele altura de sua formação literária, expor, com a ênfase desejada e o máximo de persuasiva verdade, as idéias que o conflito franco-prussiano lhe despertava e a solução de alguns dos problemas que então enfrentava a Europa — e hoje enfrenta o mundo. Ainda aqui se revela o que Gilberto Freyre chamou a antecipaço de Nabuco. Nem sei se o sociólogo ilustre teria referido o tom verdadeiramente profético com que Nabuco faz Henrique dirigir-se a Helena, sobre a possibilidade de uma outra guerra, que seria a desforra da França:

«Une autre chance? Quand? Dans cinquante ans, peut-être... La guerre est un laurier bien tardif à renaître...»

(vaticínio que se realiza amplamente) e se recorda, em sua conferência, os versos que são, em sua essência, uma verdadeira predição:

«Et Dieu seul sait quel prix vaudra la paix. Ce que paieront pour elle Allemands et Français.»

com o seu corolário que é, ainda hoje, uma verdade e uma convicção, no campo da luta universal:

«Quand tous deux n'auront qu'une pensée unique, On pourra dire enfin: «Le monde est pacifique.»

Se nos aprofundarmos na análise do seu ensaio dramático, surge-nos a certeza total de que Nabuco possuía, ainda no íngreme terreno da literatura dramática, grandes virtudes para triunfar. A técnica teatral não é das mais sólidas — seria infantil exigir-lhe num trabalho de estréia, nem o desenho dos personagens será dos mais nitidos, salvo o de Helena. O verso é trágico para o dramaturgo: com o sortilégio das emoções, sacrificia-lhe, não raro, a verdade e a liberdade da ação teatral. Todavia, como inteligentemente referiu José Gouveia Vieira, não conhecendo Nabuco, os segredos da técnica dramática, «percebeu esse ponto lituativo: é que nasceu para dirigir-se a uma platéia». Por isso, certas páginas de «L'Options» (os trechos transcritos tão eloquentes) têm um real sentido teatral, sendo os seus finais de ato de vivo interesse, ao sabor daquele efêmero que nunca falhou em sua repercussão sobre o espírito do público. Volte-se ao do 1.º ato — a multidão que se aproxima, com os seus arcos em punho, a agitação que cresce progressivamente em cena até o grito desesperado de Helena, à janela, enquanto — prescreve a rubrica — «por um efeito dos fogos acesos na praça, a coluna Vendôme parece oscilar, sob o clamor da multidão». Veja-se a notável cena final do 3.º ato, quando, após, o belo diálogo de Clotilde e Rogério, abrem-se as janelas do fundo e a longa e terrível proclamação dos emigrantes passa. E' de um admirável efeito teatral. Modelo de perfeição técnica, sem embargo do que nele pode haver de mais patético, é o final do 4.º ato, como o do 5.º — a morte de Roberto, seguida das palavras de Henrique:

«Bienheureux les deux, car ils possèdent la terre. O monde, est-ce donc là la clef de ton mystère?»

Roberto constituiu, aliás, o «centro de interesse» do tema. Filho de uma francesa nobre e de um general prussiano, lhe quis inculcar, aquela, no coração alemão, instintos franceses. O assunto está impregnado, em doses iguais, de seiva patriótica — elemento hoje suspeito ao teatro moderno — e de força humana, que pode, aqui ser considerada independentemente do conflito de «raças» que o alicerça. O que poderia parecer simples «patriotismo», revela um conteúdo de alta potência dramática, cheio de calor humano e de solidariedade universal. O remate da ação — a morte de Roberto, a querer ver, pela última vez, a flecha do castel de Strasbourg, que aponta, na meia tinta do ponte, para o céu — alarga, de súbito, imensamente, os horizontes da peça, eleva-a, como composição literária — segundo as próprias palavras de Nabuco — acima do espírito de nacionalidade, fazendo-o patrar nos planos superiores da justiça, do direito, do ideal entre as nações, como um lavor às afinidades e simpatias que ligaram a França intelectual à alma parens do século XIX — a Alemanha.

«L'Options» é, na obra de Nabuco, e por todos os títulos, a tradução mais eloquente do seu apaixonado amor pela França. Obra, também, de dramaturgo, que teria sido dos maiores do século se a escravidão, no Brasil, lhe não tivesse traçado, involuntariamente, os rumos do seu destino.

AÇÃO POLÍTICO-SOCIAL, DIPLOMÁTICA E CULTURAL DE NABUCO

ANIBAL FREIRE

Os pendores iniciais de Nabuco seriam para a política. O tamanho do terreno, porém, o adverteu do conflito entre o espírito impetuoso das façanhas e a índole do seu gênio especulativo. Escolheu assim uma bandeira mais alta, a tremular, ufan e garbosa, nas incertezas e oscilações da carreira.

A sua ação propriamente política difficilmente se vincularia à tarefa partidária, como expressão eleitoral, com os artificios e engodos próprios do mister. Seria sempre, no meio da planície em que as façanhas se movimentavam, um cumee — que não diz — inacessível ao tumulto dos porreões e disputas locais.

Domício da Gama, que com ele conviveu e lhe sentiu de perto as emoções da vida, salientou que era independente e ativo demais para política. José Veríssimo, por outro lado, afirmou que a sua maneira política era evidentemente antipática ao meio. Precioso aliado na oposição, era um amigo inquietante no governo, por ter idéias e manifestações, tal o caso de José de Alencar, de Ruy Barbosa, de Taunay.

A sua ação propriamente política difficilmente se vincularia à tarefa partidária, como expressão eleitoral, com os artificios e engodos próprios do mister. Seria sempre, no meio da planície em que as façanhas se movimentavam, um cumee — que não diz — inacessível ao tumulto dos porreões e disputas locais.

Domício da Gama, que com ele conviveu e lhe sentiu de perto as emoções da vida, salientou que era independente e ativo demais para política. José Veríssimo, por outro lado, afirmou que a sua maneira política era evidentemente antipática ao meio. Precioso aliado na oposição, era um amigo inquietante no governo, por ter idéias e manifestações, tal o caso de José de Alencar, de Ruy Barbosa, de Taunay.

A influência da ação de Nabuco de Araújo havia de repercutir no filho, já por si dotado de capacidade de ideação e do sentimento veraz de humanidade.

Abolição, Federação, arbitramento, foi o triplicado da construção político-social de Nabuco. Elemento da primeira a sorte lhe reservou alcançar a vitória, em plena ação. Das outras seria lúcido e constante pioneiro.

Proclamou ele na resposta às mensagens de Recife e Nazaré, no alvorecer da República que em política nunca foi um nominalista, não o movimento de imaginação literária, muito menos a abstração filosófica, mas a paixão concreta pela sorte do povo. O destino conduziu-o por essa trilha iluminada de altruísmo e de fervor pela causa dos humildes e título maior não lhe há de caber na história do que o de apóstolo da Abolição.

Em toda a sua passagem pela política manteve indefectível o pensamento no interesse nacional. Gilberto Freyre salientou que nele a vocação para a vida pública se uniu ao espírito público, que desde cedo o animou. Era a identificação de concepção que o levou, apesar do universalismo de tendências, a proclamar, no discurso de inauguração da Academia Brasileira, que sem a Pátria, sem a Nação, não há escritor, e com ela há ferocemente o político.

Sentiu-se portador de todas as suas manifestações públicas o escrúpulo de não parecer movido por outros interesses que o da verdade e da justiça. E' o que expressa em *Pensées détachées*: *«Il n'y a rien de plus difficile dans la vie publique que de se montrer désintéressé sans paraître intéressé»*.

A campanha, empreendida por Nabuco em favor da abolição reveste-se de tons de elevação e riqueza moral inconfundíveis. Por ela desprende-se das combinações do partido, a que se incorporara, e alienou o favor eleitoral dos dominadores do momento. Começou por abstrair-se do sentido instrumental de incitamento à rebeldia dos escravos, colocando-a no ponto alto da necessidade da pátria liberta de uma mácula nefanda. Quando as urnas lhe foram infieis, não lhe azedou o ânimo e ao aceitar, no exílio, o posto de correspondente do *Journal du Commerce* fez do seu único instrumento de incitamento a recé esse nome — o de brasileiro que tem o direito de confessar a sua pátria sem ter que calar, de vergonha em pleno século XIX e em território livremente americano, que era e ainda um mercado de escravos.

O próprio Nabuco dividiu a sua ação política em três períodos: até 1888 a preocupação abolicionista; de 1888 a 1894 a preocupação monárquica; como fidelidade no 13 de maio; e de 1894 a 1899, o que chama o período da verdade histórica e das idéias liberais, que são a herança política dos brasileiros sob qualquer regime, e para ufaná nossa, reformou outras manifestações mais vigentes e duradouras das que o tumulto da vida política podia produzir.

A fidelidade de Nabuco aos compromissos contraiados é expressivo documento o trecho do testamento de João Alfredo: *«Meu leal e desinteressado aliado na libertação dos escravos, um dos amigos mais generosos que encontrei na adversidade, o que primeiro me conselhou no infortúnio político, o mais assíduo no meu retiro e de mais a mais inteligência, coração e caráter, que honram o Brasil e de cujo conjunto motivo nos gloriamos todos os pernambucanos»*.

A ação diplomática de Nabuco desenvolveu-se a nível de dignidade e computura.

O adido de legação de 1876, incerto em se radicar na diplomacia, retomava vinte e quatro anos mais tarde o fio da carreira no posto de embaixador. Não é irreverência com o passado proclamar que surgiu com Joaquim Nabuco fase nova nos delineamentos da missão diplomática. Havia a serviço da pátria no estrangeiro nomes ausentes no exercício das funções. Mas Nabuco seria um novo Mestre entre os discípulos, fasciados pela sua finura sem par Graça Aranha, Domício da Gama, Magalhães de Azevedo, celebrados em páginas tocantes o deslumbramento pelo qual.

No acervo de Nabuco há de realçar o estímulo pela ascensão de seus auxiliares. Mas Nabuco seria um novo Mestre entre os discípulos, fasciados pela sua finura sem par Graça Aranha, Domício da Gama, Magalhães de Azevedo, celebrados em páginas tocantes o deslumbramento pelo qual. No acervo de Nabuco há de realçar o estímulo pela ascensão de seus auxiliares. Mas Nabuco seria um novo Mestre entre os discípulos, fasciados pela sua finura sem par Graça Aranha, Domício da Gama, Magalhães de Azevedo, celebrados em páginas tocantes o deslumbramento pelo qual.

difere do retrato traçado por La Bruyère do «plenipotenciário-camaelões».

No terreno das contribuições do Brasil na esfera diplomática, o pan-americanismo é dos mais relevantes e nele foi Nabuco um dos primeiros artífices.

Na sua fidelidade à monarquia — não pelo que ela representava como forma de governo mas pelas virtudes com que a executava o governante — Joaquim Nabuco, em 1890, avançou o conceito de que uma vez que não fossemos mais monarquistas, a América — deixaria de interessar-se por nós.

Mal sabia ele que lhe caberia desmentir pela própria autoridade o prognóstico sombrio. A sua simples presença em Washington foi o veículo poderoso para a obra de aproximação entre os dois países, tenazmente consolidada pela sagacidade e descortino de Rio Branco.

A Conferência Pan-Americana do Rio de Janeiro, em 1906, deu à tarefa de Nabuco lustro genuinamente popular, pelo reassurgimento do orador da Abolição, a quem a Pátria renovava o seu expressivo reconhecimento.

Gonzalo de Quesada, ministro de Cuba nos Estados Unidos, recorda no seu livro *Arbitrations in Latin America*, a impressão deixada por Nabuco entre os participantes da Conferência.

O fecho da ação diplomática de Joaquim Nabuco — e aqui inclui esta parte e não na ação cultural, por se destinar ela à aproximação entre os povos — foi a realização das conferências em 1908, na Universidade de Chicago e em 1909 na de Wisconsin.

Na última, sobre a parte da América na civilização expandem-se conceitos, em que a conciliação rivaliza com o descortino de vistas; a substituição da guerra pela arbitragem, a mais ampla tolerância religiosa, o sufrágio universal; a demonstração de que uma grande variedade de raças é propícia à liberdade política; a difusão do bem estar material no povo.

Vêde como a seriação das idéias é feita de molde a indicar a índole de Nabuco e a sua consciência nas idéias propugnadas desde a adolescência.

Sobre o êxito dessas conferências, assim se exprime Juan Bautista de Lavalle, em artigo publicado no *El Comercio*, de Lima, por ocasião da morte de Nabuco:

«He recogido la impresión de sus magníficas conferencias, he sabido de su inspiración, de su pureza en el decir inglés, de su gusto, de su figura encanecida y respetable, de la dulzura y la bondad de su mirada. Sus éxitos fueron incomparables. Numerosas instituciones pidieron escucliarle. Fué aclamado por los públicos mas enormes de la gran republica».

A ação cultural de Joaquim Nabuco é de porte ainda mais alto, augusta e imperceptível nos fatos do pensamento universal.

Cronologicamente começou pela oratória, que é uma das suas mais sugestivas e empolgantes manifestações.

Tem sempre foros de veracidade o aforisma: «Nascitur poeta, fit orator».

A abolição fez de Nabuco um dos oradores mais completos que já figuraram na história dos parlamentos e um dos tribunos mais festejados nas pugnas do século. afirmou-se algures que não era grandioso o seu poder verbal, pela escassez do vocabulário. Releiam-se as conferências de Santa Isabel e ver-se-á que poder de evocação a oratória de Nabuco despertou nas almas. O que ele perde em profundidade e extensão — se isto redunde em perda — ganha em nitidez e sonoridade. E' o que o seu modelo parlamentar não era Mirabeau ou Lamartine, mas os grandes oradores ingleses — Pitt, Fox e, em alguns debates, Gladstone e entre os franceses — seus contemporâneos — comde Albert de Mun, com quem afinava na fé e pureza dos desígnios e a quem D'Haussenville, ao receber na Academia Francesa, reconheceu a dupla vocação de apóstolo e de orador característicos igualmente de Nabuco.

Os modelos britânicos chegaram às posições de governo. Pitt, «moço nascido ministro», na expressão de lord North, primeiro ministro aos vinte e quatro anos. Fox, ator-amador na juventude, em plena ascensão, aos trinta e três anos. Gladstone, detendo o record nas posições de comando. O exercício do poder lhes facultou o desenvolvimento dos dotes oratórios. Imaginemos o que seria Nabuco, realizando no governo os ideais que o inspiravam e enobreciam!

A sua oratória não sobressalia pela amplificação dos temas; a natureza dos seus estudos e a tendência do seu temperamento levavam-no a impregnar o debate de tons de perfeição e zelo pelo

palavra. Não sofria com êste apuro o raciocínio, sempre vigoroso e esplendente.

Não se sabe se Nabuco preparava seus discursos, ou se, a exemplo de Fox, se deixava impelir pela torrente. O pudor, que lhe era inato, o impediria de decorá-los. Mas por outro lado, o seu equilíbrio habitual na exposição das idéias deveria ser resultado também de meditação serena e confiante.

Aliás, Austin Chamberlain no seu pequeno livro de memórias, tem uma reflexão adequada: «Aquelles que dizem aos homens públicos: «Oh! como falais com facilidade, não os viram na hora da elaboração. As suas mulheres e os seus secretários poderão falar de outra maneira».

Do orador ao escritor a transição é suave. Por mim confesso que um dos meus deléites mais puros e ao mesmo tempo mais absorventes é o da leitura dos seus livros. Não encontro neles senão refrigério para o espirito e enleio na contemplação dos problemas humanos. Cada trecho seu encerra quase invariavelmente um pensamento, pela forma transiçãda, nem sempre flexível, mas dextra e original.

Sente-se que a Nabuco era indifferente o conselho de Boileau: «vingt fois sur le métier remettez votre ouvrage».

A frase saia-lhe espontânea e vivaz, sem artificios nem longanias vãs, sempre a denotar a idelgado e a transmitir a flama do espirito.

Domício da Gama afirmou que na literatura Nabuco foi um amador e nenhum de seus livros é bem feito, embora todos deem a impressão de que no autor o homem é superior ao escritor, o espirito vale mais que a sua expressão. Ao contrário, nele homem e escritor se ajustam às mesmas linhas arquitetônicas da intelectual. O espirito é permanente e a sua expressão inconfundível, em qualquer das suas manifestações, num lance de oratória, num trecho de artigo de jornal, numa simples frase epistolar. Essa imutabilidade de helicidade de expressão, acima da vulgaridade, é que distingue Nabuco de outros escritores.

José Maria Belo, ao desenharem em traços admiráveis em «Inteligência do Brasil» a filonomia literária de Joaquim Nabuco, expendeu o seguinte conceito acríca de «Pensées détachées»:

«Não há contraprova mais perigosa para um escritor do que semelhante gênero literário. Ameaçam-no a todo momento a trivialidade e o ridiculo. E' preciso dizer coisas novas ou velhas claras, sob nova roupagem, possuir o segredo da clareza e da nitidez, Nabuco venceu as dificuldades. Tem sempre agudeza o seu pensamento e nitidez e elegância a sua frases».

Vêde-o numa simples inscrição do capítulo sobre a influência de Renan:

«Ces feuilles sont le moulage de mon esprit naufragé et je le suspends comme un ex voto au santuaire qui m'a recueilli».

Que sonoridade, que emoção, se revelam nestas linhas! E' assim sempre a expressão do pensamento do escritor.

Nabuco vislumbra em Renan o guia de sua orientação intelectual. Maurice Weill aproxima Renan do Goethe. A crítica há de assinalar a similitude de Nabuco com os dois altos representantes das letras mundiais. Idêntica a fisionomia mental, flagrantes os laços de parentesco espiritual entre os três.

Increparam-lhe e hão de lhe increpar sempre a falta de vermaculidade de linguagem.

José Verissimo, parco em elogios, com a agudeza e o sítio crítico salientou que o pensamento de Nabuco, um dos mais originais da nossa literatura, exprime-se por via de regra em uma lingua em que um purista teria de separar. Salientou, porém, que, sem nenhuma absoluta preocupação de classicismo, mas apenas de elegância e distinção, escreve a lingua comum, a lingua corrente.

Bendita despreocupação a desse estilo, que não se tortura nem se comprime; expande-se com a fluidez dos cursos d'água serenos e tranquilos e estratifica-se em forma lapidada e imarcescível.

E' que Nabuco tinha o culto da lingua, embora o não livesse do purismo. Ele mesmo o disse em «Pensées détachées»:

«Traduz-se Ruskin em francês ou Renan em inglês; eles ali perderiam a alma. A alma do escritor é em grande parte a lingua que ele fala».

Silvio Romero, independente, impetuoso e vibrante, consagrou a Nabuco o seguinte comentário:

«Quando lhe chamo homem de letras, para bem frizar sua qualidade de intelectual, não pretendo de forma alguma confundir-lo com êsses curiosos literários que estacionam nos cafés e nas

portas das livrarias. Se tivesse autoridade para lhe dar conselho indicaria que reunisse os seus discursos, artigos e panfletos políticos, porque não há o seu dentre eles que não encerre alguma idéia».

O conselho de Silvio Romero foi seruido e a reunião que agora se completa de todos os trabalhos de Nabuco permitirá aos contemporâneos avaliar toda a pujança de escritor.

Dentre eles avulta, por alcançar a história do Brasil, «Um estadista do Império». Não é só um monumento de piedade filial o que esta obra significa. E' o culto lúcido aos que cimentaram a posição do nosso país no continente e no mundo.

Na arquitetura do livro José Verissimo encontrou hiatos e afirmou que o autor trata o assunto com preocupação de artista. Há evidente exagero na apreciação. A obra havia de trazer a característica do escritor: o assunto a exigir o apuro e a precisão da análise. Dele não se poderia dizer, como injustamente se afirmou de Latino Coelho de ser um estilo à procura de um assunto. Em Nabuco a idéia procede à forma de expressão e mesmo na tarefa de historiador a qualidade primacial do seu engenho intelectual teria de sobressair.

Observa-se nele o que S. P. Charpentier assinalou em Tácito:

«O que nos parece dominar em Tácito é fazer o encanto e a superioridade de seu estilo; é a imaginação; é a facilidade de transmitir as emoções que o assaltaram, com uma vivacidade — que as forma presentes e duradouras».

Passando da individualidade à época, Nabuco traçou de ambos fotografias e panoramas indeliváveis. A repercussão dessa obra, através das gerações, indica a sua predominância nos estudos históricos nacionais.

Não será enfase dizer que Nabuco, ao escrever a última linha da história de seu pai, poderia adotar a frase do Evangelho de São Lucas, que lhe era tão familiar, assim como o fez Albert Sobrel, ao concluir a última página de *L'Europe et la revolution*: *Nunc dimittis servum tuum, Domine*.

Já se observou ser relativa a influência de Nabuco como escritor. Mesmo verdadeira a asserção, dela não se pode inferir a negação das qualidades de escritor de Nabuco.

Os gêneros literários variam e com eles diversificam os métodos de escrever, os processos de composição literária, a linguagem convulsa, o verbalismo do escritor sobressai, entretanto, característica primordial — a idéia a emergir do simples comentário ou da reflexão.

O verbalismo seduzirá pelas suas roupagens sem que dele se possa extrair o pensamento vivificar da palavra. A forma agreste de expressão envolverá por vezes substância, embora sem colorido.

Tanto mais releio Nabuco, tanto mais me convenço da sua harmonia na arte de escrever.

A explicação, porém, da sua relativa ascensão na vida cultural do Brasil está no tempo e medida em que a sua ação se exerceu. Antes de tudo, exceção feita da campanha abolicionista, não lhe coube papel de renovador, a implantar novos temas na vida nacional. De outro lado, o seu feito intelectual, os assuntos que versou não eram de molde a despertar as atenções gerais senão a de um âmbito restrito a homens de pensamento e de círculo social raros, que se moviam segundo regras seguras e por assim dizer uniformes nos quadrantes do mundo.

Não há negar que entre os do seu tempo outros criaram raízes mais profundas na imaginação popular. Acima de todos, o incomparável Ruy, na grandeza de uma vida de combates incessantes por todas as idéias que seduzem as multidões. Tobias Barreto, influido sobre a parte mais vibrante da sociedade com os ímpetos do seu gênio renovador e mesmo Euclides da Cunha, irrompendo nas letras desde logo como luzero dominador.

A ação cultural de Joaquim Nabuco, menor na extensão do que a de outras, atraente, porém, como poucas, pela variedade e destreza, representa um dos pontos culminantes da intelectualidade brasileira. Não lhe coube, como já vimos, senão pelo abolicionismo conquistar os favores da popularidade. Toda a sua atividade posterior se desenvolveu no abrigo dos estímulos das multidões. Por isto a sua ação se confina no domínio puro do pensamento. Ninguém o excederá neste terreno e a sua influência na formação mental dos jovens brasileiros se há de fazer sentir, na proporção da repercussão de suas idéias pelo livro, pela tribuna, pela cátedra.

O governo de Pernambuco comemorou a passagem do I centenário do nascimento de Joaquim Nabuco com um largo programa de solenidades.

Ao lado, no Teatro Santa Isabel, — o cenário de Nabuco na campanha da abolição — o Ministro da Educação e Saúde, sr. Clemente Mariani, especialmente convidado pelo governador Barbosa Lima Sobrinho, quando pronunciava uma conferência sobre «A Estética em Nabuco».



O embaixador Maurício Nabuco (sentado), ao lado do Ministro Mariani (de pé), no palco do Santa Isabel

YVONILDO DE SOUZA -- O JORNAL NEGRO

YVONILDO DE SOUZA

«A sua alma dolorida cobria-se de brocados, e o grito humano da sua angústia nem sempre pôde irromper.»

Já não deve constituir surpresa de nenhuma ordem que, em um país de formação tão tardia como o Brasil, o homem de cor, o negro, o mulato e o portador de sangue negro, atinjam as cumieiras da fama revelando valor intelectual, dons especiais de inteligência. Somos uma raça vivamente mestiçada, fruto de conformatione estável ainda nebulosa no âmbito das ciências que estudam o homem e suas manifestações, o que, aliás, muito nos favorece na identificação de positivos e isoladas exceções de «pureza racial». Temos — e hoje todos sabemos — dos nossos irmãos negros e mestiçados, e em nossos mais caros costumes e no acervo das nossas tradições mais belas a voz, aqui e ali, da raça que possibilitou aos colonizadores e senhores da terra descoberta a posse definitiva do imenso território nacional.

Também somos, em realidade, aos quatrocentos anos de idade, isto é, em plena adolescência, um povo culturalmente rico, e essa cultura quando analisada em seu conteúdo determina o valor do contingente negro.

Assim tanto é que já podemos citar sem rebuços um substancial e expressivo número de portadores de sangue negro, para ilustrar nossa história, partindo de nossos momentos decisivos da vida brasileira, e pré-brasileira, e de tal modo que se pode concluir ter contribuído o negro para o desenvolvimento do movimento que traria mais luz e maior compreensão à questão da igualdade racial.

Dai desprover-se de fundamentos, em nossos dias, as hipóteses ou teorias, populares ou científicas, com que se queriam realçar, com a desmoralizada concepção de inferioridade racial dos povos portadores de sinais denunciadores do sangue negro. Não somente no Brasil, mas também em outras comunidades civilizadas, o negro e o seu descendente têm sido inestimáveis colaboradores do branco, revelando em todo um campo de atividades, mormente quando lhes são dadas iguais oportunidades. É vale acrescentar que, nos Estados Unidos da América do Norte, à exclusão de certos Estados do sul que ainda mantêm o tratamento bárbaro das fórmulas escravocratas, o negro puro, que com o passar das gerações, vai apresentando cambiantes somáticas e psíquicas impostas pelo meio físico e social, tem contribuído largamente para maior expressão na administração da civilização inaque, emprestando à mesma um valioso cabedal de conhecimentos científicos, enriquecendo-lhe a música, as letras e as artes em geral.

Acreditamos que essa afirmação de capacidade do negro em nivelar-se ao branco não constitui de nenhum modo privilégio de qualquer das correntes humanas oriundas da África, para o Novo Mundo se transportaram. Nas Américas espanhola, portuguesa e inglesa, o processo de acumulação do negro foi quase sempre idêntico. Exerceram, quase nos mesmos climas e em condições similares de meio social e fim, sem que destoassem, pois, o teor da sua contribuição na formação da sociedade das três Américas. Hoje, como já o dissemos, fusão de costumes, de sangue e de tipos. Nunca, porém, a preponderância dos valores negros. O fetichismo, a prática dos canibais e de mais interessantes, como índice provável de uma cultura mais ou menos autôctone, traz a marca do negro. Quem quer que o escenda. Ninguém quer pretender negá-lo. Distanciam-se aqueles que não distinguem em si mesmos, por ignorância ou afetividade racista, um sinal fisiológico qualquer, relator de raízes ancestrais cujas origens mergulham no emaranhado epiplô dos confins africanos.

São inúmeros os valores da nossa literatura portadores de sangue negro. Patrocínio, Tobias, Lima Barreto, e Machado de Assis que constitui para nós um exemplo clássico. O fato de possuir, Machado de Assis, sangue negro do lado materno — a despeito do que pudesse isso pechar na sua época uma pecha horrível e irremediável — não o impeliu de consagrar-se à nossa admiração nem de ter se imortalizado, na história das nossas letras, como prosador esmerado, teatrólogo, humorista da mesma estatura de um Swift, como jornalista de crônicas sempre atualizadas, embora tivesse fraco estro e fôse um poeta medíocre. Em Machado de Assis nota-se, como sucede em inúmeros outros escritores brasileiros de cor e de fama, ausência de educação aprimorada, dirigida, o que nos escritores brancos é uma espécie de distinção sempre coroada com um fatal diploma. Faltou-lhe condição inicial, lastro de família. Nela, e nos outros, o talento foi fraco e a educação, já manifestação de vontade, do desejo de subir, de nivelar-se socialmente, através do veículo mais certo, quase comum, as letras. Havia, porém, favorecendo o criador de «Braz Cubas» duas atenuantes: caracteres negroides desafiados pela aparência flatulosa e um meio social livre de preconceitos e menos ainda do preconceito de cor, graças ao ter sido o Rio de Janeiro centro de intensa movimentação de escravos, espécie mesmo de empório em alguns épocas, e consequentemente de grande densidade de população negra, frequentemente cruzada com o plástico colonizador luso. Dai, talvez, parte da relativa facilidade com que se lhe abriram todas as portas, e notadamente aquelas que se abrem aos «Sésamos da inteligência».

Não se deu o mesmo, porém, com o negro Cruz e Souza. Filho de um casal de negros escravos, teve ainda a infelicitada de nascer num ambiente socialmente hostil para os descendentes do seu povo. João da Cruz e Souza nasceu em Florianópolis, então cidade do Destêrro, onde predominava a colonização alemã e onde o preconceito racial era uma bandeira, um fato ostensivo mas sempre presente, com tantas as suas nefandas distinções. Cruz e Souza, negro, enfrentando afrontosamente todos os estímulos de sua ancestralidade, nasceu ter vivido em intensa luta, introspectiva, de indecisão e dúvidas. Escreveu amargurado pelas circunstâncias,

as quais considerava unicamente como sentimental e lírico, a vida pareceu-lhe sempre um fardo impiedoso, uma cruz demasiado pesada, uma charada sem decifração. Impugnado pelo complexo cor, preferia a vida na penumbra, deixou-se estar pelos cantos, maguado; e, perseguido pela nostalgia da solidão, deixou-se facilmente envolver nas telas da peçoço do meio; maltratado pelo fatal Banho de sua raça cambaleava à sobrecarga do fardo inconciliante da epígrafe. Não obteve a intemperança do clima esclavagista, da sua luta introspectiva, Cruz e Souza foi o maior poeta lírico do Brasil, o «soneto culminante da lírica brasileira», depois de quatrocentos anos de existência (Silvio Romero). Não teve como seu irmão de sangue, o grande Machado de Assis, de se ligar às plantas rasteiras da poesia (Luiz Murat). A beleza imaculada de seus estrofes alcançaram-nos à invejável posição que grangeou na poesia brasileira, não o prendiam ao solo. Seu nome ficou ligado aos dois grandes movimentos poético-literários do Brasil, o parnasianismo e o simbolismo, sendo que deste último foi o poeta negro o animador, o principal revolucionário dos cânones até então em preminência; foi o corifeu do grupo simbolista no momento em que a crítica e as opiniões compartilhavam Olavo Bilac, Raimundo Correia e outros, momento que a nossa história literária registou plenamente.

O Parnaso brasileiro não se afastou bastante das linhas rígidas porém belas do seu modelo francês de 1865. O «Parnaso Contemporâneo», movimento que reuniu figuras excepcionais como Verlaine, Coppée, Baudelaire, Prudhomme, Leconte de Lisle, Catulle Mendès e outros, alguns dos quais viriam posteriormente a cristalizar o simbolismo. Entre nós, o movimento similar teve início em São Paulo. A FAN-PARRA, publicação de Teófilo Dias, era o órgão oficial dos parnasianos Luiz Delfino, Olavo Bilac, Raimundo Correia, Alberto de Oliveira, Emílio de Menezes, Vicente de Carvalho, e mais alguns, além de colaboradores mais moderados. João da Cruz e Souza foi um destes, colaborava na medida razoável de suas inclinações reconhecidamente marcantes da transição entre o Parnasianismo e o Simbolismo. Dos parnasianos disse Cruz de Queiroz: «A obra deles (parnasianos) pertence mais à literatura do que à poesia, que antigamente a poesia brotava da

emoção, e hoje está canalizada numa fonte de mármore. O nosso Coelho Neto teve idêntica opinião sobre os componentes daquele grupo: «A grande ecologia exigida para encarnar a ideia, o verso torturado, de perfeição artística sem jaça, como uma obra de ourivesaria. Foi contra essa intransigência e ortodoxia rígida que se processou o movimento simbolista no Brasil com aqueles mesmos trajos de imigrante, a princípio um movimento marginal, um importado, em segunda mão, e sem se desfazer do clássico atrás dos demais que o precederam. Com o Simbolismo aconteceu, porém, algo substancialmente diferente e essa diferença foi, sem exagero, nem berros de imaginação apologética, a presença de Cruz e Souza, em cuja obra poética a crítica nativa seguiu de perto, pela crítica adventa, encontrou uma personalidade forte e original, comparável à dos melhores poetas do mesmo movimento em França, a muitos dos quais, de um certo modo, o poeta negro superou».

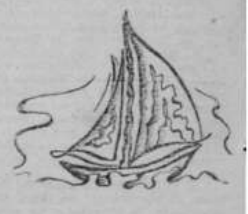
O sr. Roger Bastide, estrangeiro radicado entre nós, sociólogo, amante e estudioso da contribuição do negro africano na formação da sociedade brasileira, é autor do melhor trabalho crítico que já se fez sobre o grande poeta. (A Poesia Afro-Brasileira), embora fazendo jus a alguns reparos que osamos apresentar. Sua obra aparece sobejamente delirantemente, deramadamente impregnada de cientificismo, de tal modo que nos leva a discordar da maneira por que explica o subjetivismo da poesia de Cruz e Souza, subjetivismo que aquele crítico tentava condensar como intrínseca influência do germanismo. Isto é, do meio social e da educação recebida pelo poeta durante seus primeiros e bem poucos anos de educação. A crítica científica do sr. Roger Bastide é puro artifício de forma, destinado a dar às coisas literárias a aparência do rigor e a fazer que, com este rótulo, seja aceita por um século ofuscado pelos progressos da Ciência moderna aquilo que os sábios consideram com desdém, como nada provando ou como nada podendo ser provados (A Crítica Literária, de Hatfeldt). E ainda porque se bem atentarmos no nosso propósito, com o sr. Bastide aconteceu o mesmo que a Taine que ideou de explicar uma (autores) pela ação das influências a que foram submetidos, v-se obrigado a explicar os outros por uma rea-

ção contra essas mesmas influências, reação que não poderia vir, ao que parece, da mesma fonte que a ação (ob. cit.). Na obra poética de Cruz e Souza deve-se entender, como diria Lúcio Cardoso, toda a consonância da voz d'África, toda a milenar nostalgia da raça despojtando na confiança de estropefe maravilhosas com o impulso de estrêla despreendida da abóbada celeste, com a mesma graça, com a mesma luminosidade. E, quanto às formas alvas, brancas, formas claras, nota predominante em seus cantos e cânticos, não devem ter sido senão — ou talvez — um exótico e remansoso perfume de possíveis ancestralidades adormecidas e trazidas de regiões inotas, através dos tempos, para simbolizar uma mística volumosa, um erótico delírio e, ao mesmo tempo, um face do próprio homem e de uma espécie de auto-determinação, desejo simples de libertação, de igualdade pela compreensão, brotando de um oceano íntimo de sensibilidade. A poesia de Cruz e Souza pode ser tida como o outro lado da porta pesada, maço, acorrentadas... por onde escapou o «sussurro indistinto dos ancestrais que pareciam afastados para sempre» (Roger Bastide, ob. cit.).

A crítica brasileira com José Veríssimo, Silvio Romero, Ronald de Carvalho e Agrupino Grieco, enfim com aqueles que mais se dedicaram ao estudo do processo de formação histórica, de evolução e dos problemas das nossas letras, manteve-se unânime no julgamento da poesia de Cruz e Souza, um negro que, através de manifestações do espírito e depois de revelar uma inteligência incomum com as quais enriqueceu o patrimônio cultural de nossa pátria, desmente tacitamente as velhas objuatórias de incapacidade ou nulidade de uma raça malnada.

Nas cidades do Destêrro, hoje Florianópolis, capital do Estado de Santa Catarina, veio ao mundo o poeta João da Cruz e Souza, aos vinte e quatro dias de novembro do ano de 1862. Seus pais foram negros escravos e morreria ai, como é fácil imaginar, da raça. Falceu aos trinta e seis anos de idade, na cidade do Sítio, em Minas Gerais, tuberculoso, a 19 de março de 1898. Contraiu nupcias e deuse enlace parcer ter tido um filho, a quem dedicou uma das suas mais belas peças poéticas, classificada pelos entendidos como uma das melhores que já produziram líricos da nossa terra.

Herói da vida contemplativa, nada fez na vida prática. Não teve cargos nem ocupações políticas de relevo. Pobre nasceu, pobre, arreído e pessimista morreu. Deixou uma obra relativamente pequena em prosa e versos, «Minal» e «Broquês», respectivamente, publicados ainda em vida, no ano de 1893, seis anos antes de passar-se desta para melhor. Postumamente, graças à estima que lhe devotava o crítico do modernismo, Nestor Vitor, seu amigo e biógrafo, apareceram «Evocações», prosa, «Paróias», poemas, e «Cinco Sonetos».



“O PROBLEMA ALIMENTAR BRASILEIRO”

O major Umberto Peregrino juntou em uma pequena brochura intitulada “A margem do problema alimentar brasileiro” e subtitulada “Tarefas e realizações do SAPS”, os discursos que pronunciou em seus dois primeiros anos de diretor do Serviço. A primeira observação a fazer — o próprio major Peregrino a faz sem reservas em mais de um passo desse livro — é que as “realizações” ainda são mínimas diante das “tarefas”, que são imensas.

Essas tarefas têm quatro grandes sentidos: a assistência alimentar, a educação alimentar, a pesquisa científica e a formação de técnicos e especialistas em nutrição. E isso em um plano nacional, para abranger não apenas, como atualmente, algumas categorias de trabalhadores em algumas cidades do país, mas toda a grande massa de nossa população, que come pouco e come mal.

O SAPS poderia ser hoje muito maior e mais benéfico se durante muitos anos, sob a Ditadura, não estivesse praticamente “preso à Praça da Bandeira”, isto é, quase limitado ao Restaurante Modêsto, bastante “fotográfico” e fácil de visitar para servir de palco a exibição e atos demagógicos.

Tanto não havia a preocupação real de se entender os benefícios do Serviço que hoje vemos isto: em dois atos, sem aumento de recursos, dentro do orçamento antigo, a nova administração ampliou de maneira notável o que fora feito em seis anos. O número de restaurantes “presos à Praça da Bandeira”, isto é, quase limitado ao Restaurante Modêsto, bastante “fotográfico” e fácil de visitar para servir de palco a exibição e atos demagógicos.

Mas as tarefas, voltamos a dizer, é que são enormes. Para enfrentá-las, tem o major Peregrino um plano, que já submeteu ao Governo, mas ainda não teve andamento. Notamos, entretanto, que no projeto de lei orgânica da Previdência Social, de autoria do deputado Aluísio Alves, o SAPS já aparece desligado da Previdência Social. Ele se tornaria assim, com recursos próprios e maiores, um Serviço Nacional de Alimentação.

Dentro dos quadros atuais, sente-se que o major Peregrino não poderá realizar muito mais do que já vem realizando com um esforço, uma tenacidade e uma paixão que o leitor desse pequeno volume de discursos rápidos, claros e veementes sente sem possibilidade de equívoco.

VEJA!

NÃO É DEZENA DE MILHAR... É SOMENTE MILHAR!

200 CRUZEIROS PRÊMIO MAIOR

9701

LOTERIA DO ESTADO DE PERNAMBUCO

ODAS SEXTAS-FEIRAS

200 MIL CRUZEIROS

Não perca seu tempo

Nem ceda o seu lugar a outro: compre desde já o seu bilhete

O PAGAMENTO DOS PRÊMIOS É GARANTIDO PELO GOVERNO

FALAM os CRÍTICOS

A PERSONALIDADE DE NABUCO

O lugar de Joaquim Nabuco é entre os homens de personalidade complexa. Por conseguinte múltiplas e contraditórias. Houve vários Nabucos e não um só.

Houve nele um anti-clerical sem papas na língua e não apenas o devoto da Igreja, em que se amaciou já na velhice. Um abolicionista que chegou, na mocidade, quase ao socialismo e não apenas o conservador que, por amor à Ordem, reconciliou-se com a República sem aderir ao Republicanismo. Um latino fascinado pela Roma clássica e, ao mesmo tempo, um entusiasta da civilização anglo-americana. Um universalista em contraste com o pernambucano cujo pernambucanismo chegaria, se precisasse, ao extremo do separatismo.

Nenhum desses Nabucos deve ser desprezado para que, contra o que houve nele de múltiplo de complexo de vários e até de áspero, se fixe um aspecto mais recente ou mais macio de sua personalidade, como se tivesse sido o único ou o total. Não houve um Nabuco assim — sempre côr-de-rosa e olímpico — senão na velhice.

O autor de "Minha Formação" não foi exemplo de coerência absoluta, muito menos mecânica, mas de variedade de idéias e de gostos que nele acabam formando um todo, este sim, único pelo que reuniu feições e de tendências diversas e até contraditórias. Foi síntese das chamadas dramáticas.

(Gilberto Freyre — trecho de artigo — "Diário de Notícias" — Rio, 18-9-1949)

PRIMEIRA IMPRESSÃO DE NABUCO

O nome de Joaquim Nabuco acha-se ligado muito cedo às primeiras impressões de minha infância, essas impressões que se marcam fundamentalmente na nossa memória e nos acompanha a vida inteira, através de um espetáculo impressionante, qual fosse um interminável desfile fúnebre pelas ruas do Recife dos princípios deste século. Voltava à terra que lhe exigira o corpo para guardá-lo bem de encontro a seu seio, o gigante tombado, o redentor de uma raça, o "próprio gênio da América do Sul integrado no coração da América do Norte". (1).

Meu pai me levava a ver a cena comovedora e significativa das homenagens que um povo inteiro prestava, ao conduzi-lo ao campo do repouso derradeiro, a quem soubera sempre servi-lo, representá-lo, elevá-lo pelo seu exemplo e pela sua obra. Parecia insignificante e inócua naquele total do povo pernambucano que magnificava o seu grande filho, fulminando na plenitude de sua obra diplomática e de pensador, confesso que daquele espetáculo só se gravou na placa da minha memória de criança a impressão das numerosas bandas de música com seus instrumentos faixados de crepe, a tocar músicas tristonhas, dos meninos e meninas de colégio, desfilar-do uniformizados, das vistosas fardas dos soldados, da carreta que transportava o enorme caixão, das corças imensas, em que os roxos predominavam e, mais do que tudo, o pranto que eu via escorrer pelos rostos aos ne-

gros, alguns dos quais de carapuça embranquecida pelo tempo e pelo sofrimento.

O que fora Joaquim Nabuco, o que realizara pelo seu povo, o que significavam como gratidão e saudade aquelas lágrimas que molhavam os rostos dos representantes da raça redimida, os meus oito anos ignorantes pouco ou quase nada sabiam. Não alcançavam toda a beleza dolorosa daquela derradeira despedida, nem compreendiam que espécie de morto era aquele que iam a enterrar e que tanta gente e tanto sentimento congregava em torno do seu caixão fúnebre.

(Oscar Mendes — Trecho de conferência pronunciada na Faculdade de Direito do Recife, em agosto — 1949).

NABUCO E RENAN

Nilo Pereira mostrou a natural, lógica e compreensível admiração de Nabuco pela prosa, pela técnica, pelo envolvimento, plástico e lindo estilo de Renan. Não o Renan pouco citado que é o Renan arqueólogo, crítico, viajante, expositor de civilizações mortas, o Renan do Egito, da Fenícia e da Síria, mas o Renan que se universalizou, o Renan religioso, exegético, intérprete de Evangelhos, um Evangelista reticente, pregando um Evangelho apócrifo, afirmando às avessas, declarando que o dogma essencial da Boa Vista é que Jesus Cristo provava com sua vida e morte a inutilidade do céu e a eternidade inarradeável da vida da dúvida, no pecado e nas trevas.

Naturalmente Nabuco dispensou sua solidariedade a esse missionário negativo, um Apóstolo que curia às multidões ovinas na Montanha, "Metalvos uns aos outros e nos intervalos amai!".

Essa esplêndida conferência de Nilo Pereira é um ensaio do exegese intelectual justa e completa, fixando com beleza e propriedade vocabular o ângulo desse encontro, a coincidência da marcha comum e a admiração de Nabuco, compreendendo para discutir e responder no mestre sutil e misterioso, preso da idéia de Deus que combatia e negava, rodeando a luz, perpetuamente...

(Luís da Câmara Cascudo — trecho de artigo — "Fólia da Manhã" — Recife, 21-8-1949).

A RELIGIÃO EM NABUCO

A religião, em Nabuco, não foi, como na maioria absoluta dos seus contemporâneos, um problema superficial. Pode-se dizer que foi o próprio núcleo de toda a sua vida e de toda a sua obra. Nem à toa escreve a certa altura, do volume, que é um *homo theisticus*.

Diz-nos no primeiro capítulo da segunda parte de sua Confissão, "Pertencio ainda, como já terão visto, à espécie que segundo alguns sábios, será conhecida no futuro como o homem teísta. Jamais senti necessidade de me convencer, por argumentos, da existência de Deus. Sempre a senti. As provas da teodicéia sempre me pareceram de uma ingenuidade superficial, como se me desse o trabalho de provar a mim mesmo, geometricamente, que o meu corpo ocupa um espaço. Deus, para mim, existe de modo tão evidente quanto eu mesmo. *Suum ergo est. Si non est, non sum*,



"O sr. Joaquim Nabuco muito preempitoriamente declarou pelo jornal que só queria, só desejava, só solidava a votação do colégio do Recife. Ora, essa votação foi-lhe positivamente negada; o colégio da capital manifestou claramente que não queria o sr. Nabuco para seu representante. E, portanto, da dignidade de sr. recusou o mandato do... sr. A. de Barros

(Do "O Diabo a Quatro", na campanha eleitoral de 78 — O barão de Vila Bela apresenta o "enfant gaté da pasta dos estrangeiros").

MASSANGANA

Ninguém sabe ao certo por que Massangana foi para Nabuco "o pano de fundo" de toda a sua vida. Por que um engenheiro banguê com a sua paisagem cheia do verde das canas, a sua casa-grande quase desabitada de gente branca, as suas poucas dezenas de escravos — esse esquecido leudo da zona da mata de Pernambuco haveria de deixar no meião de oito anos que era Nabuco as fortes e impagáveis impressões cujos limites ele jamais conseguia transpor. A um menino de oito anos, por mais sensível que fosse ao contacto do mundo, não bastaria a paisagem e a atividade de um engenheiro para cavar tão fundo os traços essenciais da sua personalidade.

As vezes eu penso que não foi Massangana em sua condição propriamente física que teria feito o milagre de prender Nabuco às recordações dos primeiros anos, a tal ponto que o engenho ficasse sendo para ele "a sede do seu oráculo íntimo". Se Nabuco confessou que as suas idéias e sentimentos tiveram como principal fonte as impressões de Massangana, não foram sem dívida as impressões mesmas da terra, das plantas, do Ipôjucu, do curral, da senzala — as manhas de sol e as noites das boninas, só por si, que ligaram para sempre Nabuco à sua primeira idade. Mas as que ele mesmo criara interiormente como ressonância de sua singular posição de menino que viveu ao lado de uma viúva sem filhos, no meio de mucamas e pagens sem senhor. Dentro do mundo que o envolveu durante oito anos numa espécie de carcaia morna, é possível que Nabuco tivesse criado o seu mundo à parte, todo ele feito de pequenos caprichos, de pequenas imposições — todo ele feito ao mesmo tempo de passividade afetiva e de egoísmo nã contidos, talvez mesmo de egoísmo tiranicamente satisfeitos.

(Sélvio Rabelo — trecho de ensaio — "Fólia da Manhã" — Recife, 21-8-1949)

poderia acrescentar, pois o ateísmo arrastaria consigo o ceticismo mais absoluto, como para outros representou. Deus é a chave da abóbada da certeza".

Nabuco era um temperamento muito mais agostiniano ou scotista que tomista. E toda a sua evolução religiosa se processou mais pelo lado afetivo, literário e temperamental, que pelo lado racionalista ou dialético.

(Tristão de Athayde — Trecho de artigo — "Diário de Notícias" — Rio, 18-8-1949)

FALAM os POETAS

O POETA NABUCO

Temos ainda presente na memória a emoção de descoberta que foi a do grupo de estudantes de que eu fazia parte, quando foram publicados no "Jornal do Recife", se me não engano, umas poesias de Nabuco, entre as algumas fragmentos da obra de Ossian, trasladadas por ele ao português. Ficou-me uma só daquelas estrofes emilianas, onde a melancolia do mar cantada pelo bardô bretão, dissolve-se no ritmo musical dos versos de Nabuco:

Assim descanta, reclinado à [pópa
triste grumete que vigia as [brumas
A luz dorme na sendal de nu- [vena,
como o navio no lençol de es- [pumias...]

Ainda que houvesse sempre repetido, como advertência primordial a seu respeito: "Não sou um poeta", ninguém mais digno desse nome, na realidade, que Nabuco. Quando ele diz que o não é, assemelha-se aos santos que se declaram mais pecadores que os outros homens. A verdade é que poucos escritores teriam dado tanto à missão e ao mister: sua vida, o ser, e esse laço de nobreza que está entre o homem e as coisas quando elas as toca com o seu olhar e a sua palavra.

(Odilon Nestor — trecho de artigo — "Diário de Pernambuco" — 21-8-1949)

O "NOVISSIMO" NABUCO

Ora, acontece que não faltavam "cadência e harmonia" aos versos de Nabuco, mesmo aos da adolescência, como a poesia "Uruguiana", lida em presença do imperador e da imperatriz e das azeitas imperiais, precisamente em novembro de 1885. E ocorre que ninguém mais do que ele poderia aspirar ao título de poeta se espontanamente não o tivesse renunciado para dar outro rumo à sua obra, como, ainda naquele ano, admitiu: "Quando as minhas faculdades concentradas pelo estudo e pela meditação se puderem aplicar ao positivo e ao exato, deixarei de queimar incenso às musas do Parnaso, para me ir alistar na fileira dos mais medíocres apostolados do positivismo, e das sciencias exatas; é um protesto para cujo cumprimento peço a Deus força de vontade e firmeza de resignação."

Nabuco foi grande em tudo quanto fez e seria grande no que desejasse fazer. Um menino da idade dele, em 1885, ou nos dias presentes, dificilmente receberia com serenidade os louvores de um escritor de opinião já influente no meio dos autores e do público. O que vemos na sua primeira carta a Machado de Assis é um exemplo de humildade que precisa ser conhecido agora mais do que nunca.

(Mauro Mota — trecho de crônica — "Diário de Pernambuco", 21-8-1949)



UM HOMEM ACIMA DO SEU MEIO

Mas em Nabuco, através de todas as manifestações de sua vida cheia de uma harmonia e de uma beleza clássica, tudo é grande, fora do comum e do vulgar. Pelo testemunho unânime dos seus biógrafos, sente-se que ele foi, na verdade, um homem acima do seu meio e do seu tempo. E estamos vendo agora, através com que Pernambuco começou série de conferências mora o primeiro centenário do seu nascimento, como sua figura de exceção se projeta e explende num conjunto de virtudes que raramente a história viu reunidas num mesmo indivíduo.

(Andrade Lima Filho — trecho de artigo).

NABUCO — SOCIALISTA

Talvez os trabalhadores do Brasil não saibam quanto devem a Nabuco, como disseminador do direito operário entre nós.

Veja-se com que satisfação Nabuco — sendo um homem de educação fina e elevada, um diplomata — procurava falar aos carregadores da Lingueta; aos carroceiros de Santo Antônio e São José, ouvindo-os atentamente, nas suas expressões simples de analábetos a fim de saber de suas necessidades e como "am levando a vida. Era o interesse nato do humanista que auscultava o ambiente, sondando na realidade os fatos, objetivando, assim, a sua determinação de conhecer "in loco" os problemas para robustecer os seus ideais estruturadora na realidade.

Dizia Nabuco em seus discursos efetuados em São José de Ribamar, que os trabalhadores deviam formar os seus Sindicatos, deviam unir-se em defesa dos seus direitos, porque como se encontravam, desunidos não podiam demonstrar o valor do que em verdade representavam.

(Trecho de discurso do trabalhador Vicente Dutra)

COOPERATIVA BANCO DO NORDESTE LIMITADA

Sede: RUA DO IMPERADOR N.º 310
Endereço Teleférico: "BANORDESTE" — Telefone: 6260
RECIFE — PERNAMBUCO

EMPRÉSTIMOS — DESCONTOS — DEPÓSITOS
Secção de ADMINISTRAÇÃO DE BENS com carteira especializada em LOTEAMENTO e VENDA de TERRENO urbano

ALCIDES MARROQUIM
Presidente

WALDEMAR CARDOSO
Gerente

LIVROS NACIONAIS E ESTRANGEIROS
LITERATURA — LIVROS ESCOLARES, TÉCNICOS E CIENTÍFICOS
Livraria da
COMPANHIA EDITORA NACIONAL
RUA DA IMPERATRIZ, 43 — TELEFONE 2726
ATENDIMOS PELO SERVIÇO DE REEMBOLSO
RECIFE — PERNAMBUCO

A Luta Pelo Federalismo

ARTUR REIS

O problema da organização do Brasil sob forma federativa vinha, de há muito agitando os espíritos. Entendia-se que o unitarismo vigente impediria o progresso, vinha impedindo a independência, cogitava-se da organização do Império atribuindo-se as várias unidades que se passavam a constituir a autonomia necessária a essa evolução e de acordo com as aspirações que revelavam, destarte atendendo-se a imperativos geográficos, econômicos e mesmo sociais que não deviam ser desprezados. Sucede, todavia, que essa autonomia pareceu, no momento, perigosa à unidade que era mister manter. O exemplo que vinha das democracias vizinhas mergulhadas na experiência de um caudilhismo sangrento e de particularismos perigosos, que punham a prova a vitalidade das novas pátrias em formação, parecia um exemplo a não seguir, a não imitar, a não imitar, a não imitar.

Em 1889, a Constituição de 1825, modelo de sistema centralizador, quando se desligaram dos compromissos que as ligavam à mãe pátria, para caminhar livremente, deram-se as mãos, como se a família política que se criou fora nacionalidade com vitalidade de bastante, capaz de enfrentar as adversidades que os povos novos encontram sempre em horas iniciais, dedicando nas suas liberdades particulares, regionais, solidarizaram-se no pacto federal. No Brasil, a situação era diversa. As condições geográficas haviam determinado a dispersão populacional, dificultando o relacionamento permanente e a estruturação de uma solidariedade mais profunda entre as unidades políticas que a nação colonizadora fora estabelecendo, na sua preocupação de criar um vasto império na Sul-América para suceder àquela outra que perdera no Oriente. Tais unidades políticas, representadas nas capitães gerais e nas capitães menores ou de segunda ordem, não conheciam, na própria América, um poder coordenador que lhes estabelecesse uma unidade. O Governador Geral do Brasil e o Vice-Rei do Rio de Janeiro não tinham jurisdição sobre todo o território do futuro Estado. As ordens emanavam diretamente de Lisboa. A subordinação política, com relação a Lisboa, e não à Bahia ou ao Rio de Janeiro. Em consequência disso, as várias Capitães, que não se sentiam membros de uma mesma família; cada uma tem sua evolução própria, sua história própria, sua administração própria, suas tendências próprias, suas aspirações próprias, suas aspirações próprias, suas aspirações próprias.

Em 1885, a 14 de setembro, Joaquim Nabuco, apresentou a indicação revolucionária pela qual cessava o regime centralizador. Ao invés de República, como pleiteavam os manifestantes de 70, a monarquia sem o Poder Moderador e as Províncias com as franquias que desejavam. Firmava-se a manifestação e o ciclo de deputados. Era arrojada a iniciativa. Provocou, como se podia imaginar, um movimento de estupefação e logo de reação. Nabuco não se intimidou.

Há quatro razões, assim, para que a independência das províncias se imponha ao espírito de todos os brasileiros. Há, em primeiro lugar, só por si suficiente, a razão das distâncias enormes que se separam. Há, em segundo lugar, a diversidade de interesses, diversidade sobre a qual seria ridículo insistir, porque é tão absurdo sustentar-se a identidade de interesses do novo que habita as margens do Paraná, como afirmar-se que não são diferentes os interesses da costa da Grã-Bretanha e os da costa do Mar Negro.

Em terceiro lugar, há, em primeiro lugar, só por si suficiente, a razão das distâncias enormes que se separam. Há, em segundo lugar, a diversidade de interesses, diversidade sobre a qual seria ridículo insistir, porque é tão absurdo sustentar-se a identidade de interesses do novo que habita as margens do Paraná, como afirmar-se que não são diferentes os interesses da costa da Grã-Bretanha e os da costa do Mar Negro.

Há ainda uma quarta razão que é a impossibilidade de impedir, sem a autonomia absoluta, a absorção das províncias pelo Estado, cada vez maior, porque, quanto mais o organismo central se depara, exatamente, na razão da franqueza que ele impõe às províncias, tanto mais os recursos provinciais serão absorvidos pelo coletivo chamado — Estado.

Argumentando com elegância, Mourguet-se severo na crítica ao intervencionismo absorvente da Coroa e eloquente na proposição do tema e sua significação política, para os destinos do país e da própria Coroa. Foi vencido. Não podia deixar de ser. A situação política, então, estava com os conservadores, sob a condição de que os conservadores a comprometimento de tamanha envergadura. A batalha travada não encontrou ambiente para a vitória. As forças liberais menos avançadas, deixando de seu lado, a maioria central, a federação talvez autorizasse a reestruturação da unidade. A ilusão do Ato Adicional parecia perigosa, desautorizando uma nova experiência. O exemplo que combatia tenazmente a interferência do Poder

Personal do Imperador, que atribuíam-lhe os males de que enfermava o país, portou-se com uma bravura memorável na jornada que encetava. Na tribuna parlamentar e na própria imprensa esgrimiu com os centralizadores, assegurando-lhes, à luz da exemplificação histórica, à luz da realidade física do país, o que importava a federação. Não havia calma ainda, evidentemente, para a transformação. E no entanto o Império, aquelas horas, já entrava em ocaso. Desde o final do conflito paraguai as instituições perigavam. As coordenadas da política já não eram as mesmas. O sentimento republicano começava a tomar pé. O choque com os senhores de escravos, de outro lado, tirava à monarquia a segurança de estabilidade sob que vivera. Liberais e conservadores, sem conseguir manter firme em suas mãos a direção do Estado, apedrejavam constantemente o Poder Pessoal. Embora, não queiram compreender que, com a federação das Províncias, asseguraria ao Império a continuidade que a centralização não podia

de descer da tribuna parlamentar para as colunas da imprensa a defesa do princípio como o entendia aplicável ao Brasil. Os republicanos enfrentaram-no. Não podiam existir monarquia e federação. Porque esta importava em autonomia, em franquias, em extinção do poder pessoal do Imperador. E através a República isso seria possível. A bandeira da federação escapou, por isso, de suas mãos. Fiel à monarquia Nabuco não quis ceder às evidências de seus antagonistas. E entregou-se a Rui Barbosa.

Nabuco compreendeu, na defesa do princípio federativo, que a monarquia agonizava. Todos os indícios de que não era possível mais conter a propaganda republicana estavam à vista, apresentando uma nova etapa para a vida nacional. Os abolicionistas de ontem passavam para a campanha anti-monárquica. Ele próprio, nas investigações contra o Poder pessoal do Imperador, contribuiu para que se desgastasse a confiança no regime. Ademais, circunstâncias graves estavam ocorrendo para ainda mais debilitar o prestígio do trono. O descontentamento dos senhores rurais, a questão militar, a crise que ameaçava o país com a queda da produção e a desvalorização de seus produtos fundamentais para as operações do comércio internacional, a falta de confiança nas instituições, trabalhavam com impetuosidade para apressar o desastre.

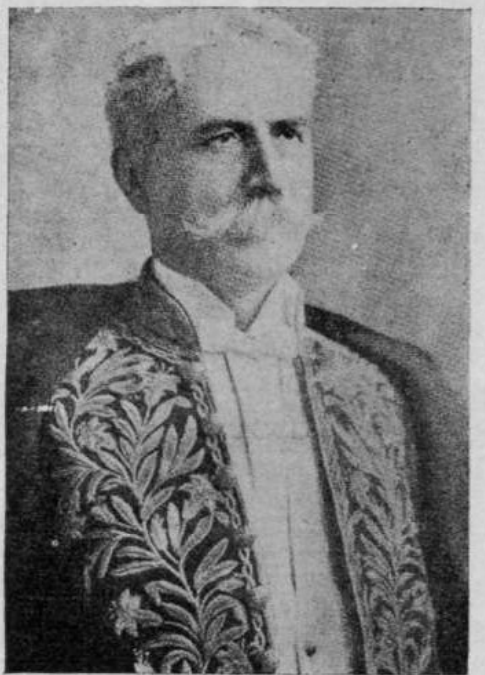
Nabuco, consciente da gravidade do momento e seguramente na esperança de que sua palavra, sua argumentação, ainda podesse eletrizar a nação levando-a a abrir um crédito ao Império, tentou o impossível. E nos últimos meses de 88 até novembro de 89, na Câmara e nas colunas de «O País», votou-se à causa da manutenção da monarquia, isto é, do monarca como forma de governo capaz de satisfazer os anseios nacionais.

É preciso insistir aqui: Nabuco tinha compreendido que a monarquia era perigosa. Sua percepção de seus produtos fundamentais para as operações do comércio internacional, a falta de confiança nas instituições, trabalhavam com impetuosidade para apressar o desastre.

Nabuco, consciente da gravidade do momento e seguramente na esperança de que sua palavra, sua argumentação, ainda podesse eletrizar a nação levando-a a abrir um crédito ao Império, tentou o impossível. E nos últimos meses de 88 até novembro de 89, na Câmara e nas colunas de «O País», votou-se à causa da manutenção da monarquia, isto é, do monarca como forma de governo capaz de satisfazer os anseios nacionais.

É preciso insistir aqui: Nabuco tinha compreendido que a monarquia era perigosa. Sua percepção de seus produtos fundamentais para as operações do comércio internacional, a falta de confiança nas instituições, trabalhavam com impetuosidade para apressar o desastre.

Nabuco, consciente da gravidade do momento e seguramente na esperança de que sua palavra, sua argumentação, ainda podesse eletrizar a nação levando-a a abrir um crédito ao Império, tentou o impossível. E nos últimos meses de 88 até novembro de 89, na Câmara e nas colunas de «O País», votou-se à causa da manutenção da monarquia, isto é, do monarca como forma de governo capaz de satisfazer os anseios nacionais.



Joaquim Nabuco — Londres — 1901

assegurar porque concluiu sua função histórica.

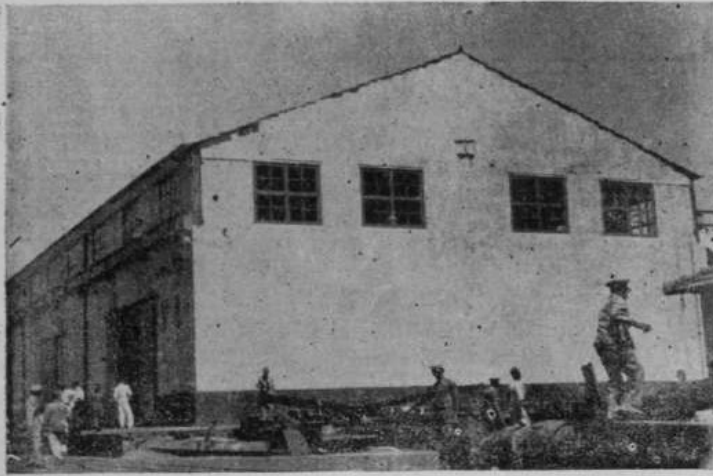
Tem-se dito que os apóstolos da federação entre nós buscaram, nos Estados Unidos e na Argentina, os exemplos em que se apoiavam para sua propaganda. É preciso não esquecer que a federação, como a República, era na consciência de todo o restante do continente. Na Colômbia, pelo pacto de 1853, aquela nação se federalizava; no México, de 1823 a 1835 funcionava a primeira República federal; de 1846 a 1853, a segunda; em 1855, a terceira. Na Venezuela, após um banho de sangue de cinco anos, o federalismo impusera-se. No Uruguai, Artigas pretendia a federação das várias províncias platina até onde chegara a sua influência. A Bolívia, em meio à ascensão dos caudilhos bárbaros e dos caudilhos letrados da plebe em ação, jogara-se mais de uma vez à competição de uma República federal. A história que se vinha sacrevendo na América latina, consequentemente, era uma história de luta pela federação. A própria revolução pela independência da Hispano-América apresentava visíveis tendências federalistas.

Já constituíamos um caso particular no palanque político do Novo Mundo, como monarquia. Lastarria, um pensador chileno, que conhecera o conceito procurado de compreender-no, criticava acerbamente nossas condições de vida, que se lhe afiguravam, em decorrência da monarquia, plenas exóticas na flora política continental. Chama a federação das Províncias e a extinção do Poder Moderador, o Brasil seria transformado num Estado liberal, de verdadeira estrutura republicana. O imperador reinaria e não governaria. E o que se via até então, como dissera um publicista,

EM BUSCA DA PROVINCIA PERDIDA
SERÁ O PRÓXIMO NÚMERO
 — DE —
NORDESTE
 dedicado a MARCEL PROUST

Fotografias e artigos inéditos — desenhos e títulos de Santa Rosa, Ladjane e Zuleno

GRANDE MELHORAMENTO NAS DOCAS DO RECIFE



O novo armazém das Docas, construído na gestão do dr. Hélio Coutinho

FOI RECENTEMENTE INAUGURADO, O ARMAZÉM 8 DO PORTO DESTA CIDADE — PRESENTES, AO ATO, ALTAS AUTORIDADES DO ESTADO E DO MUNICÍPIO — DISCURSO DO GOVERNADOR BARBOSA LIMA E DO DIRETOR DAS DOCAS, SR. HÉLIO COUTINHO — NÃO TEMOS DEIXADO ABATER O NOSSO ANÍMIO PELAS INCOMPETÊNCIAS E CRÍTICAS INJUSTIFICADAS — VISITA AS NOVAS INSTALAÇÕES — CBS

6.861.626,00, O CUSTO GERAL DA OBRA INAUGURADA — O PORTO DO RECIFE ESTÁ POSSIBILITADO DE RECEBER OS GRANDES PAQUOTES QUE, ANTES DA ÚLTIMA GUERRA ANCORAVAM NOS ARMAZÉNS DE LONGO CURSO — UM REFEITÓRIO DO SAPS, BREVEMENTE, PARA OS TRABALHADORES DO CAIS.

Com a presença de altas autoridades do Estado, realizou-se, recentemente, a solenidade de inauguração oficial das novas instalações do Armazém 8 das Docas do Porto desta capital.

O Armazém fôra destruído, num sinistro de setembro do ano de 1947. Sua falta ocasionava grandes transtornos, nos serviços de carga e descarga dos navios que chegavam ao Recife.

Trata-se, evidentemente, de um melhoramento da mais alta significação, sobretudo no momento em que estamos, quando, grande parte das dificuldades comerciais do Recife e do nosso interior dependem, diariamente, das difíceis condições em que estão se debatendo as nossas instalações portuárias.

A SOLENIIDADE

As cerimônias tiveram início, com a presença de grande número de convidados, funcionários, operários, chefes de Serviço, e o governador Barbosa Lima Sobrinho, falando, durante as mesmas o sr. Hélio Coutinho e o chefe do Executivo pernambucano.

O diretor das Docas pronunciou a seguinte oração:

«Sr. Governador.

Em 27 de setembro de 1947, um violento incêndio, cujas causas são completamente desconhecidas, arrasou totalmente o armazém número 8 do Porto do Recife.

Já naquela época, vinha o nosso porto atravessado inúmeras dificuldades, oriundas do período da guerra, quando o nosso Estado ofereceu um grande e valioso contingente para a vitória das forças aliadas e democráticas.

NAO SE DESCUIDOU O GOVERNO

«Não se descuidaram o governo e a direção das docas do problema criado — continuou — Aberta a concorrência, foi a mesma ganha pela conceituada firma Moraes Rego Ltda.

Obra de vulto, contratada por Cr\$ 6.861.626,00, compreendendo armazém e galpões, está uma vista de conclusão. Hoje, sr. governador, v. excia. tem a oportunidade de entregar aos serviços do nosso porto o armazém n.º 8 e o galpão entre este e o 7. Verificará v. excia. que os trabalhos

prosseguem e que as obras do galpão entre o 8 e 9 estão em pleno andamento.

O Porto do Recife, como disse acima, atravessa desde o período da guerra sérias dificuldades, as quais vêm se agravando dia a dia. São fatores diversos que concorrem para esta situação lamentável.

DIFICULDADES

«Há poucos dias o eminente sr. presidente da República, general Eurico Dutra, em almoço na Associação Brasileira de Imprensa, teve oportunidade de referir-se às nossas dificuldades de importação, consequência natural da crise geral que avassalou o mundo. As rendas portuárias estão baseadas na movimentação de Longo Curso. Sabido como é que as tarifas portuárias que incidem sobre as mercadorias de cabotagem são pouco rendosas desde que são feitas para proteger o intercâmbio comercial entre os Estados.

Em Pernambuco, como em todo o Brasil, faz se sentir os efeitos profundos das medidas restritivas à importação estrangeira».

AUMENTO DE SALÁRIO

«O encarecimento assustador de gêneros alimentícios e de modo geral de todas as utilidades, obrigou-nos a ir ao encontro das necessidades mínimas do trabalhador do cais, amparando-o com dois aumentos de salários, um de Cr\$ 3,00 em setembro de 1948 e outro Cr\$ 6,00 em março de 1949. Não poderia o governo do sr. Barbosa Lima Sobrinho, tão dedicado aos problemas sociais, fugir a este imperativo.

Não menos pesadas têm sido as obrigações constitucionais constantes de licenças prêmio, gratificações por decênios e abono familiar.

Acresce ainda a falta de pagamento por parte do governo Federal da taxa adicional de 19 por cento sobre os direitos aduaneiros e devidas pelos exercícios de 1947 e 1948, num total de Cr\$ 6.316.867,90 além das dificuldades gerais porque passam companhias de navegação, obrigando-as a retardamento na liquidação de suas contas.

SERVÍCIOS GERAIS

«A todas estas obrigações juntaram-se os deveres para com as obras portuárias. Não foram descuidados os serviços gerais de calçamento, reconstrução de cais, renovação de linha férrea, reparação do material flutuante, conservação de todos armazéns e respectivas instalações e ainda o ataque permanente a este problema importantíssimo e vital que é a dragagem do porto. Tudo o prazer de declarar neste momento que já foram dragados mais de 600.000 metros cúbicos e que o nosso ancoradouro de longo curso está capacitado a receber todos os navios que por aqui escalavam antes da guerra».

ESFORÇO E SACRIFÍCIO

«Tudo isto sr. governador, como v. excia. bem sabe, não tem sido feito sem esforço e sem sacrifício. Não temos deixado abater o nosso ânimo pelas incompetências e críticas injustificadas. Os drs. Humberto Gondim,

José Estelita, Napoleão de Albuquerque, Caminha Sampaio e Jader Cisneiros e demais chefes de Serviços, sob a esclarecida orientação do ilustre sr. secretário de Viação e Obras Públicas, dentro do sãto e equilibrado programa do governo de v. excia., merecem os nossos aplausos pela eficiência e dedicação a este importante setor da administração do Estado».

AGRADECIMENTO

«Em particular, merece o nosso apreço e o nosso agradecimento o exmo. sr. dr. Décio Fonseca, que tão brilhantemente vem dirigindo o 7.º Distrito de Portos, Rios e Canais.

Sr. governador: o Departamento Comercial do Porto do Recife, apesar das dificuldades que tive de enumerar, já dispôs em obras que, hoje, v. excia. inaugura a quantia de Cr\$ 5.463.978,50, sem que para isso tenha recebido qualquer auxílio do Governo Federal, contando apenas com as suas próprias rendas. E é um armazém de 95 metros de comprimento e 19 de largura, de concreto armado na espessura de 7 centímetros e será servido de pontes rolantes internas. O seu piso é construído de lajotas de granito, o material mais apropriado».

REFEITÓRIO

«É oportuno que eu me refira neste momento ao refeitório mo-

derno que, brevemente, sob a administração do SAPS, entregaremos aos trabalhadores deste porto. Será mais uma benemerência do governo de v. excia.

Convido o sr. governador do Estado a declarar inaugurado o armazém n.º 8 do Porto do Recife, mais um elemento propulsor do progresso de Pernambuco».

FALA O GOVERNADOR BARBOSA LIMA

O governador Barbosa Lima Sobrinho esteve com a palavra, em seguida.

No início do seu discurso, que foi de improviso, o chefe do Executivo referiu-se à administração criteriosa e produtiva do sr. Hélio Coutinho, apontando os melhoramentos realizados pelo titular, durante o tempo em que o mesmo se encontra à frente do serviço. Louvou a sua atividade dinâmica, bem como o interesse que sempre tem demonstrado, no sentido de dotar as nossas Docas de melhores e mais modernas instalações.

Entre os trabalhos realizados, citou, especialmente o da dragagem do ancoradouro interno, tendo, então, resultando a paguaciedade do engenheiro Caminha Sampaio, a quem estão afetos estes serviços.

RESPOSTAS AS CRÍTICAS

Referiu-se também, elogiosamente, aos engenheiros José Estelita de Barros Lima, Napoleão de Albuquerque e o chefe do Sétimo Distrito dos Portos, Rios e Canais, engenheiro Décio Fonseca.

Em seguida, o orador passou a referir-se às críticas que vinham sendo feitas, injustificadamente, à direção das Docas. Disse que, no seu trabalho, a direção desse importante setor da administração pública possui dados e empreendimentos suficientes para fazer calar todas estas acusações apressadas e injustas.

E apontou, com os deuses empreendimentos, justamente aqueles que, no momento, estava sendo inaugurado e que, segundo suas palavras, são de uma importância capital para a economia do nosso Estado e mesmo do Nordeste.

VISITA AS INSTALAÇÕES

Após os discursos, o governador, sr. Hélio Coutinho e os numerosos presentes se dirigiram para o interior das novas instalações do Armazém 8 e galpão anexo, visitando ainda parte do Armazém 7, a qual também se encontra em reconstrução, depois de atingida também pelo incêndio de setembro de 47.

A seguir, dirigiram-se todos

para as obras de construção do futuro refeitório dos operários do cais do porto.

Este restaurante dos trabalhos será entregue, depois de construído, ao Serviço de Alimentação da Previdência Social, o qual se encarregará dos serviços normais do mesmo.

Este será outro substancial melhoramento que os interessados ficarão a dever à administração dinâmica do sr. Hélio Coutinho à frente das Docas.

PESSOAS PRESENTES

A reportagem, presente aos atos, anotou, entre outras as seguintes pessoas:

Governador Barbosa Lima Sobrinho, que presidiu à inauguração;

Cel. José Jardim Sá, chefe da Casa Militar do governador;

Deputado João Tebaldo;

Cel. Oivaldo Viriato Passos de Medeiros, comandante da Força Policial do Estado;

Comandante Orlando Faro, capitão dos Portos de Pernambuco;

Engenheiro Décio Fonseca, chefe do Sétimo Distrito dos Portos, Rios e Canais.

Sr. Hélio Coutinho, diretor do Departamento Comercial do Porto do Recife;

Engenheiro Caminha Sampaio, diretor ajudante do Departamento Técnico do Porto;

Engenheiro Romildo Cordão Feres, chefe da Seção de Conservação;

Sr. Júlio Machado, prático-mor da barra;

Sr. Clidener Carvalho, delegado da Comissão da Marinha Mercante;

Sr. Ademar da Costa Carvalho, alto comerciante nesta cidade, cônsul do Paraguai neste Estado;

Sr. John A. Thom, do alto comércio desta capital e também cônsul da Suécia neste Estado;

Sr. Carlos A. A. Medici, alto comerciante nesta cidade;

Sr. Dolowitz-Scheider, representante do Molino Recife;

Sr. Aluisio Santos, representante de Alberto Fonseca & Cia.;

Sr. Castor César de Andrade, delegado do Instituto dos Marítimos;

Sr. Antônio Luiz Mendes, representante das empresas de pequena cabotagem;

Sr. Erila Lenz César, diretor da Companhia de Pesca;

Sr. José Higino Barbosa Lima, oficial de gabinete do governador;

Sr. Berguedoff Elliot, procurador judicial da Administração do Porto;

Sr. Alvaro Gomes Alves, representante da União dos Portuários do Brasil;

Sr. José Afonso Pessoa, representante da mesma entidade;

Sr. Eduardo de Menezes, gerente do Banco do Povo, nesta cidade;

Sr. Jader Cisneiros, chefe do tráfego das Docas;

Sr. Amadeu Couceiro, contador;

Sr. Alfredo de Medeiros, chefe da Receita;

Sr. Horácio Galvão, chefe da Secretaria;

Sr. Aristófanes da Trindade, chefe da Revisão;

Sr. José Pinto de Albuquerque Nascimento, chefe da Tesouraria;

Sr. Danilo de Freitas Lima, chefe do Expediente do Departamento Técnico;

Sr. Oscar Brandão da Rocha, chefe do Expediente do Tráfego;

Além desses, comerciantes, industriais, embarcadores, etc., que a nossa reportagem não conseguiu anotar.

E assim, o Porto do Recife vai voltando a sua forma antiga, graças a administração dinâmica do sr. Hélio Coutinho.

De hoje por diante, contarão os serviços do Porto do Recife com mais essa unidade entre os seus armazéns, o que significa melhor aparelhamento e mais eficiência nas suas instalações.

Durante vários meses, operários especializados trabalharam infatigavelmente, sob a vista constante de técnicos que orientavam dentro dos processos mais eficientes, a fim de que aquela serviço cumprisse fielmente as finalidades a que se destinava.

Críticos improvisados, por vezes, visitando o local das obras saíam a trombetear mundo a fora, a morosidade dos trabalhos, que não declaravam, de viva voz, a imprestabilidade do material empregado, deficiência do pessoal e até mesmo um certo propósito sutil dos dirigentes, em apenas entreter a vista do público, contemporizando sem nada realizar de proveitoso.

Dessa maneira, nos sentimos agora a vontade, em registrar esse acontecimento que é sem dúvida deveras auspicioso para o comércio, a indústria e o povo de Pernambuco, como também para todos aqueles que têm interesses ligados ao que diz respeito aos serviços de armazenagem.

Não é pequena também a satisfação dos atuais dirigentes do Porto do Recife que vêm colhendo de êxito essa iniciativa de real proveito a coletividade.

Segundo podemos apurar da palestra que mantivemos com o sr. Hélio Coutinho, bons são os propósitos que o animam no melhoramento das instalações do Porto do Recife.

O que se fez no armazém 8, deus-nos a entender o atual diretor das docas, é apenas o início de uma série de grandes melhorias e até ampliações naquele setor que lhe está confiado.

E hoje o Porto do Recife, na direção desse grande administrador, que é o sr. Hélio Coutinho, vai recebendo sempre e sempre receberá o que estava a precisar e o que precisa.



O governador Barbosa Lima Sobrinho, em companhia do diretor das Docas, sr. Hélio Coutinho, quando declarava inaugurado o novo armazém n.º 8

Breves Traços da Vida de Joaquim Nabuco

JOAQUIM NABUCO, cujo primeiro centenário comemoramos na semana findante nasceu em Recife, Pernambuco, em 19 de agosto de 1849. Era Joaquim Aurélio Barreto Nabuco de Araújo, esse o seu nome por extenso, filho do senador José Tomás Nabuco de Araújo e de sua esposa, dr. Ana Benigna Barreto Nabuco de Araújo, irmã do marquês de Recife, o morgado do Cabo, Francisco Pais Barreto.

No ambiente doce e terno do engenho de "Massangana", que celebrou numa página antológica, cheia de poesia, de "Minha Formação", viveu o pequeno Nabuco ao lado de sua madrinha, d. Ana Rosa, que o estremeceu. Morta a madrinha, Nabuco foi para o Rio, para a casa paterna. Ali teve como preceptor o barão de Taubpneu. O velho sábio ficou encantado com o novo aluno, a cujo pai escreveu: "O Joaquim é um talento transcendente e fora de linha; nunca tive outro aluno de tanta inteligência". E, entretanto, de vez em quando tirava êle notas insignificantes nos exames.

Indo estudar direito em São Paulo, em 1865, depois de haver-se bacharelado em letras pelo Pedro II, foi eleito presidente do Ateneu Paulistano. Rui Barbosa era o segundo orador desse grêmio. O primeiro era um rapaz chamado Moreira, de cuja eloquência, então altamente conceituada, nada nos ficou além desse breve registro... Quando, após três anos de curso, Nabuco partiu para Recife, onde se diplomou, Rui assumiu a presidência do centro, sendo eleito orador Castro Alves. Foram colegas de Nabuco em São Paulo, ainda, Afonso Pena e Rodrigues Alves.

Em 1871, já bacharel em direito, entra para o escritório de advocacia de seu pai. Mas pouco tempo advogado. Ao de-

fender uma causa, verificou que o cliente o enganara sobre um fato que alterava toda a questão. Declarou então que fôra iludido, que a reclamação era injusta e foi dizer ao pai que aquela profissão não lhe servia. Já nessa época sonhava com o abolicionismo e escrevia que seu maior sonho era ver seu pai subir ao governo, para ter seu nome referendado o decreto que acabasse com a escravidão no Brasil.

Em 1876, foi nomeado adido de legação em Washington, tendo como companheiro nos Estados Unidos Saldanha da Gama.

Em 1878, foi apresentado candidato a deputado por Pernambuco e, num comício definiu seu programa como uma luta pela abolição da escravidão. Foi entretanto eleito deputado, mas eleito-se antes de ir para a Câmara, nesse ano, sofreu pela segunda vez de febre tifóide e foi ainda combatido que pronunciou seu primeiro discurso, em defesa dos direitos políticos das minorias religiosas.

Segundo relata Carolina Nabuco, sua eloquência, naqueles cmeços de sua vida política, era cheia de imagens literárias e mitológicas, levando certa vez Afonso Celso, o futuro visconde de Ouro Preto, a apartá-lo assim: «Peço licença ao nome deputado por Pernambuco para deixar em paz Schiller, Carlos V, Felipe II, Gambetta, mortos e vivos. Para tratar somente do objeto em discussão...»

Foi em 1880 que começou, de fato, a grande luta abolicionista, em que Nabuco teve parte saliente, nos comícios realizados com José do Patrocínio e André Rebouças. No fim desse ano, viajou para a Europa. Na renovação da Câmara, sua candidatura foi excluída, em vista de suas idéias liberais. Nabuco aproveitou o descanso para escrever seu li-



Chegada de Nabuco ao Rio — Do "Mequetrefe", 30 de setembro de 1887

vro «O abolicionismo».

Voltando da Europa em 1884, Nabuco realizou em Pernambuco notabilíssima campanha política, em defesa da causa dos escravos, vencendo brilhantemente as eleições para a Câmara. Quatro anos depois, via coroado de pleno êxito a sua batalha, com a vitória da cruz abolicionista, no memorável 13 de maio de 1888.

Proclamada a República, em 1889, Nabuco retirou-se da vida pública, entregando-se à meditação, ao estudo e à redação de seus livros. Sua dedicação à princesa Isabel, a Redentora, impedia-lhe a cooperação imediata com o novo regime. Volta a abrir seu escritório de advocacia, com João Alfredo. Seu ponto de predileção era a «Revista Brasileira», da qual viria a nascer, pélo esforços de Lúcio de Mendonça, Machado de Assis, José Veríssimo e do próprio Nabuco a Academia Brasileira de Letras.

O Brasil, porém, não podia dispensar os serviços de um homem de sua estatura moral e cultural. Campos Sales con-

seguiu que Nabuco aceitasse o lugar de advogado de nosso país na questão de limites com a Guiana Inglesa, na região do Pirara. Passou depois a ser, nosso embaixador em Londres e, em 1905, em Washington.

Por essa época, acentuava-se sua surdez, o que o incitava ainda mais à meditação. E crescia nele o sentimento religioso. Trazia sempre o rosário no bolso. Quando só, repetia a saúva Rainha, o ato de Contrição. Como êle mesmo disse, tinha na religião uma fonte perene de alegria.

Na Capital dos Estados Unidos, onde teve situação privilegiada, desfrutando de um prestígio que raros outros diplomatas ali alcançaram, Nabuco destacou-se por uma clarividente visão do futuro no panamericanismo, tendo feito para estreitar cada vez mais as relações entre o Brasil, os E. E. UU. e todos os demais países do continente. Essa atuação ainda mais se acentuou na Conferência Pan-Americana, do Rio de Janeiro, em 1906 da qual foi o presidente, e em que se soube bem situar o desenvolvimento da política continental.

Em 1909, fez, em caráter oficial, uma viagem a Havana para assistir à restauração do governo nacional de Cuba. Nesse mesmo ano, assinou em Washington vários convênios de arbitramento com os Estados Unidos, Panamá, Equador, Costa Rica e Cuba.

Nabuco faleceu em Washington, a 17 de janeiro de 1910, vítima de uma hemorragia cerebral. Sua morte teve a dogura da morte de um justo. Nas cartas para d. Avelina Nabuco, a todos os momentos manifestava sua elevação íntima para Deus. Cerrou os olhos com um sorriso de resignação.

Comunicando ao governo da França a morte de Nabuco, o embaixador francês Jusserand, escreveu: «O nosso país não produziu muitos homens assim — dizia-me, com lágrimas nos olhos, o primeiro secretário brasileiro, por ocasião dos funerais. Pode, com toda a sinceridade, responder-lhe: Nenhum país produz muitos.»

O corpo de Nabuco foi conduzido, com solenidades excepcionais, para o cemitério da capital norte-americana e depois veio para o Brasil, no cruzador estadunidense «North Caroline», que chegou a 9 de abril daquele ano, ao Rio. Transportado para Recife, encontra-se inumado no cemitério de Santo Amaro, da cidade que o viu nascer.

De Machado de Assis a Joaquim Nabuco

«Agradecendo a oferta do livro "Fenêses detachées et Souvenirs", Paris, 1906 Machado de Assis escreveu a Joaquim Nabuco, com quem mantinha constante correspondência, a carta que reproduzimos abaixo e que foi incluída por Mário de Alencar no livro póstumo de Machado, "Crítica", Rio, 1912, pág. 208.

"Rio, 19 de agosto de 1906. Meu querido Nabuco.

Quero agradecer-lhe a impressão que me deixaram estas suas páginas de pensamento e recordações. Vão aparecer justamente quando V. cuida de tarefas de ordem política. Um professor de Douai, referindo-se à influência relativa do pensador e do homem público, perguntava certa vez (assim o conta Dietrich) se havia grande progresso em colocar Aristóteles acima de Platão, e Pitt acima de Locke. Concluiu pela negativa. Você nos dá, juntos, o homem público e o pensador. Esta obra, não feita agora, mas agora publicada, vem mostrar que, em meio dos graves trabalhos, que o Estado lhe confiou, não repudia as faculdades de artista que primeiro exerceu e tão brilhantemente lhe criaram a carreira literária. Erro é dizer, como V. diz em uma destas páginas, que "nada há mais cansativo que ler pensamentos". Só o tédio cansa, meu amigo, e êste mal não entrou aqui, onde também não teve acolhida a vulgaridade. Ambos, aliás são seus naturais inimigos. Também não é acertado crer que, "se alguns espíritos o lêem, é só por distração e são raros". Quando fosse verdade, eu seria desses raros. Desde cedo, li muito Pascal, para não citar mais que êste, e afirmo-lhe que não foi por distração. Ainda hoje, quando torno a tais leituras e me consolo no desconsolo do "Eclesiastes", acho-lhe o mesmo sabor de outrora. Se alguma vez me sucede discordar do que leio, sempre agradeço a maneira por que acho expresso o desacordo.

Pensamentos valem e vivem pela observação exata ou nova, pela reflexão aguda ou profunda, não menos querem a originalidade, a simplicidade e a graça do dizer. Tal é o caso deste seu livro. Todos virão a êle, atraídos pela substância, que é aguda e muita vez profunda, e encantados da forma, que é sempre bela. Há nestas páginas a história alternada da influência religiosa e filosófica, da observação moral e estética, e da experiência pessoal, já agora longa. O seu interior está aqui aberto às vistas por aquela forma lapidária que a memória retém melhor. Idéias de infinito e de absoluto, V. as inscreve de modo direto ou sugestivo, e a nota espiritual é ainda a característica de suas páginas. Que em todas respandescem um otimismo sereno e forte, não é preciso dizer-lhe; melhor o sabe, porque o sente deveras. Aqui o vejo confesso e claro, até nos lugares de alguma tristeza ou desânimo, pois a tristeza é fa-

cilmente consolada e o desânimo acha depressa um susto.

Não destacarei algumas dessas idéias e reflexões para não parecer que trago toda a flor, por numerosas que fossem, muito mála flor ficaria lá. Ao cabo, para mostrar que sinto a beleza e a verdade particular delas, basta apontar três ou quatro. Esta do livro I: — "Mui raramente as belas vidas são interiormente felizes; sempre é preciso sacrificar muita coisa à unidade" — é das que evocam recordações históricas ou observações diretas, e nas mãos de alguém, narrador e psicólogo, podia dar um livro. O mesmo digo daquela outra, que é também uma lição política: "Muita vez se perde uma vida porque no lugar em que cabia ponto final se lança um ponto de interrogação". Sabe-se o que era a vida dos anacoretas, mas dizer, como V., que "êles só reconheciam dois estados, e de oração e de do sono, e provavelmente ainda dormindo estavam rezando", é pôr nesta última frase a intensidade e a continuidade do motivo espiritual do recolhimento e dar do anacoreta imagem mais viva que todo um capítulo.

Nada mais natural que esta forma de conceito inspire imitações e, provavelmente, naufrágios. As faculdades que exige são especiais e raras; e é mais difícil virar nela que em composição narrativa e seguida. Exemplo da arte particular deste gênero é aquele seu pensamento CVII do livro III. Certamente o povo já havia dito, por modo direto e chão, que ninguém está contente com sua sorte; mas êste outro, figurado e alegórico, é só da imaginação e do estilo dela: "Se houvesse escritório de permuta para as felicidades que uns invejam aos outros, todos iriam lá trocar a sua". Assim muitas outras, assim essa imagem de contrastes e imperfeições relativas: "A borboleta acha-nos pesados, o pavão mal vestidos, o rouxinol roucos, a águia rasteiros".

Em meio de todo êste pensamento e lapidado, as reminiscências que V. aqui pôs falam pela voz da saudade e do mistério, como êsse quadro no cemitério das cidades. Você exprime magnificamente aquela fusão da morte e da natureza, que V. cultivava também com amor, dá imagem da vida e para quem a conhece de outro engenho do norte, ainda, va ou de leitura: deve ser verdadeira.

Não há aqui só o homem do pensamento, ou apenas temperado por êle; há ainda o sentimento evocado e saudoso, a obediência viva que se compraz em acudir ao impulso da vontade. Tudo aí, desde o sino do trabalho, até a paciência do trabalhador; a velha madrinha, senhora do engenho e a jovem mucama, tudo respira êsse passado que não torna, nem com as doçuras ao coração do moço antigo, nem com as amarguras ao cérebro do atual pensador. Tudo lá vai com os primeiros educadores eminentes do seu espírito, ficando V. neste trabalho de história e de política, que ora faz em benefício de um nome grande e comum a todos nós; mas o pensamento vive e viverá.

Adeus, meu caro Nabuco, ainda uma vez agradeço a impressão que me deu; e oxalá não esqueça êste velho amigo, em quem a admiração reforça a afeição, que é grande.

MACHADO DE ASSIS

CAIXA DE CRÉDITO MOBILIÁRIO DE PERNAMBUCO

(Criada Pelo Decreto Estadual N.º 161, de 20 de Agosto de 1938)

End. Teleg. — "CREDIMOBIL"

TELEFONE, 9401, — CAIXA POSTAL, 649

AVENIDA RIO BRANCO, 23 -- Recife - Pernambuco



DEPÓSITOS GARANTIDOS PELO ESTADO



Paga as melhores taxas de juros a seus depositantes

- C/C. de Movimento (retiradas livres) 4% a. a.
- C/C. Populares (limete de Cr\$ 30.000,00, com cheques) 6% a. a.
- C/C. com Aviso Prévio (avisos de 10, 20, 20, dias para retiradas até 30, 60 e 100% sobre o saldo da conta) 6% a. a.



DEPÓSITOS A PRAZO FIXO

- De 6 meses 6½% a. a.
- De 12 meses 7% a. a.



da posteridade, a quem, aliás, Nabuco já se havia recomendado em vida. Partindo do estrangeiro, esta consagração póstuma parece uma justa retribuição ao pensamento do brasileiro que, sem nunca abandonar do país natal, teve contínuo enveredado bastante ampla para abranger as causas de todos os povos.

NABUCO - CIDADÃO DO RECIFE

Anibal Fernandes

No Curso Joaquim Nabuco, realizado por iniciativa do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, do Rio, o escritor e jornalista Anibal Fernandes pronunciou uma conferência da qual transcrevemos os seguintes trechos:

Nabuco é um cidadão do Recife. Sempre se considerou do Recife e não de nenhuma outra cidade por mais ilustre que fosse. Nasceu num 2º andar da casa n.º 39, no atterro da Boa Vista, naquele longínquo 19 de agosto de 1848, às 8 e meia da manhã, no ano em que a Província mais padecera dos horrores da guerra civil.

Vauthier iniciou esses aterros na cidade alagada, cheia de cambons de marés, de mangues e braços de rio, se infiltrando por toda parte. O Recife sentia o renascimento do programa da administração do Barão da Boa Vista. O aspecto geral da cidade se modificava com as construções novas; a vida social se tornava mais animada. Tendo vivido em Paris, Régio Barros, acreditava que fazendo do Recife uma bela cidade, os ricos senhores de engenho se afeiçoariam à idéia de ficar em sua terra.

O ar do Recife ainda estava, bem carregado, com a lembrança da Revolução de que fora sangrento teatro. Ruas e pedras do Recife ainda sangravam, quando Nabuco veio ao mundo. O fato de ter nascido em sobrado mostra que tinha ascendência de um dos homens bons do burgo. Sua família materna vinha da casa-grande patriarcal. O sobrado era a casa típica dos recifenses mais abonados, dos comissários de açúcar, dos fidalgos do comércio. Mas não ficou em sobrado. Aos 3 meses e pouco, era batizado na capela de São Mateus, em Massangana. Assim também ele deve ter sentido o encanto de ter sido menino de engenho, e o foi, mais do que de cidade.

O pai fora para a Corte, eleito deputado geral. Havia obtido o quarto lugar da lista e antes dele, vinham apenas Régio Barros, que era o chefe do partido, e o galante Maciel Monteiro, o dandy que renunciara à senatária, para não o suspensarem de ter a idade legal. O homem, de quem se dizia ter os dedos calcados de apalpar saias de seda, punha também coquetaria na sua idade, que a atrasava apenas de seis janeiros, como se essa tentativa de diminuir o número de anos pudesse ocultar-lhe um dia aquilo que o divino Racine chamava de "irreparável ultraje".

Foi em dezembro de 1849 que o velho Nabuco partiu do Recife, para a Corte a fim de tomar assento na Câmara. Na ante-véspera de nascer-lhe o filho havia presidido o júri, que julgara os chefes da malograda Rebelião praieira, não obstante ser adversário político dos presos, que à sua presença compareciam, vencidos, para ajustar contas com a justiça. Mas não compareciam de pé e mãos algemadas. Entraram no Tribunal de cabeça erguida quase como num desafio. Ao abrir-se a sessão, um dos réus pede a palavra e argue o júri de suspeito. "Esse processo — diz o deputado, dr. Felipe Lopes Neto, — instaurado em segredo pelo sr. Figueira de Melo contra os membros do Partido Praieiro só poderia ser sentenciado pelo sr. José Tomaz Nabuco de Araújo". Recusam responder ao interrogatório. Recusam tomar advogado da defesa.

A muitos ocorre ainda hoje perguntar: por que Nabuco não se deu por suspeito?

Se era adversário dos réus, por que não se escusara de julgá-los? O filho defende o pai dessa increpação, dizendo que ele se conhecia bem como magistrado, para arrecear-se de qualquer quebra de seu dever e imparcialidade. Tanto mais que não lá se jurando. Se tivesse de ser jurado, sim. Como presidente do júri, apenas lavraria o veredicto do Tribunal Popular. Diante dos "praieiros" vencidos, não estamos mais no tempo daquelas sinistras alçadas de sangue que levaram à morte os cabeças das revoluções de 17 e 24. O Juiz não é um proconsul militar, que apenas val castigar com a pena de morte os que se rebelaram contra o poder real todo poderoso. Não é nenhum Luiz do Régio Barreto ou um Conde dos Açores, que ligam o seu nome às terríveis condenações à morte. É um magistrado sereno, sabendo de ante-mão, que a anistia viria logo mais cair sobre os chefes do motim. Mais tarde, quando na Câmara, foi o caso debatido, o conselheiro Nabuco explicou com sobriedade porque não se deu por suspeito.

"Não me dei de suspeito — disse ele — porque entendo que trairia o meu dever. A diferença da opinião pública não me inabilitava para ser juiz, a menos que se estabeleça o princípio de que cada partido deva ter os seus juizes. Darei mais algumas razões para não me considerar suspeito. Alguns dos réus que compareciam à barra do tribunal, quando eu era juiz do civil, da comarca do Recife, tinham promovido as suas demandas perante mim, havendo aliás outro juiz do civil de sua parcialidade, e pois eles mesmos reconheciam que, por causa de diferença política, não era eu suspeito".

O menino Joaquim ficara no engenho com a madrinha, de onde sairia três anos mais tarde, quando os pais voltam ao Recife. Era "travesso e galante", como escrevia dona Ana Rosa. Trazia para o Recife o seu crioulinho Marcos, "que nós doamos ao menino, por ser de sua simpatia". Era comum aos "meninos de engenho" terem o seu moleque e o seu carneiro. Mas a sua permanência não seria longa, no Recife. O velho Nabuco voltava logo mais à Corte designado para a presidência de São Paulo e para a legislatura de 53, quando teve ocasião de proferir um dos mais notáveis discursos de sua carreira parlamentar.

Parece que Joaquim Nabuco, tomando de futuro ao pai como modelo, é o parlamentar de 53 que tem deante de si. Ele descreve mais tarde o orador dizendo que as pausas e a voz cristalina davam à sua declamação na tribuna, uma solenidade especial. Comentando essa oração, o órgão praieiro dizia que de "quantos discursos tinham sido proferidos pelos parlamentares de Pernambuco nenhum podia competir com o de Nabuco, em habilidade e engenho".

Devido talvez às peregrinações em que andava o pai — do Recife para a Corte, da Corte para São Paulo — o menino Nabuco voltou ao engenho Massangana; e lá se ficou até 1857, ou seja até os oito anos.

Que impressões teria o engenho a alma infantil de Nabuco? Talvez as mesmas que José Lins do Régio descreve no seu famoso livro:

"A minha mãe sempre me falava de engenho como de um recanto do céu. Era uma negra que ela trouxera para criada, contava tantas histórias de lá, das moagens, dos banhos do rio, das frutas e dos brinquedos, que me acostumei a imaginar o engenho, como qualquer coisa de um conto de fadas, de um reino fabuloso". Nabuco evoca particularmente os oito anos passados no engenho, os quais, para usar as suas próprias palavras, foram os de sua formação, instintiva ou moral definitiva. Para mostrar como as primeiras impressões da infância foram tão intensas, basta ler a sua admirável página de evocações, quando ele mesmo confessa que "nunca se lhe retira da vista esse pano de fundo que representa os últimos longos anos de sua vida". Foi em Massangana, nesse primeiro período de sua existência, que se revelou aos seus olhos o quadro da escravidão, o qual decidiu o emprego ulterior de sua ação política.

"Eu estava uma tarde sentado no patamar da escada ex-

Oliveira Lima informa, nas suas "Memórias", que era ainda criança, quando conheceu Joaquim Nabuco. Aos 15 anos escreveu, a respeito do abolicionista, um artigo "palpitante de simpatia", e que lhe valeu, em 1887, em Lisboa, a visita de Nabuco. Nesse tempo, Oliveira Lima não completara ainda 20 anos, e Nabuco andava perto dos quarenta. Pode-se dizer que a amizade entre os dois escritores pernambucanos, firmada nessa ocasião, continuou inalterável por perto de dois séculos. Quando não houvesse a convivência, nas cidades em que por acaso se encontrassem, bastaria, para conservá-los unidos, o apreço intelectual recíproco e a correspondência íntima que entre eles se mantinha, durante todo esse período.

Nabuco era embaixador em Washington e Oliveira Lima ministro na Venezuela, quando cessaram essas relações de amizade. Quem tomou a iniciativa desse rompimento foi Nabuco e o motivo dessa atitude serve para pôr em destaque a profunda divergência, ou quase incompatibilidade dos dois temperamentos. Oliveira Lima, que estava na Venezuela, achava que Nabuco exagerava a tendência panamericanista de sua política diplo-

terior da casa, quando veio precipitar-se para mim um jovem negro desconhecido, de cerca de 15 anos, o qual se abraça aos meus pés, suplicando-me pelo amor de Deus, que o fizesse comprar por minha madrinha para servir-me. Ele vinha das vizinhanças, procurando mudar de senhor, porque o dele, diziam-me, o castigava e ele tinha fúgado, com risco da vida. ... Foi este — diz — o traço insperado que me descobriu a natureza da instituição, com a qual eu vivera até então familiarmente, sem suspender a dor que ela ocultava".

E' que se durante o longo período da escravidão negra havia senhores benignos, como aqueles que Júlio Belo descreve no seu delicioso livro "Memórias de um Senhor de engenho", havia outros, como os que menciona Oliveira Lima nas suas "Reminiscências" e que se gabavam de, toda a vez que compravam um escravo, aplicar-lhe uma novena", isto é, mandar surrar diariamente durante nove dias, para que aprendesse a conhecer o senhor.

DOIS TEMPERAMENTOS: JOAQUIM NABUCO E OLIVEIRA LIMA

BARROSA LIMA SOBRINHO

mática. Dizia ele que Nabuco, antes de ir para Washington, não esquecera o "banho latino que nas suas palmaras, tomara nas terras romanas durante a sua infeliz missão a Roma". O próprio Oliveira Lima confessa que Nabuco, em Washington, "ficara, too American, como em Londres too British, na Itália too Roman e na França too French". Não havia, pois, o propósito de vincular o Brasil aos interesses americanos, mas uma orientação geral de ação diplomática. Cheio de simpatia humana, Nabuco identificava-se com as nações em que servia. Seria injusto dizer, entretanto, que essa identidade vinha em prejuízo dos deveres do diplomata para com o seu próprio país. Nabuco nunca deixou de ser profundamente brasileiro, em todos os postos ocupados no exterior. Pode-se, por isso, perguntar se aquela simpatia maior pelos Estados Unidos não valeria como um fator de êxito para a missão diplomática que ele exercia.

O que seria absurdo, e incompatível, é que Nabuco fosse too British em Roma ou vice-versa. Ministro plenipotenciário, ou embaixador, que se não mostre muito amigo do país em que serve, deixa de tornar-se útil à sua própria nação, pois que compromete a eficiência de sua representação.

Oliveira Lima não se detinha nesse argumento. Destacado na Venezuela, via o panamericanismo sob prisma completamente diverso, dada a animosidade que havia nas Repúblicas hispano-americanas contra os Estados Unidos, ainda presos às trepadeiras de Teodoro Roosevelt. Além dessa influência, deve-se acrescentar com o temperamento de Oliveira Lima, quase sempre unilateral na apreciação de tais fatos.

Se Oliveira Lima ficasse na tese geral, estaria tudo certo. Convinha mesmo que não fosse tão American na Venezuela. Coordenando os excessos das duas atitudes, a de Oliveira Lima e a de Nabuco, a chancelaria brasileira continuaria a manter as tradições de independência de nossa política diplomática, o que Rio Branco, aliás, não deixou de fazer. O discurso do chanceler, na abertura da Conferência Panamericana do Rio de Janeiro, soube definir a autonomia de nossa atitude, como reconheceu o próprio Oliveira Lima, na dedicatória de seu livro Panamericanismo, procurando dar a impressão de incompatibilidade entre as teses de Nabuco e Rio Branco. Na verdade, o que havia era a diferença da situação dos dois diplomatas. Se fosse ministro do Exterior, Na-

buco teria falado muito provavelmente, a linguagem de Rio Branco, que, por sua vez, em Washington, não desprezaria a vantagem de tornar-se too American.

O pior era que Oliveira Lima achava que devia, nas cartas destinadas ao próprio Nabuco, insistir nas críticas ao panamericanismo do nosso embaixador. Nabuco tolerou a primeira censura. Mas o cansaço, o aborrecimento, era inevitável. Um dia, ele dirigiu a Oliveira Lima um apólogo pitoresco. Narrou que havia encontrado, no Rio, um amigo de mocidade, que o abraçava entre exclamações de surpresa:

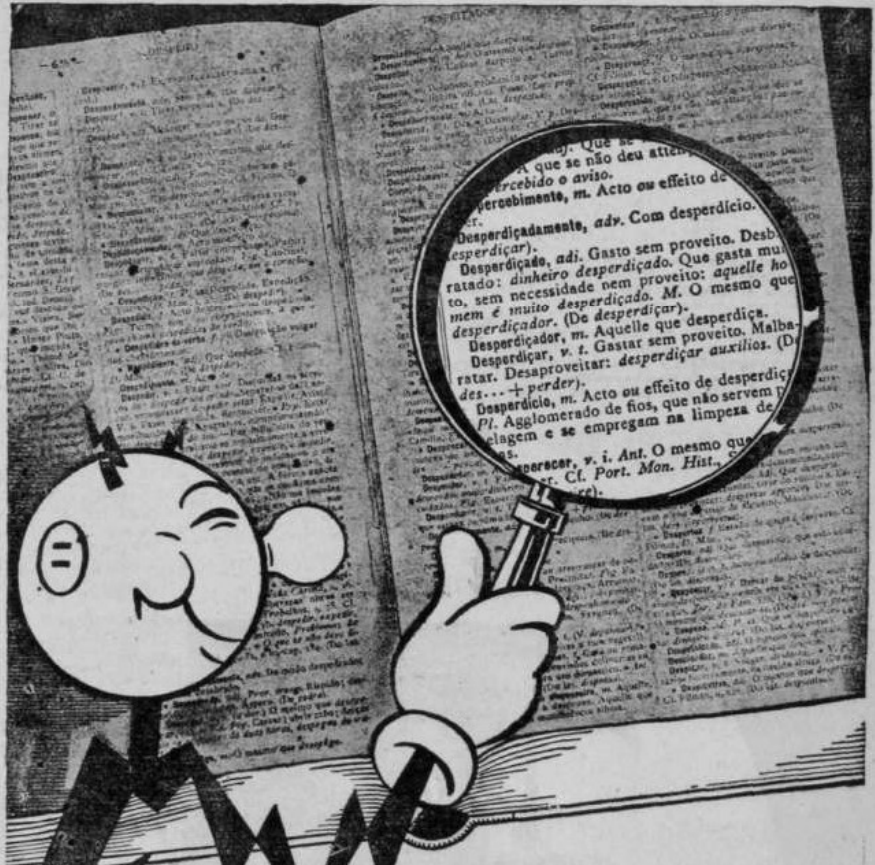
— Oh! Nabuco! Você está muito encanecido! Nabuco poderia ter dito no interlocutor:

— Você só não está tão encanecido quanto eu porque pinta os cabelos.

Preferiu não responder. Em suma, o que ele queria dizer era que Oliveira Lima discordasse, como entendesse, da atitude de nosso embaixador em Washington, mas que lhe fizesse o obsequio de não dizer essas censuras, ou pensamentos, nas cartas que lhe escrevesse. O sermão do remaninho, entretanto, era tempo perdido. Porque Oliveira Lima, diante do apólogo, respondeu:

— Pois o que eu diria em primeiro lugar, era justamente o que você achava que devia calar.

Conflito de temperamentos, um discreto, tolerante, cético; o outro não compreendendo discordâncias. Porque não pode continuar as suas cartas, Oliveira Lima resolveu escrever todo o volume de "Memórias", no qual aparece como um mistificador do Além-Túmulo, dirigindo epístolas póstumas a defuntos, que também já desertaram do mundo dos vivos.



DESPERDIÇAR não é grandeza!.

... diz o provérbio. Bem sei que os consumidores de minha Companhia que desperdiçam electricidade o fazem sem pensar. Tão simples é ligar um computador e tão baixo o preço dos serviços que presto, que não ocorre, a todos, poupá-los, por julgarem ser a electricidade, hoje em dia, abundante.

Entretanto, a escassez de energia elétrica constitui, atualmente, um problema mundial e, por isto, não julgo impertinência, lembrar que tal desperdício se poderá reflectir na vida das indústrias, do commercio, nos transportes e noutros setores — diz "Seu" Kilowatt, o criado elétrico.

Acontecimento de maior relêvo na vida da cidade, a apresentação dos novos

Studebaker 1950!

LANÇADOS EM PRIMEIRA MÃO
★ NO BRASIL! ★

NOVO EM CONCEPÇÃO!

REVOLUCIONÁRIO EM CONJUNTO!

CORES MAIS BELAS!

MAIS ECONOMIA!

ESTILO

QUE PERDURARÁ NO FUTURO!



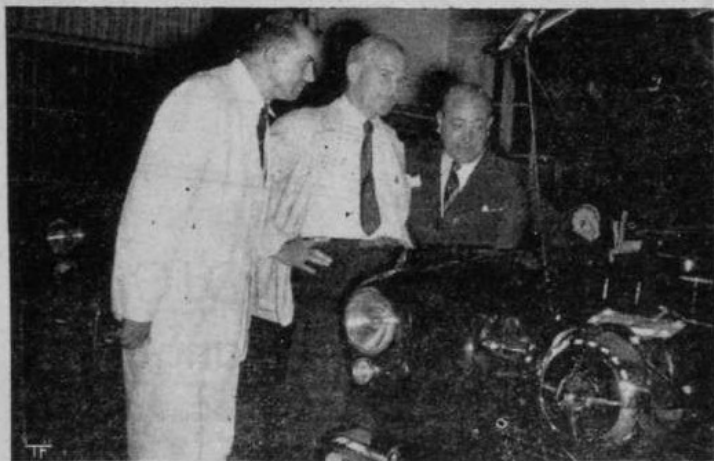
Foi um acontecimento de grande repercussão na vida da cidade, a apresentação oficial dos novos STUDEBAKER 1950 pelo seu distribuidor no norte do país, IBRAHIM NEJAIM, aliás num lançamento sensacional em primeira mão no Brasil.

As figuras de maior relêvo da sociedade, do comércio, da indústria, de todas as classes enfim fizeram-se presentes no Edifício IBRAHIM, à rua Imperial, aplaudindo a performance dos novos modelos 1950 STUDEBAKER e levando ao seu distribuidor as suas felicitações por mais essa conquista de sua firma e da grande marca de automóveis de preferência mundial.



STUDEBAKER

Símbolo de excelência em automóveis e caminhões no mundo inteiro
Distribuidor para o norte do Brasil: IBRAHIM NEJAIM
Revendedores nas principais cidades do norte do país



Entre as numerosas pessoas presentes à reunião no Edifício Ibrahim, por ocasião da apresentação oficial dos novos modelos Studebaker 1950, viam-se o general Americano Freire, comandante da Sétima Região Militar e prefeito Moraes Rêgo que na primeira foto aparecem ao lado do sr. Ibrahim Nejaim e outras autoridades e pessoas gradas. Na segunda fotografia o sr. Ibrahim Nejaim em expressivo flagrante quando ressaltava as novas características do STUDEBAKER 1950 aos consules Miller, dos Estados Unidos, e Stipanic, da Argentina.

INAUGURADO O CONJUNTO RESIDENCIAL "PRESIDENTE DUTRA", NO BONGI

Realizou-se, a 29 de outubro, a inauguração do Conjunto Residencial Presidente Dutra, empreendido pelo IAPETC, em Aposentadoria e Pensões dos Empregados em Transportes e Cargas (I. A. P. E. T. C.), localizado no Bongí, numa transversal à Avenida Caixanga.

Ao ato estiveram presentes numerosas pessoas, anotando-se entre outras muitas, o governador Barbosa Lima Sobrinho, o secretário da Agricultura, dr. Barros Barreto, tenente Jaime Barros Barreto, representante do brigadeiro do ar Alvaro Hecksher; o industrial Luiz Dubeux, presidente da Liga Social Contra o Mocambo; representantes dos comandantes da 7a. Região e do 3.º Distrito Naval, o sr. Humberto Gendim, representante do Diretor da Docas do Porto do Recife, sr. Hélio Coutinho; o sr. Hermínio Barroso, representando o sr. Raimundo Torreão, delegado do Instituto dos Comerciantes; representantes do dire-

tor do Saneamento do Estado, do IPASE, dos Correios e Telégrafos, sr. Gaúlleu Falconi de Carvalho, representando o prefeito Moraes Rego; professor Nelson de Melo, diretor do Hospital Magit; engenheiro Maurício Coutinho, representante do I. A. P. E. T. C.; sr. João Dubeux, cônsul do México; comerciantes, comissões dos sindicatos dos armazeneiros, dos rodoviários, da resistência, do carvão e da estiva, várias famílias e associados do IAPETC, jornalistas Hildebrando Lobo e Fernandes de Barros, e grande massa popular.

FALA DO DELEGADO DO I.A.P.E.T.C

Em diversos Estados, vários melhoramentos do IAPETC foram, ontem, inaugurados, em comemoração à data. Em Pernambuco, o Conjunto Residencial "Presidente Dutra", concluído sob a orientação do atual delegado dessa autarquia, sr. Fran-

Compareceram à solenidade o sr. Barbosa Lima e outras altas autoridades civis e militares -- Teceu o governador do Estado as mais lisonjeiras referências aos empreendimentos do IAPETC -- O discurso do sr. Francisco Barreto, delegado da autarquia

cisco Barreto Sobrinho com suas 148 casas serviu de comprovação do interesse com que a mencionada autarquia vem ao encontro dos interesses dos seus associados.

No ato inaugural, usou da palavra o sr. Francisco Barreto Sobrinho, que pronunciou o seguinte discurso:

Exmo. sr. Governador do Estado.

Sr. Comandante da 7a. Região Militar.

Sr. Comandante do 3.º Distrito Naval.

Srs. Secretários do Governo, associados do IAPETC, meus senhores e senhoras.

A inauguração da Vila que terá o nome do grande Presidente Eurico Gaspar Dutra, que ora se realiza, nesta data histórica, na presença das mais altas autoridades civis e militares, federais, estaduais e municipais, tem um sentido mais profundo do que pode parecer. Testemunha, antes de tudo, o valor da democracia como sistema de governo, em que o individual está superado pelo social. Essas casas residenciais que se inauguram representam novas famílias que aqui se estabelecem, formando os elementos de segurança de que a sociedade precisa para tranquilidade e bem estar da Nação.

Vê-se, assim, que a aplicação das reservas do IAPETC em operações imobiliárias se enquadra perfeitamente no vasto plano de governo do general Eurico Gaspar Dutra.

Hilton Santos soube com inteligência corresponder à confiança que o mais alto magistrado da Nação lhe depositou, atribuindo-lhe a grave responsabilidade dos destinos do IAPETC. Nada de improvisos. Nada de surpresas. Há um continuo eplan de realizações em toda a sua profícua administração. Completamos hoje a inauguração de vilas, atingindo com a atual um total de 521 casas residenciais.

A tranquilidade do seu espírito repousa no patrimônio que o IAPETC lhe proporcionou.

Dentro em breve, neste mesmo local, será entregue aos cuidados do IAPETC o moderníssimo hospital, obra gigantesca convertida em realidade graças ao dinamismo incomparável do presidente Hilton Santos.

Eis o segredo da reforma social que o presidente Dutra vem paulatina e eficientemente realizando, sem obra de fachadas, sem discursos demagogos de praça pública, sem propagandas, sem estardalhaço.

Outras operações, pela segurança e vantagem de suas realizações, poderiam atrair o financia-

dor. Mas há uma finalidade mediata a ser atingida nas operações imobiliárias que se objetiva num benefício de ordem social. A casa própria. O trabalhador que a posse constitui uma força viva de integração social. Há apenas um único lema: -- servir à causa pública, fazendo sentir em cada gota da administração a noção de responsabilidade e o sentido exato do bem estar coletivo.

Nunca atravessamos um período governamental de tanta tranquilidade. Respira-se em todos os recantos do Brasil o ar de liberdade, sem arrefecimento da ordem ou violação dos sagrados direitos do homem.

Enquanto sobrio se detreuve o ambiente internacional, neste momento em que um clima de insegurança paira na velha Europa, compete a nós brasileiros, ou melhor a nós americanos, revelar ao mundo que a nossa hora sou.

Abre-se um novo capítulo na história universal: -- é a página da América, oferecendo ao mundo esta prova do quanto somos capazes, realizando a verdadeira democracia, regimen que assenta as suas bases na reciproca confiança entre governantes e governados."

A seguir, pediu ao governador Barbosa Lima Sobrinho, para cortar a fita simbólica, depois do que foram percorridas algumas das casas do conjunto residencial, colhendo o chefe do Executivo pernambucano e demais pessoas presentes, magnífica impressão.

Trata-se de 25 casas conjugadas (50) residências, cada uma a 40 mil cruzeiros para os associados) e de 96 casas de 30 mil cruzeiros cada, construídas em grupos de 6, na Estrada do Bongí, devendo todas ser entregues aos candidatos inscritos no fim de novembro e começo de dezembro.

VISITA AO HOSPITAL DO I.A.P.E.T.O

Seguiu-se a visita ao Hospital do IAPETC, cuja construção se acha bastante adiantada. Aliás, será o maior nosocômio do Nordeste do Brasil e já dispôs o IAPETC nas obras do mesmo cerca de 25 milhões de cruzeiros, incluindo a aquisição de maquinaria para os serviços.

Ouvido após a visita, o governador Barbosa Lima teceu as mais lisonjeiras referências aos empreendimentos desse Instituto. Tocou durante a inauguração a banda de música do Exército.



Frangente da inauguração do Conjunto Residencial Presidente Dutra, quando discursava o sr. Francisco Barreto Sobrinho, delegado do IAPETC, neste Estado

A revista NORDESTE lançará em dezembro:

Provincianas

livro de crônicas literárias de

ADERBAL JUREMA

(Capítulos sobre Lins do Régio, Alvaro Lins, Gilberto Freyre, Murilo Mendes, Anibal Machado, Lúcio Cardoso, Werneck Sodré, Silvino Lopes e outros).

AGUARDEM OUTRAS EDIÇÕES "NORDESTE"!

EM 31 DE AGOSTO DE 1936	
Capital e reservas	Cr\$ 625.901,40
Depósitos	512.564,40
Empréstimos	137.563,10
Descontos	654.702,50
Ativo e Passivo	2.623.569,90

EM 31 DE JULHO DE 1940	
Capital e reservas	Cr\$ 25.626.407,40
Depósitos	106.632.178,90
Empréstimos	45.575.796,00
Descontos	73.781.682,29
Ativo e Passivo	266.182.001,90

DIRETORIA ATUAL

Diretor-Presidente: Dr. José Adolfo Pessoa de Queiroz
 Diret. Vice-Presidente: Sr. Jorge Dantas Bastos
 Diretor-Secretário: Dr. Murilo de Barros Guimarães
 Diretor-Adjunto: Sr. Marcelino Ferreira de Azevedo
 Diretor-Gerente: Sr. Jaime Ferreira dos Santos



Perspectiva do futuro Edifício-Sede do Banco Comércio e Indústria de Pernambuco S.A., cujas obras de construção já se encontram na sua última fase

TREZE ANOS DE BONS SERVIÇOS AO DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO DE PERNAMBUCO E DO BRASIL!

A 31 de agosto passado festejou o Banco Comércio e Indústria de Pernambuco S.A. a passagem do 13.º aniversário de sua atual fase, que assinala o início da gerência do comendador Jaime Ferreira dos Santos.

Conquanto um acontecimento da vida interna do estabelecimento, o fato tem sua justa repercussão na vida econômico-financeira do Estado, pois sob a gerência do banqueiro Jaime Ferreira dos Santos, o Banco Comércio e Indústria de Pernambuco S.A. fixou-se definitivamente no aparelhamento bancário do Estado e do país, como uma de suas mais sólidas e mais eficientes instituições de crédito.



Sede atual do Banco, à Avenida Rio Branco, 155, no Recife

O I.A.A. SAIU DO PRIMEIRO CONGRESSO AÇUCAREIRO MAIS FORTALECIDO

Declarações do Sr. José Pessoa de Queiroz, presidente da Cooperativa dos Usineiros de Pernambuco



O industrial José Pessoa de Queiroz, na ocasião em que embarcava para o Rio a fim de tomar parte no Primeiro Congresso Açucareiro Nacional, promovido pelo Instituto do Açúcar e do Alcool

Concluídos os trabalhos do 1.º Congresso Açucareiro Nacional, procuramos ouvir o sr. José Pessoa de Queiroz, presidente da delegação de Pernambuco e da Cooperativa dos Usineiros desse Estado. Deu-nos s.s. as seguintes impressões:

— "O 1.º Congresso Açucareiro Nacional excedeu todas as nossas expectativas. Estavam presentes não só representantes das duas classes, de usineiros e fornecedores de cana, bem como representantes dessas duas classes, de doze regiões açucareiras do país, todos com as suas necessidades e reivindicações. Cerca de 150 teses, indicações e memoriais foram apresentados, discutidos e votados.

Apesar do critério de paridade entre as duas classes, para efeito de situações em face da solução dos nossos problemas, os presidentes das sub-comissões e dos plenários, não se utilizaram uma só vez que fosse do seu voto de desempate. Não havia pois, questões fechadas para as classes, ou para as diferentes regiões. E, dentro desse espírito de fraternidade, foram alcançados resultados surpreendentes. Destacamos quatro assuntos fundamentais e mesmo vitais para a indústria açucareira nacional. São eles: a limitação, o Banco do Açúcar, a diferenciação da rentabilidade das empresas e a função complement

tar da Companhia Usinas Nacionais.

Sobre a questão da limitação, que foi, na realidade o ponto culminante do Congresso e a garantia para os produtores e consumidores, disse-nos o nosso entrevistado:

— "Preciso ressaltar o espírito de compreensão, e mais do que isso, de renúncia voluntária, espontânea, da ilustre e culta delegação de São Paulo, presidida pela figura de homem público que é o dr. Sales Filho. Sabemos todos que existe uma lei assegurando a ampliação das quotas de produção, em função do consumo local. Ora, esse decreto é realmente prejudicial aos interesses do Nordeste, que teria a sua produção estabiliza-

da, comprimida nos limites atuais, desde que o grande aumento de consumo se processa nas regiões meridionais do país. Seria a sua execução altamente pernicioso ao espírito de justiça que vem norteando a política açucareira desde 1933. Advogamos a revogação desse decreto, com a volta ao critério de proporcionalidade sobre a limitação reajustada de acordo com a maior safra do quinquênio de liberação, isto é, de 1944-45 a 1948-49. São Paulo secundou a ação da delegação de Pernambuco, e vimos no plenário, numa demonstração democrática de votação a vitória de nossa proposição, por uma contagem de 46 x 14 votos. Vamos iniciar, agora, a ação para ser concretizada esta aspiração da maioria absoluta da família açucareira nacional."

Quanto ao Banco do Açúcar, disse-nos s. s.:

— "No decreto que criou o I. A. A. há uma referência expressa à criação de um banco para a indústria do açúcar. Somente 16 anos após a criação da autarquia foi possível delinear-se a sua criação, através do pronunciamento da classe dos usineiros. Esse Banco terá por finalidade financiar o açúcar, o equipamento industrial e complementar à ação altamente benéfica do Banco do Brasil, que muito tem feito pela indústria açucareira. O plenário do Congresso aceitando por unanimidade a criação do Banco, recomendou a nomeação de uma Comissão para elaboração dos estatutos e demais providências. Esperamos que até o fim do ano

esses estudos estejam ultimados de molde ao Banco se tornar realidade no próximo ano de 1950."

Um dos pontos nevrálgicos do Congresso era a tese do preço único. Sobre esse assunto, disse-nos o sr. José Pessoa de Queiroz:

— "Retiramos num gesto de retribuição à gentileza dos usineiros de São Paulo, a tese do preço único. Apresentamos em conjunto uma recomendação a fim de que o Governo Federal e o I. A. A. procedessem a um estudo minucioso da situação provocada pelas desvantagens decorrentes da posição geográfica dos produtos nordestinos. Aconselhou-se nesse importante documento, a atenuação dessas desvantagens para que os produtores encontrem uma melhor rentabilidade para as suas atividades açucareiras. Tudo isso sem acarretar qualquer parcela de prejuízo para os produtores das demais zonas açucareiras do país, e sem modificação dos direitos que lhes são atualmente assegurados, ressalvados, está claro, os decorrentes da adoção do critério de proporcionalidade para os aumentos das quotas."

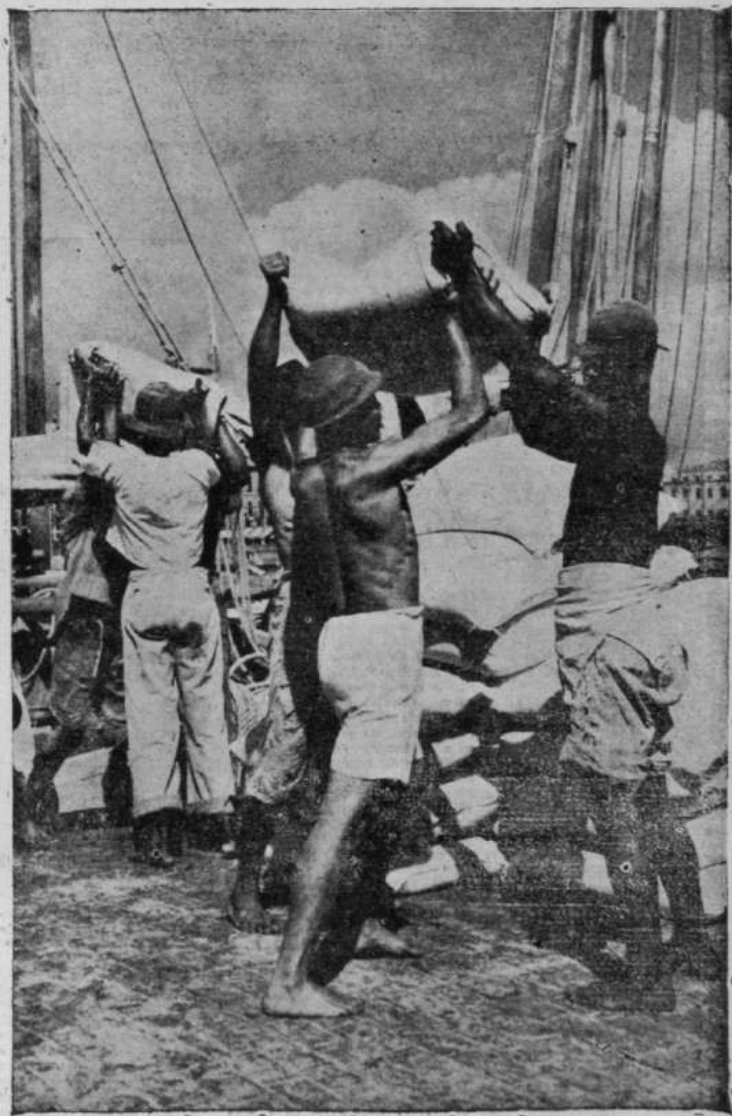
Chegámos afinal ao 4.º ponto da nossa entrevista, sobre a função complementar da Companhia Usinas Nacionais. Disse-nos o nosso entrevistado:

— "Dotámos a tese da reversão das ações da Companhia Usinas Nacionais para os produtores porque essa iniciativa partiu do anterior presidente do Instituto do Açúcar e do Alcool. No plenário, porém, sur-

giram considerações de ordem técnica e jurídica para a transferência dessas ações. Insistir seria tumultuar os trabalhos e não chegaríamos a uma solução razoável e construtora. Preferimos, porém, que as ações da Companhia permanecessem em mãos do I. A. A. Complementar da defesa dos preços. Por isso, a assembléia dos produtores, tendo em vista que o preço do açúcar refinado é invariável e tabelado, não se justificaria jamais que o órgão-apêndice do I. A. A. fizesse movimento bastista em prejuízo dos produtores, fornecedores de açúcar em rima. Recomendou-se então ao I. A. A. que não permitisse a C. U. N. comprar por preço inferior àquele que o próprio I. A. A. praticamente dono da C. U. N., fixou nos planos de safra. Com essa conquista justa os produtores se ajustavam em relação ao problema da reversão das ações, que continuarão, assim, com o I. A. A."

Finalizando, disse-nos o sr. José Pessoa de Queiroz:

— "Fendo publicamente um preto de justiça ao presidente do I. A. A. que teve uma verdadeira consagração pública, pela confiança que demonstramos em sua ação e no Instituto. E a nossa confiança se avolumou, quando a s. declarou, sem rebouços, que executará e acatará as recomendações do Congresso Açucareiro, que foi um ato de fé irrestrita na organização autárquica da produção açucareira do país. O I. A. A. saiu dessa experiência democrática mais fortalecido e com maiores perspectivas."



O açúcar de Pernambuco embarcando para os portos do país — Foto Bersin

É preciso que Pernambuco saiba que no Primeiro Congresso Açucareiro Nacional, a indústria do álcool e do açúcar, neste Estado, saiu mais fortalecida e mais encorajada para lutar pelo progresso de sua terra natal e do Brasil

Depoimentos Sobre NABUCCO

O intelectual e a politica

... é difícil dizer se venceu a campanha da abolição, cessada a espécie de quarentena em que por motivo dela o pôs o seu próprio partido, a politica, com as suas tentações de Messalina — a alcunha é de Otaviano — dando todas as satisfações de suas justas ambições, não acabaria por fazer dele, como deite atencioso da rua do Ouvidor, apenas mais um senador ou um chefe de partido. Não o conceito, aliás, muito bem acasta última posição, para a qual creio não o talhou o seu temperamento aristocrático. Também não creio que o gesto do seu espirito e do seu caráter lhe propiciasse fácil caminho na politica partidária do país. Sendo antes a crer que a insubmissão que sempre revelou lhe seria estorvo ao acesso aos altos postos. A sua maneira politica era evidentemente antipática ao meio. Precioso aliado na opposição, era um amigo inquietador ao governo. Tinha idéias, e gostava de manifestá-las, e então, como hoje, era isso um defeito grave aos olhos dos partidos. É o caso de José de Alencar, de D. Barbosa, de Taunay, e de outros. Tais sujeitos têm sido sempre mal encarados pela nossa politica. Os intelectuais são vistos com desconfiança por ela. A vida do sr. J. Nabucco, como nos descreve a de seu pai, seria sendo toda interior — a campanha abolicionista mostra-o capaz de exteriorizar-se — "cerebral", e a sua intelligencia, sempre em trabalho, o tornaria impróprio, como diz aquele aconchegado, "para tudo que em politica é competição pessoal, luta viciosa pelo poder, conflito de interesses secundários". Formulando este conceito sobre seu pai, o sr. Joaquim Nabucco julgou-se talvez melhor a si mesmo.

José Veríssimo

Escritor e homem público

A história literária o reclama antes de tudo, sendo nele um orador como poucos e um prosaista igualmente como poucos. Mas o seu falar e o seu escrever tiveram sempre uma subtileza própria, matéria plástica que dava vigor à sua forma brilhante: a doutrinação politico-social.

É por isso que a história politica não deixa de reclamá-lo também por sua ação no parlamento e no abolicionismo.

Se, por desgraça, tivesse falecido antes das nobres incumbências que lhe outorou a República, se falaria agora nele no mesmo tom em que se fala hoje: teríamos o nosso Joaquim Nabucco tal qual é.

Silvio Romero

Um historiador que é um artista

A história, nas suas mãos, era uma arte fina e delicada, comovida e brilhante, onde as idéias e o estilo corriam de par com o mesmo fulgor e o mesmo encantamento persuasivo. Há páginas suas que lembram Michelet pela magia das imagens, pela vibração do pensamento, pela rapidez da visão, e, especialmente, pela força suggestiva da sua eloquência espontânea e transfiguradora. Com meos gênio que o historiador romântico, ou melhor, sem o seu gênio e a universalidade da sua cultura, Joaquim Nabucco sabia imprimir ao seu feito de escritor um caráter racional, uma serena preocupação de ordem no conceito penetrante e na frase graciosa, e um sábio equilíbrio, raros em Michelet. Apesar da sua eloquência fácil, não lhe era peculiar uma certa imprudência repugnaria semelhante escamoteio,

ao seu sincero pudor de aristocrata tal atitude haveria de parecer irracional sobre extravagante. É que ele não se sujeitava ao jugo perigoso das palavras, porém utilizava-se delas com uma perfeita ciência dos seus valores práticos. Nabucco, deve-se acentuar, não é apenas um escritor elegante, mas um pensador capaz, a todo momento, de se tornar um grande artista plástico.

Ronald de Carvalho

Sua formação intelectual

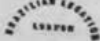
A formação intelectual de Joaquim Nabucco foi anterior ao predomínio das ciências na cultura, e assim ele se fez, apesar da profunda intuição que teve das leis da natureza, um espirito criado no influxo do humanismo e a sua sensibilidade e a do romantismo no instante em que este apenas se desprende do classicismo, no principio do século dezesseis. Mas nesta sensibilidade ele trouxe para o Brasil o gosto europeu, a alta distinção intelectual, e uma expressão nova que nos liberta do velho estilo lusitano, agora incapaz de reproduzir todas as cores do arco-iris da nossa poesia. Que importa que ele não possuísse essa intimidade com a lingua portuguesa, como ele mesmo reconhece numa dessas admiráveis confissões de relatividades que o engrandecem?

Graça Aranha

Aristocracia e povo

Como explicar esse aparente paradoxo de um espirito puramente de uso entre os nossos publicistas.

Julho 16' 1901



Meu caro Sr. Medeiros de Albuquerque,

Eu gostaria agradecer-lhe todos os esforços do seu discurso a meu respeito, mas prefiro, sendo de lado este tratado quasi forçado, (mas creio que duvidará sobre a sinceridade d'isto), felicitá-lo pela linguagem da forma e pelo conteúdo da obra de seu, novo estilo. O estilo com todos os seus quasi temido e a transformação da vida, uma aphantrophia, a da exasperação talvez, e o Sr. está reabrindo na regra. Em literatura a' processos com o dia da conservação de liberdade em que se tem de queimar o que se adora e

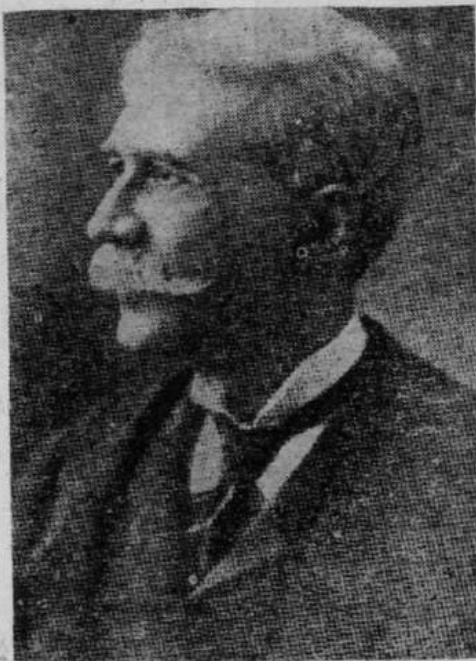
vice-versa. Em todo o caso deu-me grande prazer ler, um prazer a que não era estranho a minha gratidão de autor e a de confidante. Felicite também o Machado por mim.

O sabiá na festa de Gonçalves Dias não canta da palmeira, mas canta deu fado o nome

Assim parece que a nossa Academiense e funciona fora das nossas portas. O que lhe faria grande bem, creio, seria dar-nos a nós ausentes, que somos tantos, o direito de votar. Assim continuaríamos a trabalhar por ella e com ella

laudando a todos os da nossa quarentena e creio-me que Affonso Joaquim Nabucco

Carta de Nabucco a Medeiros de Albuquerque



JOAQUIM NABUCCO (Retrato pelo artista pernambucano Filho de Oliveira)

A sua intelligencia de analista mente apollinea, que se dedica a causas vivamente diabolicas (se é possível dizer...) num meio claramente primitivo e semi-bárbaro? Como explicar a harmonia de tanta superioridade com tanta mediocridade? É que Nabucco, com o poder incomparavel de irradiação que

possuia, elevava tudo o que tocava o povo que subia. Somos nós, até hoje, que andamos ao seu lado. Não nos sentimos mais serenos em contacto com a sua serenidade. É o povo que o aplaudia delirantemente, nos dias de seus grandes triunfos oratórios, via-se a si mesmo na cava. Não era ele que descia,

em franca ebulição, -- todas nós nos refugiámos em Joaquim Nabucco nas horas mais sombrias, nas horas de maior negação. Ele é até hoje um abrigo para as nossas desesperanças. Ele nos tira, do alto da sua olimpica beleza, um pouco de frescura para o afogamento das nossas irritações, um pouco de doçura às amarguras constantes do nosso presente.

Tristão de Ataíde

Sentido revolucionário

Era natural que a rotina pretense contra Nabucco: "Petroleiro!" "Anarquista!" "Comunista!" A verdade é que Joaquim Nabucco não pertencera rigorosamente, na sua vida pública, a "ismo" nenhum. Foi, porém, a seu modo -- isto é, sem decorar passivamente, com mentes estrangeiras, lições para recitá-las nos dias de festa -- um dos maiores revolucionários que passaram pela politica brasileira. Um grande independente na sua maneira de ser homem público.

Gilberto Freyre

A parte do coração

O homem bom, no melhor e mais alto sentido, venceu o diabolante, sobrepujou o esteta. O belo e olimpico Joaquim Nabucco sentia-se irmão dos negros escravos, pôs a serviço deusa o que afinal mais conta na espécie humana -- o coração. Em vez de narcisismo, dádiva do si mesmo a causa de humildes criaturas com que fraternalmente se identificou.

Otávio Tarquínio de Souza

O homem e o estilo

Ainda neste estilo o que nos seduz sobretudo é a superioridade pessoal do homem, de que é, nos seus caracteres, a expressão mais luminosa, o equilíbrio magnífico do espirito e do coração; a comundancia ritmada de imaginativa com o raciocínio; da capacidade critica com a expansão criadora, e ainda com traços fortes do caráter; o amor áustro da glória, o orgulho de suas ações e de suas obras, o culto consciente de sua personalidade.

Gilberto Amado

SUMÁRIO

NUMERO DEDICADO AO PRIMEIRO CENTENÁRIO DE JOAQUIM NABUCCO

CONFERENCIAS, DISCURSOS E ARTIGOS DE Samuel Mac Dowell * Anibal Freire * Arnaldo Marques * Aloysio de Carvalho Filho * Manuel Diégues Júnior * Artur Reis * Anibal Fernandes * Barbosa Lima Sobrinho * Yvonildo de Souza * Waldemar de Oliveira.

CORRESPONDENCIA de Joaquim Nabucco e Machado de Assis.

Depoimentos sobre Nabucco * Tópicos * Fotografias.

TEATRO por Hermilio Borba Filho

MÚSICA por Gastão de Holanda

DESENHOS de M. Bandeira * Filho de Oliveira * Zuleno * Ladjane.